



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL**

**ABUSO DIGITAL NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS: UMA
PERSPECTIVA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E DO MODELO
GERAL DA AGRESSÃO**

JAQUELINE GOMES CAVALCANTI

**João Pessoa-PB
2019**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL**

**ABUSO DIGITAL NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS:
UMA PERSPECTIVA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E DO
MODELO GERAL DA AGRESSÃO**

Jaqueline Gomes Cavalcanti
Doutoranda

Maria da Penha de Lima Coutinho
Orientadora

**João Pessoa-PB
2019**

JAQUELINE GOMES CAVALCANTI

**ABUSO DIGITAL NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS: UMA
PERSPECTIVA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E DO MODELO
GERAL DA AGRESSÃO**

Tese de doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba como requisito para a obtenção do título de Doutor em Psicologia Social. Orientadora: Professora Doutora Maria da Penha de Lima Coutinho

**João Pessoa-PB
Agosto/2019**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C376a Cavalcanti, Jaqueline Gomes.

Abuso digital nos relacionamentos amorosos: uma perspectiva das representações sociais e do modelo geral da agressão / Jaqueline Gomes Cavalcanti. - João Pessoa, 2019.

225 f. : il.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHL.

1. Abuso digital. 2. Ciúme romântico. 3. Relacionamentos amorosos. 4. Modelo Geral da Agressão. 5. Representações sociais. I. Título

UFPB/CCHLA

**ABUSO DIGITAL NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS: UMA
PERSPECTIVA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E DO MODELO
GERAL DA AGRESSÃO**

Jaqueline Gomes Cavalcanti

BANCA AVALIADORA:



Profa. Dra. Maria da Penha de Lima Coutinho (UFPB, *Orientadora*)



Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel (UFPB, *Membro Interno*)

Profa. Dra. Shirley de Souza Silva Simeão (UFPB, *Membro Interno*)

Profa. Dra. Viviany Silva Araújo Pessoa (UFPB, *Membro Interno*)

Profa. Dra. Fabrycianne Gonçalves Costa (IESP, *Membro Externo*)

AGRADECIMENTOS

Antes de iniciar com a apresentação desta tese, não poderia deixar de registrar minha gratidão a pessoas que foram primordiais para conclusão dessa etapa em minha vida. Primeiramente agradeço a **Deus** por ter me capacitado desde a minha inserção ao Programa de pós de graduação em Psicologia social até minha defesa. Sem Ele, nada disso seria possível.

Em um segundo momento, agradeço a minha orientadora, Professora Doutora **Maria da Penha de Lima Coutinho** por me acolher, ainda cedo enquanto eu cursava Psicologia, no Núcleo de Pesquisa Aspectos Psicossociais da Prevenção e Saúde Coletiva em que me apresentava como aluna de iniciação científica e depois como aluna de mestrado. Nesse percurso pude crescer teoricamente e metodologicamente me permitindo galgar grandes oportunidades de publicações e inserção profissional. Agradeço pelas valiosas orientações, por suas críticas sempre construtivas, pelo incentivo, sua alegria e otimismo, por acolher minhas ideias, por permitir que eu crescesse, por abrir portas. Minha eterna gratidão por essa rica oportunidade de aprender. Espero um dia poder retribuir a todo carinho, cuidado e confiança atribuída a mim.

Aos colegas que conquistei no curso acadêmico desde a graduação: **Adriele Vieira, Karla Costa, Emerson Do Bu, Lidiane Araújo, Denise Reinaldo, Fabrycianne, Ana Cristina, Andrade, Márcio Coutinho, Tamyres Paiva, Maria Aparecida, Jéssica Queiroga, Lívia Braga**. Desses, um agradecimento especial a **Adriele Vieira**, companheira de doutorado, por ser uma parceira nessa caminhada de pós graduação há aproximadamente 5 anos, por ter compartilhado conquistas e desafios ao meu lado.

Ao membro da banca, Professor Doutor **Carlos Eduardo Pimentel**, que além de inspiração é um grande amigo. Fica minha gratidão por tantos anos que estive ao meu lado enquanto professor, me auxiliando em artigos e análises estatísticas bem como, pela colaboração de sempre.

As Professoras Doutoras **Shirley de Souza Silva Simeão**, **Viviany Silva Araújo Pessoa** e **Fabrycianne Gonçalves Costa** pela disponibilidade em dedicar um tempo para leitura da tese, bem como, pelas ricas contribuições na qualificação, que a aprimoraram ainda mais.

Ao **Programa de Pós-graduação em Psicologia Social** da Universidade Federal da Paraíba e a todos os professores que participaram da minha formação.

Ao **CNPq** pela bolsa de pesquisa concedida que proporcionou minha dedicação exclusiva aos estudos e ao desenvolvimento de pesquisas.

À minha mãe **Deusa Maria Gomes Cavalcanti**, quem mais investiu em mim, na minha educação. Por sempre se doar e acreditar na minha escolha enquanto profissional. Por todo apoio e presença, por ser uma grande inspiração de coragem, responsabilidade, persistência. Ao meu pai **Ednilson Lopes Cavalcanti**, que juntamente com minha mãe, possui um importante papel na construção da pessoa que sou hoje. Aos meus queridos irmãos **Júnior** e **Rodrigo Gomes Cavalcanti**, por serem mais que irmãos, mas, amigos. Por confiarem, torcerem e me apoiarem nessa empreitada que escolhi seguir.

Por último, mas não menos importante, ao meu, esposo, **Caio César de Lima Sá**, por ser meu grande incentivador, torcendo por mim, me motivando, acreditando e confiando no caminho que trilhei. Por me consolar em momentos de dificuldade e desânimo, por sonhar comigo a concretização desse sonho. Sem ele, essa caminhada seguramente seria muito mais árdua.

" No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência."
(Zygmunt Bauman)

RESUMO

A presente tese buscou conhecer os fatores de risco associados ao Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos (ADRA), tomando por base a Teoria das Representações Sociais e o Modelo Geral da Agressão. Para alcançar tal objetivo, foram delineados 5 estudos. O Estudo 1 objetivou fazer um levantamento de pesquisas empíricas relacionadas ao abuso digital nos relacionamentos amorosos, conhecendo suas prevalências, instrumentos de avaliação e fatores de risco associados. Foram analisados 39 artigos referentes aos últimos 10 anos (2008-2018). Os resultados apontaram que esse fenômeno emerge como um fenômeno psicossocial, podendo ser ocasionado por fatores de risco de diversas ordens, tais como: sociodemográficos; relativos ao relacionamento; familiares, psicológicos, relacionados às percepções, normas e crenças. O Estudo 2 buscou apreender as representações sociais (RS) de universitários brasileiros acerca do abuso digital nos relacionamentos amorosos. Participaram da pesquisa 447 participantes os quais responderam à Técnica de Associação Livre de Palavras. Os resultados indicaram que o ADRA se ancorou na incerteza relacional contemporânea, na concepção de dominância dentro dos relacionamentos íntimos e na violação dos direitos à privacidade. Além disso, os dados revelaram que o *ciúme* se apresenta como elemento central e organizador das RS desse fenômeno, motivando ações virtuais abusivas. O Estudo 3 teve como objetivo conhecer evidências de validade fatorial e consistência interna do Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos (QADRA), por meio de análises fatoriais exploratórias. Para isso, contou-se com uma amostra de 215 participantes, com uma idade média de 28,27 (DP= 6,05; amplitude de 18 a 54). Os resultados indicaram uma estrutura bifatorial, com cargas fatoriais superiores a 0.40, e índices de consistência interna adequados. Por sua vez, o Estudo 4 buscou reunir evidências adicionais de validade (fatorial e convergente) e precisão do QADRA em uma nova amostra, a partir da análise fatorial confirmatória (AFC). Contou-se com uma amostra de 248 participantes, com uma idade média de 27,80 (DP= 6,42; amplitude de 18 a 56). Os resultados confirmaram a estrutura bifatorial, indicando-a como a mais pertinente, sendo observados bons índices de ajustes, bem como, de consistência interna. Além disso, o QADRA demonstrou validade convergente através de associações significativas com a Escala Táticas de Conflitos (violência presencial) e a Escala de Satisfação Global nos Relacionamentos. Finalmente, o Estudo 5 objetivou conhecer os efeitos diretos e indiretos da personalidade e violência tradicional entre parceiros íntimos no ADRA, tomando por base o Modelo Geral da Agressão. Para isso, delineou-se dois modelos: um para perpetração e outro para vitimização, contando com uma amostra de 356 participantes, com uma idade média de 27,05 (DP= 6,99). No que tange ao modelo de vitimização, não foram encontrados efeitos indiretos, de modo que os dados não foram confirmados. Quanto ao modelo de perpetração, os resultados apontaram que traços neuróticos em conjunto com o envolvimento em perpetração em violência presencial entre parceiros íntimos (física e psicológica) aumentam o ciúme romântico influenciando, por sua vez, no aumento de comportamentos de controle e monitoramento entre parceiros. Ademais, os achados dessa tese apresentam importantes implicações empíricas, teóricas e práticas para entender o ADRA, fenômeno ainda pouco explorado.

Palavras-chave: Abuso digital, Ciúme romântico, Relacionamentos amorosos, Modelo Geral da Agressão, Representações sociais.

ABSTRACT

This research aims to know the risk factors associated with Cyber Dating Abuse (CDA), based on a Theory of Social Representations and the General Aggression Model. To achieve this goal, 5 studies were outlined. Study 1 aimed to survey empirical research related to digital abuse in romantic relationships, knowing its prevalence, assessment tools and associated risk factors. We found and studied 39 articles related to the last 10 years (2008-2018). The results showed that this type of phenomenon emerged as a psychosocial phenomenon, which may be caused by several risk factors, such as: sociodemographic; relationship to relationship; psychological, related to perceptions, norms and beliefs. Study 2 sought to learn as social representations (SR) of Brazilian university students about digital abuse in love relationships. The study included 447 participants from the Free Word Association Information System. CDA's findings were introduced into relational uncertainty in the domain of privacy and violation of privacy rights. Moreover, the data revealed that "jealousy" presents itself as a central and organizing element of SR. Study 3 aimed to know the factorial validity and internal consistency of the Cyber Dating Abuse Questionnaire (CDAQ) through various exploratory pathways. For this, it had a sample of 215 participants, with a daily average of 28.27 (SD = 6.05; range 18 to 54). The results obtained are a two-factor structure, with levels above 0.40, and internal consistency indices. In turn, study 4 sought more recent validity variables (factorial and convergent) and made the CDAQ in a new sample, from the confirmatory factor analysis (CFA). There was a sample of 248 participants, with a daily average of 27.80 (SD = 6.42; range 18 to 56). The results are confirmed as a two-factor structure, indicating it as more pertinent, with adjustment indices as well as internal consistency. In addition, CDAQ demonstrated convergence through partnerships with Conflict Scales and Global Relationship Satisfaction Scale. Finally, Study 5 aimed to know now the direct and indirect effects of personality and traditional intimate partner violence in CDA, based on the General Aggression Model. For this, two models were outlined: one for perpetration and one for victimization, with a sample of 356 participants, with an average age of 27.05 (SD = 6.99). Regarding the victimization model, no indirect effects were found, so the data were not confirmed. Regarding the perpetration model, the results showed that neurotic traits together with the involvement in perpetration in face violence between intimate partners (physical and psychological) increase romantic jealousy influencing, in turn, the increase of control and monitoring behaviors between partners. Moreover, the findings of this thesis have important empirical, theoretical and practical implications for understanding CDA, a phenomenon that has not yet been explored.

Keywords: Digital abuse, Romantic jealousy, Love relationships, General Aggression Model, Social Representations.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo conocer los factores de riesgo asociados con el abuso digital en las relaciones amorosas (ADRA), a partir de una Teoría de las representaciones sociales y el Modelo general de agresión. Para lograr este objetivo, se describieron 5 estudios. El estudio 1 tuvo como objetivo encuestar la investigación empírica relacionada con el abuso digital en las relaciones románticas, conociendo su prevalencia, herramientas de evaluación y factores de riesgo asociados. Encontramos y estudiamos 39 artículos relacionados con los últimos 10 años (2008-2018). Los resultados mostraron que este tipo de fenómeno surgió como un fenómeno psicosocial, que puede ser causado por varios factores de riesgo, tales como: sociodemográficos; relación a relación; psicológica, relacionada con percepciones, normas y creencias. El estudio 2 buscó aprender como representaciones sociales (RS) de estudiantes universitarios brasileños sobre el abuso digital en las relaciones amorosas. El estudio incluyó a 447 participantes del Free Word Association Information System y QADRA. Los hallazgos de ADRA se introdujeron en la incertidumbre relacional en el dominio de la privacidad y la violación de los derechos de privacidad. Además, los datos revelaron que los "celos" se presentan como un elemento central y organizador de la RS. El estudio 3 tuvo como objetivo conocer la validez factorial y la consistencia interna del Cuestionario de abuso digital de la relación amorosa (QADRA) a través de varias vías exploratorias. Para esto, tuvo una muestra de 215 participantes, con un promedio diario de 28.27 (DE = 6.05; rango de 18 a 54). Los resultados obtenidos son una estructura de dos factores, con niveles superiores a 0,40 e índices de consistencia interna. A su vez, el estudio 4 buscó variables de validez más recientes (factoriales y convergentes) e hizo el QADRA en una nueva muestra, a partir del análisis factorial confirmatorio (CFA). Hubo una muestra de 248 participantes, con un promedio diario de 27.80 (DE = 6.42; rango de 18 a 56). Los resultados se confirman como una estructura de dos factores, lo que indica que es más pertinente, con índices de ajuste y consistencia interna. Además, QADRA demostró convergencia a través de asociaciones con Escalas de conflicto y Escala de satisfacción de relaciones globales. Finalmente, el Estudio 5 tuvo como objetivo conocer la IED, basada en el Modelo General de Agregación. Para esto, se delinearon dos modelos: uno para perpetración y otro para victimización, con una muestra de 356 participantes, con un promedio diario de 27.05 (DE = 6.99). En el caso del modelo de victimización, no se encontraron críticas indirectas, por lo que los datos no fueron confirmados. Con el método de perpetración, los indicadores señalaron que el rastreo de neuróticos en el marco relacionado con la perpetración en violencia presencial entre parejas íntimas (físicas y psicológicas) aumenta los celos y la perturbación de la nepess, por el momento, sin aumentar el control de cambios y el monitoreo entre las parejas. Los hallazgos que también serán importantes como empíricos, teóricos y prácticos para entender el ADRA.

Palabras clave: Abuso digital, Celos románticos, Relaciones amorosas, Modelo General de Agresión, Representaciones sociales.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. GAM - Retirado da Tese de doutorado de Paiva (2018).....	49
Figura 2. Modelo da tese para perpetração baseado no GAM	50
Figura 3. Modelo da tese para vitimização baseado no GAM	51
Figura 4. Fluxograma demonstrativo da seleção de artigos	87
Figura 5. Árvore máxima de 15 co-ocorrências referente a evocação abuso digital nos relacionamentos amorosos.....	115
Figura 6. Estrutura Fatorial Confirmatória do Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos (N=248).....	148
Figura 7. Modelo de mediação testado dos traços de personalidade, perpetração de violência nos relacionamentos amorosos e ADRA	183

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Prevalência, medição dos estudos empíricos acerca do abuso digital nos relacionamentos amorosos.....	45
Tabela 2. Estrutura das Representações Sociais do Abuso digital nos relacionamentos amorosos (Frequência mínima de 15).....	114
Tabela 3. Análise paralela da Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos (N=215)	146
Tabela 4. Estrutura Fatorial Exploratória do Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos (N=215)	147
Tabela 5. Correlação entre os Cinco Grandes Fatores da Personalidade, ciúme e os fatores de Violência entre parceiro íntimos (perpetração).....	179
Tabela 6. Correlação entre os Cinco Grandes Fatores da Personalidade, Afetos Negativos e os fatores de Violência entre parceiros íntimos (vitimização)	180

LISTA DE SIGLAS

AD - Agressão Direta

ADRA - Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos

AFE- Análise Fatorial Exploratória

AP - Análise Paralela

AFC- Análise Fatorial Confirmatória

BFI - Big Five Inventory

CC - Cconfiabilidade Composta

C - Controle

CTS2 - Conflict Tactics Scales

CDA - Cyber Dating Abuse

CFI- *Comparative Fit Index*

GAM - General Aggression Model

KMO - Kaiser-Meyer-Olkin

ML - Maximum Likelihood

GAM - Modelo Geral de Agressão

OME - Ordem Média de Evocação

PASW - Predictive Analytics Software

QDRA - Questionário de Abuso de Digital nos Relacionamentos Amorosos

RS - Representações Sociais

RMSEA- *Root Mean Square Error of Approximation*

SRMR- Standardized Root Mean Square Residual

TALP - Técnica de Associação Livre de Palavras

TCLE- Termo de Consentimento Livre Esclarecido

TRS - Teoria das Representações Sociais

TLI- *Tukey-Lewis Index*

VPI - Violência entre Parceiros Íntimos

WLSMV- Weighted Least Squares Mean and Variance-adjusted

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	18
OBJETIVOS	25
Objetivo Geral	26
Objetivos Específicos	26
 PARTE I - MARCO TEÓRICO	28
CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	28
1.1 Definição, Prevalência, Implicações e Teorias acerca do ADRA	29
1.2 Fatores de risco do ADRA.....	34
CAPÍTULO II – TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	40
CAPÍTULO III – MODELO GERAL DA AGRESSÃO	46
 PARTE II – ESTUDOS DA TESE	52
CAPÍTULO IV – ARTIGO 1: ABUSO DIGITAL NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS: UMA REVISÃO SOBRE PREVALÊNCIA, INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO E FATORES DE RISCO	52
4.1 RESUMO	53
4.2 ABSTRACT	54
4.4 INTRODUÇÃO.....	55
4.5 MÉTODO	57
4.6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	58
4.7 CONCLUSÃO.....	69
4.8 REFERÊNCIAS	71
CAPÍTULO V - ARTIGO 2: ABUSO DIGITAL NAS RELAÇÕES AMOROSAS: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COM UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS	88
5.1. RESUMO	89
5.2. ABSTRACT	90
5.3. RESUMEN	91
5.4. INTRODUÇÃO.....	92
5.5 MÉTODO	95
5.5.1 Tipo de investigação	95
5.5.2 Amostra	95
5.5.3 Instrumentos	96
5.5.4 Procedimentos éticos	96
5.5.5 Procedimentos de coleta de dados	97
5.5.6 Procedimentos de análise de dados	97
5.6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	97
5.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
5.8 REFERÊNCIAS	107
CAPÍTULO VI – ARTIGO 3: PROPRIEDADES PSICOMETRICAS DO QUESTIONÁRIO DE ABUSO DIGITAL NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS	116
6.1 RESUMO	117
6.2 ABSTRACT	118
6.3 RESUMEN	119
6.4 INTRODUÇÃO	120
6.5 ESTUDO 1 - MÉTODO	124

6.5.1 Participantes	124
6.5.2 Instrumentos	124
6.5.3 Procedimentos	126
6.5.3 Análise de dados.....	127
6.5.7 Resultados	127
6.6 ESTUDO 2 - MÉTODO	130
6.6.1 Participantes	130
6.6.2 Instrumentos	130
6.6.3 Procedimentos	131
6.6.4 Análise de dados.....	131
6.6.6 Resultados	132
6.6.7 Discussão	135
6.7 REFERÊNCIAS	139
CAPÍTULO VII – ARTIGO 4: ABUSO DIGITAL NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS: UMA CONTRIBUIÇÃO DO MODELO GERAL DA AGRESSÃO	149
7.1. RESUMO	150
7.2. ABSTRACT	151
7.3. RESUMEN	152
7.4. INTRODUÇÃO.....	153
7.5 MÉTODO	157
7.5.1 Participantes	157
7.5.2 Instrumentos	158
7.5.3 Procedimentos	160
7.5.4 Análises de dados	160
7.6 RESULTADOS	161
7.7 DISCUSSÃO.....	163
7.8 REFERÊNCIAS	169
CAPÍTULO VIII – CONSIDERAÇÕES FINAIS	184
REFERÊNCIAS	193
APÊNDICES	211
ANEXOS	215

APRESENTAÇÃO

O percurso do ciberespaço pode ser traçado desde 1945 com o surgimento dos primeiros computadores na Inglaterra e EUA. Tais avanços eram inicialmente de uso dos militares, sendo disseminado para uso civil por volta dos anos de 1960. A partir dos anos 1970, verifica-se um desenvolvimento e comercialização do microprocessador, passando a ser ferramenta de interesse das atividades econômicas. Nessa mesma época um movimento de contracultura, nascido na Califórnia, apoia o invento do computador pessoal, deixando então de ser apenas de uso de grandes empresas, passando a ser da população de países desenvolvidos (Pierre Lévy, 1993).

Nesse cenário, as tecnologias de informação e comunicação passaram a ser amplamente utilizadas, proporcionando novos espaços de sociabilidade, de organização e de transação, de disseminar conhecimento (Pierre Lévy (1993). Acerca disso, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), realizada em 2017 sobre Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), aponta que a principal atividade, realizada por meio da internet por 94,6% dos internautas, foi trocar mensagens (de texto, voz ou imagens) por aplicativos de bate-papo, seguida de assistir vídeos (76,4%) e conversas por chamadas de voz ou vídeo (73,3%, IBGE 2017).

No contexto das relações amorosas, o uso da tecnologia tem levado, por vezes, ao aumento do conflito relacional, maior ciúme, e aumento do acompanhamento dos parceiros (Rueda et al., 2014). Desse modo, configura-se um novo ambiente propício para a agressão que pode ser potencializado em virtude da facilidade de acesso as múltiplas fontes de informação, como: acompanhamento das últimas postagens, fotos ou interações com outras pessoas. Nesse sentido, para exercer domínio sobre o parceiro, o indivíduo busca controlar o comportamento do outro, os nomes na agenda do celular, os acessos a: redes virtuais de relacionamento, pessoas com quem conversa, e formas de expressar afeto aos amigos. Tais características apontam para um fenômeno recente

denominado Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos (ADRA, Borrajo, Gámez-Guadix, Pereda, & Calvete, 2015c; Flach & Deslanches, 2017; Ouytsel et al., 2016).

O ADRA, cuja terminologia internacional mais utilizada é *Cyber Dating Abuse* (ADRA, Flach & Deslanches, 2017), diz respeito a ameaças, insultos, humilhações ou comportamentos de ciúme destinados a provocar angústia no parceiro e isolamento (Borrajo, Gámez-Guadix, Pereda, & Calvete, 2015c; Flach & Deslanches, 2017; Ouytsel et al., 2016). Pode ser entendido como comportamentos virtuais abusivos e de ciúme, que inclui: controlar, invadir, e disseminar fotos íntimas sem consentimento (nudes). Tais ações podem ultrapassar a esfera íntima do casal, assumindo proporções mais amplas através de ações que envolvem compartilhamento ilimitado de fotos ou vídeos íntimos do parceiro sem consentimento, ou ainda postagens humilhantes acerca dele publicamente.

Conforme se observa, o fenômeno do abuso digital nos relacionamentos amorosos relaciona-se, intimamente, com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e sua inserção no meio social, não obstante, também emerge no contexto da violência entre parceiros íntimos.

Historicamente a temática da violência nas relações amorosas e/ou entre pessoas com laços íntimos tem sido reportada desde a década de 1960 e 1970, através de pesquisas sobre maus tratos contra filhos e mulheres. Desde então, novos fenômenos no seio familiar foram ganhando visibilidades como: "violência conjugal", "violência marital" e "violência doméstica (Neves, 2008). Não obstante, atualmente, alguns autores tem estudado esses temas sob o ângulo da "violência entre parceiros íntimos" (VPI) uma vez que tal abuso não se restringe apenas a espaços domésticos e conjugais, nem ocorre somente do homem para mulher (Conceição et al., 2018; Neves, 2008).

Nessa direção, inserido nos estudos de VPI, o ADRA vem sendo explorado por distintas pesquisas (Burke, Wallen, Val-Smith & Knox, 2011; Tokunaga, 2011, Cutbush, Ashley, Kan Hampton & Hall, 2010; Zweig, Dank, Yanher & Lachman, 2013; Flach & Deslanches, 2017), sendo apontado como um fenômeno que coocorre com a violência tradicional nos tipos física, psicológica, e sexual (Borrajo et al., 2015a; Watkins et al., 2016; Wolford-Clevenger et al. 2016). Não obstante, o mesmo tem sido tratado como um objeto de estudo próprio, podendo ser ainda mais prevalente pela possibilidade desse abuso ocorrer em qualquer lugar ou momento (mesmo após o término do relacionamento); não sendo necessária a presença do agressor (Melander 2010), podendo atingir a uma maior publicidade de pessoas expectadoras (Runions, Shapka, Dooley, & Modecki, 2013).

Neste sentido, é possível encontrar prevalências em distintos países, indicando ser esse um comportamento cotidiano de casais (Cavalcanti & Coutinho, 2019), sendo apontadas taxas significativas nos EUA (entre 34,6% a 53,8% -vitimização, entre 16,9% a 53,8% - perpetração; Reed, Tolman & Ward, 2017), no Canadá (35,6%-vitimização, 33% - perpetração, Smith et al., 2018); na Espanha (entre 14% a 75% - vitimização, entre 10,6% a 82%-perpetração, Borrajo et al., 2015); no México (entre 75% a 97% - perpetração, Sanchez et al., 2015); na Bélgica (17,8% - perpetração, Van Ouytsel et al., 2017a; 65%-vitimização, Van Ouytsel et al., 2017b); e no Brasil (entre 15% a 89% - vitimização, entre 10 a 82%-perpetração; Cavalcanti, Coutinho, Nascimento & Pinto, no prelo).

Para os envolvidos no ADRA são descritas distintas consequências, podendo ocasionar: distúrbios no sono, sintomas depressivos e ansiosos, ideação suicida, envolvimento em comportamentos delinquentes, e implicações negativas para o rendimento escolar; piores índices de satisfação com relacionamentos; baixa autoestima

e sofrimento emocional (Flach & Deslanches, 2017; Hancock et al., 2017; Smith et al., 2018).

Embora sejam destacados altos índices de envolvimento, bem como implicações severas aos envolvidos, essa temática ainda tem sido muito negligenciada uma vez que a maior parte dos estudos que trata da "violência entre parceiros íntimos" não consideram as formas online de abuso. No que tange as pesquisas existentes, a revisão proposta por Cavalcanti e Coutinho (2019), considerando o período de 2008-2018, apontou para 39 manuscritos publicados. Desses, apenas dois foram desenvolvidos no Brasil pelo mesmo grupo de autores (Flach & Deslanches, 2017; Flach & Deslanches, 2019). Quanto as demais publicações, verifica-se que são relativamente recentes, uma vez que o manuscrito mais antigo é correspondente ao ano de 2010, oriundas proeminentemente da América do Norte e da Europa (Cavalcanti & Coutinho, 2019).

As pesquisas em torno da temática apontam para diversos fatores de riscos relacionados ao envolvimento no ADRA, como de ordem individual (sexo e idade); relativos ao relacionamento (histórico de abuso em relacionamentos anteriores); familiares; psicológicos (raiva, ciúme, hostilidade); relacionados às percepções; normas e crenças (Peskin et al. 2017; Sanchez et al., 2015; Hancock et al., 2017; Van Ouytsel et al., 2016; Deans & Bhogal, 2017; Ramos et al., 2017). Tais dados apontam para um fenômeno complexo, multideterminado, de grande espessura social e relevância acadêmica.

Por conseguinte, esse conjunto de fatores elucidada para o fato de que o ADRA não pode ser estudado de forma descontextualizada, mas por meio de uma perspectiva psicossocial, considerando as relações sociais que a constitui. Nesse sentido, a presente tese partiu da seguinte problemática: Que fatores de risco podem predispor vítimas e agressores a se envolverem no ADRA? Para viabilizar a busca desse conhecimento, a

presente tese, sob a perspectiva da psicologia social, utilizou os seguintes aportes teóricos: Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 2012) e Modelo Geral da Agressão -GAM (Anderson & Bushman, 2002).

Com base nestas considerações, esta tese possui como objetivo geral conhecer os fatores de risco associados ao abuso digital nos relacionamentos amorosos, tomando por base a Teoria das Representações Sociais e o Modelo Geral da Agressão. Para alcançar tal objetivo, foram delineados 5 estudos, dos quais, 1 refere-se a uma revisão da literatura e 4 a estudos empíricos .

Quanto a estruturação da tese, essa foi dividida em oito capítulos, três se referem a primeira parte do documento (marco teórico). Nesta seção são explanados a contextualização do objeto de estudo da tese (capítulo I), além do arcabouço teórico das representações sociais (capítulo II) e do Modelo Geral da Agressão (capítulo III).

Por seu turno, a segunda parte da tese (estudos da tese) expõe sob formato de artigos, os estudos realizados na presente tese, sendo apresentados cinco estudos. O Estudo 1 (capítulo IV) - "*Abuso digital nos relacionamentos amorosos: uma revisão sobre prevalência, medição e fatores de risco*" refere-se a uma revisão cuja finalidade foi fazer um levantamento de pesquisas empíricas relacionadas ao abuso digital nos relacionamentos amorosos, conhecendo suas prevalências, medidas de avaliação e fatores de risco associados. O Estudo 2 (capítulo V), cujo título foi "*Abuso digital nas relações amorosas: um estudo das representações sociais com universitários brasileiros*" buscou apreender as representações sociais (RS) de universitários brasileiros acerca do abuso digital nos relacionamentos amorosos (ADRA)

O Estudo 3 e 4 (capítulo VI), intitulado " *Propriedades Psicométricas do Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos*" teve como objetivo

conhecer as propriedades psicométricas do Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos (QADRA) no contexto brasileiro.

O Estudo 5 (capítulo VII) que teve por título "*Abuso digital nos relacionamentos amorosos: uma contribuição do modelo geral da agressão*" objetivou conhecer os efeitos diretos e indiretos da personalidade e violência tradicional entre parceiros íntimos no abuso digital nos relacionamentos amorosos, tomando por base o Modelo Geral da Agressão.

Por fim, no capítulo VIII, são apresentadas as considerações finais dessa tese, destacando-se os principais achados do trabalho, as limitações do estudo, bem como, sugeridas futuras investigações. Na sequência são descritas as referências da tese, os apêndices e anexos.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Conhecer os fatores de risco associados ao abuso digital nos relacionamentos amorosos, tomando por base a Teoria das Representações Sociais e o Modelo Geral da Agressão.

Objetivos Específicos

1. Fazer uma revisão sistemática acerca da prevalência, instrumentos de avaliação e fatores de risco do ADRA dos últimos 10 anos (2008-2018);
2. Traduzir e validar para o contexto brasileiro o Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos;
3. Verificar a validade convergente do QADRA com a Escala Táticas de Conflito e a Escala de Satisfação com os Relacionamentos;
4. Apreender as estruturas representacionais acerca do ADRA por universitários brasileiros;
5. Verificar a prevalência de ADRA em universitários brasileiros;
6. Analisar a relação da perpetração do ADRA com: (a) os cinco grandes fatores da Personalidade; (b) a tríade sombria da personalidade; (c) o ciúme romântico; (d) a perpetração de violência física; (e) e de violência psicológica;
7. Averiguar a relação da vitimização do ADRA com: (a) os cinco grandes fatores da Personalidade; (b) os afetos negativos; (c) a vitimização de violência física; (d) e de violência psicológica;
8. Conhecer os efeitos (in)diretos da personalidade na perpetração do ADRA, mediado pelo ciúme;

9. Conhecer os efeitos (in)diretos da personalidade na vitimização do ADRA, mediado pelos afetos negativos.

PARTE I: MARCO TEÓRICO**CAPÍTULO I. CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO**

1.1 Definição, Prevalência, Implicações e Teorias acerca do ADRA

O Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos (ADRA) apresenta múltiplas denominações, conforme destaca Flasch e Deslandes (2017), sendo nomeado de: *cyber dating violence/abuse* (mais utilizado); *on-line dating abuse*; *cyber aggression*; *cyberacoso/cyber perseguição*; *intimate partner cyber harassment*; *technology based abuse*; *electronic dating aggression/cyber-stalking*; *technology and dating conflict*; *technology assisted adolescent dating violence and abuse*; *digital forms of dating abuse*; *socially interactive technologies abuse/violence*; e *partner cyber abuse*.

Por definição o ADRA pode ser entendido como um conjunto de ações agressivas com intenção de ferir ou controlar o (ex)parceiro por meio eletrônico (Borrajo et al., 2015a; Flach & Deslanches, 2017; Van Ouytsel et al., 2016). Diz respeito a ameaças, insultos, humilhações ou comportamentos de ciúme com a intenção de provocar angústia no parceiro por meio da tecnologia (Borrajo et al., 2015a; Flach & Deslanches, 2017; Van Ouytsel et al., 2016).

O ADRA pode se manifestar por meio de agressões: (1) emocionais e psicológicas, que inclui exigências sobre senha, controle sobre utilização de redes sociais e localização do parceiros, verificação do celular, email e redes sociais do parceiro; (2) ameaçadoras ou humilhantes, disseminação de rumores, insultos, e envio de mensagens ameaçadoras; (3) sexuais, que tem a ver com o envio de fotos íntimas do parceiros sem permissão, pressionar o parceiros pra envio de fotos íntimas e envolvimento sexual online (Borrajo, Gámez-Guadix, Pereda & Calvete, 2015; Sánchez, Muñoz-Fernández, & Ortega-Ruíz, 2015; Zweig, Lachman, Yahner, & Dank, 2014).

A forma como o ADRA é operacionalizado apresenta muitas divergências, conforme se verifica na revisão proposta por Cavalcanti e Coutinho (2019), podendo

ser compreendida como: controle online (Borrajo et al. 2015b; Borrajo et al., 2015c; Reed et al., 2017; Sanchez et al., 2015); agressão direta (Borrajo et al. 2015b; Borrajo et al., 2015c; Reed et al., 2017); abuso cibernético sexual, e não sexual (Dick et al, 2014; Zweig et al., 2013); coerção sexual digital (Reed et al., 2017); intimidade on-line, estratégias de comunicação emocional, práticas de ciberrelação, ciúme online e comportamento intrusivo (Sanchez et al., 2015); cyberstalking, assédio, sexting coercitivo (Smith-Darden et al, 2017); agressão cibernética psicológica, agressão cibernética sexual, agressão cibernética stalking (Watkins et al 2016); cyber agressão relacional e invasão de privacidade (Wright, 2015).

A presente tese se ancora na definição proposta por Borrajo et al (2015a), os quais indicam ser o ADRA um fenômeno que pode ocorrer através de duas formas: (1) Agressão Direta que diz respeito ao ato agressivo com intenção de ferir o (ex)parceiro; e (2) Controle / Monitoramento que consiste no uso de meios eletrônicos para controlar o (ex)parceiro.

No que tange as taxas de envolvimento no ADRA, conforme se verifica na revisão proposta por Cavalcanti e Coutinho (2019), considerando os anos de 2008-2018, não se verifica nenhum estudo que aponte prevalência desse fenômeno no Brasil. Não obstante, no contexto internacional é possível encontrar uma média de pelo menos 15 estudos que relatam taxas de vitimização, e 17, de perpetração, no ADRA. Tais achados são melhores discutidos no Artigo 1 da presente tese.

Por exemplo, nos Estados Unidos, o estudo proposto por Zweig, et al. (2013) com 5.645 adolescentes indicou que 1/4 da juventude, inserida entre a 7ª a 12ª série, vivenciaram agressão virtual dentro do namoro durante o último ano. No mesmo país, outro estudo apontou que 34,6 % de estudantes destacaram serem vítimas de coerção sexual digital; enquanto, 53,8%, de Monitoramento/Controle digital (Reed, Tolman &

Ward, 2017). Na mesma direção, Smith et al (2018), em uma pesquisa com jovens canadenses, do ensino médio, apontaram altos percentuais de envolvimento em vitimização (35,8%), perpetração (33,0%), e em ambas formas (27,2%). No mesmo ano, Doucete et al., (2018) com uma amostra de mulheres adolescentes de alto risco, entre as idades de 14 e 17 anos, apontou para prevalência de 29,5%.

Dados de prevalência também são verificados na Espanha por Durán, Martínez e Pecino (2015), indicando que 57,2 % dos estudantes, com idade entre 18 e 30 anos, eram vítimas de intimidações por telefone, e 27,4%, por internet; enquanto 47,6% agrediram via telefone, e 14% por meio da internet. Por sua vez, o estudo de Borrajo et al (2015), com 788 jovens espanhóis, entre 18 e 30 anos ($M=22,72$), maioria mulheres (77,3%), encontraram taxas que variaram de 10 a 82% de perpetração; e 18,5% a 83,5% de vitimização. Mais recentemente, em 2019, Villora e Navarro encontraram em sua pesquisa que dos 614 estudantes universitários espanhóis do sexo masculino, 26,5% da amostra já haviam sido uma vítima e perpetrador de abuso de namoro cibernético.

No México, Sanchez et al (2017) realizou um estudo com 726 estudantes (397 mulheres e 329 homens), entre 14 e 19 anos de idade ($M = 16,17$, $DP = 0,99$), encontrou uma taxa de envolvimento em perpetração que variou de 75,3% a 97,7%. Os resultados apontaram ainda que os homens apresentaram maior tendência para cometer a violência.

Em outro contexto, Daskaluk (2016) realizou uma pesquisa com 209 canadenses com idade entre 18 a 29 anos, e encontrou que o envolvimento no ADRA apontava para taxas entre 52,2% a 81,3%. Além disso, verificou que abuso virtual foi mais prevalente que presencial, não apresentando diferenças significativas entre homens e mulheres.

Para os envolvidos no ADRA são apontadas implicações negativas, assim como se verifica na violência entre parceiros presencial. Apesar disso, Borrajo et al (2017) aponta que vítimas de ADRA tendem a apresentar níveis mais altos de depressão e

ansiedade, assim como um pior ajuste diádico. Do mesmo modo, Smith et al (2018) relata que a vitimização em violência virtual é acompanhada por baixa autoestima e sofrimento psicológico em adolescentes. Do mesmo modo, Hancock (2017) verificou impactos negativos do ciber namoro para autoestima, podendo ocasionar sofrimento emocional. Para esse autor a resposta emocional negativa que se desencadeia quando os parceiros se envolvem em abuso de ciber namoro explica uma diminuição da autoestima. As implicações não se encerram apenas para as vítimas, sendo também informadas consequências para os agressores, assim como aponta Daskaluk (2016), ao verificar que indivíduos que cometem ADRA tendem a apresentar uma menor satisfação com relacionamento e maiores problemas de saúde mental.

Tendo em vista as implicações negativas em trono do ADRA, e os apontamentos relacionados a sua alta incidência, alguns estudos tem buscado explicar esse fenômeno, a fim de minimizá-lo. Para isso, tem sido utilizadas distintas perspectivas teóricas, tais como: Teoria do apego (Sanchez et al., 2017); Teoria da Aprendizagem Social (Ouytsel et al., 2017c); Teoria das Atividades de Rotina do Estilo de Vida (Ouytsel, Ponnet, & Walrave, 2016); Teorias sobre atitudes e crenças (Borrajo et al., 2015).

No que tange a Teoria do Apego (Sanchez et al., 2017) essa foi desenvolvida por John Bowlby e Mary Ainsworth e pressupõe que o tipo de apoio fornecido pelo cuidador influenciará o estabelecimento de relacionamentos afetivos com pares e em futuros casais (Penagos, Rodríguez & Carrillo, 2005). Partindo desse pressuposto, Sanchez et al. (2017) verificou em seu estudo que o tipo de apego que o individuo tinha de suas figuras cuidadoras apresentavam relação com a experiência de vitimização e perpetração de ciber-violência nas relações de casal.

Outro aporte teórico verificado foi o da Teoria da Aprendizagem Social (Otsel et al., 2017D) que parte da premissa de que crenças e interações com pais ou colegas,

podem conduzir ao engajamento de um indivíduo em um comportamento (Akers & Jennings, 2009; Bandura, 1977). Neste sentido, tomando por base essa premissa, Ouytsel et al., (2017c), verificou em seu estudo que perpetradores de agressão virtual no namoro estavam associados a colegas que apresentavam atitudes semelhantes em relação a esse comportamento. Além disso, adolescentes que percebiam que os pais estavam envolvidos em comportamentos de controle *off-line* também eram mais propensos a se envolver em abuso digital.

Uma terceira teoria trabalhada na temática foi a das Atividades de Rotina do Estilo de Vida (Ouytsel, et al., 2016). Tal abordagem afirma que a chance de se tornar vítima de um tipo de crime aumenta quando infratores e alvos convergem no tempo e no espaço, ao passo que cuidadores estão ausentes (Cohen & Felson, 1979; Reyns, Henson & Fisher, 2011). Neste sentido, um estilo de vida desviante ou arriscado pode colocar os indivíduos em risco de vitimização, uma vez que muitas vezes ocorre em contextos nos quais os responsáveis estão ausentes (como a supervisão de adultos; Gover, 2004).

Tomando por base essa teoria, Ouytsel, et al., (2016) encontraram que a vitimização do ADRA foi melhor explicada pelo comportamento de risco online e *sexting* com o parceiro romântico. Dessa forma, a vitimização por abuso de namoros cibernéticos pode ser maior quando os jovens são mais frequentemente expostos a um perpetrador através do uso de redes sociais e por ter acesso a mídias sociais através de smartphones e planos de dados móveis sem supervisão dos cuidadores. Esta tecnologia permite ao ofensor contatar a vítima durante todo o dia.

Além dessas perspectivas descritas, a literatura também aponta ainda explicações ligadas as atitudes frente à violência no namoro como fator explicativo do comportamento agressivo nas relações de intimidade (Foshee et al., 1998; Foshee, Bauman & Linder, 1999; Doroteia, 2013). Acerca disso, Borrajo et al (2015) investigou

especificamente a influência das crenças e mitos sobre o amor na perpetração do controle online, encontrando efeitos positivos e significativos. Os resultados desse estudo apontou que a justificativa do abuso de namoros cibernéticos foi significativamente associada a maior probabilidade de agressão direta em relacionamentos de namoro online. Do mesmo modo, Mitos sobre o amor (crença na existência de uma pessoa perfeita para cada um, ou a crença de que o ciúme é um sinal de amor) foram associados a uma maior probabilidade de ADRA.

1.2 Fatores de risco do ADRA

O comportamento agressivo vem sendo descrito como um fenômeno complexo que perpassa uma ampla gama de fatores. Apesar disso, para o Modelo Geral da Agressão, o comportamento agressivo, pode receber influências de: (a) fatores pessoais, ou seja características pessoais que influenciar como uma pessoa reage em uma situação; (b) fatores situacionais, que refere-se a características da situação ou ambiente; e (c) estado interno do indivíduo, que referem-se aos afeto, cognição e excitação fisiológica. Desse modo, explicar esse fenômeno não é uma tarefa fácil tendo em vista que é necessário conhecer de que forma tais fatores interagem entre si a fim de verificar o impacto relativo de cada um em um ato de agressão e violência (Warburton & Anderson, 2015; Allen & Anderson, 2017).

No contexto do ADRA não é diferente, assim como aponta o estudo de revisão proposto por Cavalcanti e Coutinho (2019), esse fenômeno pode ser influenciado por distintos fatores, desde variáveis de ordem individuais, relativas ao relacionamento, familiares, à variáveis que envolvem percepções, normas e crenças. Nesta direção, tomando por base o GAM (Allen & Anderson, 2017), bem como a metá-análise proposta por Kowalski, Giumetti, Schroeder e Lattanner (2014) foi possível distribuir os fatores

de risco encontrados por Cavalcanti e Coutinho (2019) da seguinte forma:(a) fatores pessoais; (b) fatores situacionais; (c) rota afetiva

Fator Pessoal 1: Gênero. Pesquisas sugerem que mulheres sofrem mais abuso cibernético e menos propensas a cometerem tal agressão do que os homens (Deans & Bhogal, 2017; Dick et al., 2014; Reed et al, 2017; Zweig et al., 2013b). Não obstante, essa hipótese não é apoiada por todos os estudos, de modo que alguns autores reportam uma frequência semelhante entre homens e mulheres (Borrajo et al., 2015a; Peskin et al. 2017; Sanchez et al., 2015; Van Ouytsel et al., 2017b; Van Ouytsel et al., 2016).

Fator Pessoal 2: Idade. Pesquisas mostram que indivíduos mais jovens apresentam uma maior frequência de envolvimento no ADRA (Borrajo et al 2015a; Crane et al., 2018; Smith et al., 2018; Watkins et al., 2016), porém esse dado, não se confirma nos estudos de Zweig et al. (2013b) e Ouytsel et al. (2016; 2017b).

Fator Pessoal 3: Relacionamento homossexual. Estudos indicam que estar em uma relação homossexual aumenta a probabilidade de envolvimento no ADRA (Borrajo et al., 2015a; Dank et al., 2014).

Fator Pessoal 4: Histórico de abuso no relacionamento passado. Estudos reportam que indivíduos com histórico de abuso no relacionamento passado foram mais propensos a relatarem abuso de namoro cibernético (Borrajo et al., 2015a).

Fator Pessoal 5: Início precoce do namoro e relacionamentos recorrentes. O início precoce do namoro e relacionamentos recorrentes foram relacionados a uma maior vitimização de ADRA (Hancock et al., 2017).

Fator Pessoal 6: Autoestima. Baixos escores em auto estima foi associado a vitimização do ADRA (Hancock et al., 2017; Smith et al., 2018), enquanto altos escores na perpetração do ADRA (Smith et al., 2018),

Fator Pessoal 7: Mitos sobre o amor. Os Mitos sobre o amor foram associados a uma maior probabilidade de perpetrar o ADRA (Borrajo et al., 2015b), ou seja, uma visão irreal do amor aumenta a probabilidade de cometer abuso ADRA.

Fator Pessoal 8: Justificação de agressão no namoro online. A justificação de agressão no namoro online foram associados a uma maior probabilidade de perpetrar ADPI (Borrajo et al., 2015b).

Fator Pessoal 9: Percepção social das normas dos pares. A percepção social das normas dos pares em relação ao abuso virtual nos relacionamentos foi correlato importante no maior engajamento de perpetração de comportamentos no ADRA (Peskin et al., 2017; Van Ouytsel et al., 2017d).

Fator Pessoal 10: Normas de violência para meninos contra meninas. As normas de violência para meninos contra meninas foi correlato importante com o maior engajamento de perpetração de comportamentos no ADRA (Peskin et al., 2017; Van Ouytsel et al., 2017d).

Fator Pessoal 11. Endosso dos estereótipos de gênero. O endosso dos estereótipos de gênero correlacionou-se com um maior engajamento de perpetração de comportamentos no ADRA (Peskin et al., 2017; Van Ouytsel et al., 2017d).

Fator Pessoal 12: Empatia. baixos escores em empatia correlacionaram-se com a na perpetração do ADRA (Ramos et al, 2017).

Fator Pessoal 13: Comportamento sexual de risco. Vítimas de ADRA apresentam menor probabilidade de uso de anticoncepcionais, maior coerção a reprodução e uma maior exposição (Dick et al., 2014). Além disso indivíduos que relataram *vida sexual ativa no último ano* tendiam a serem alvos de vitimização de ADRA (Zweig, 2013b).

Fator Pessoal 14: Sexting¹. Vítimas do ADRA indicavam também serem alvos de *sexting*; e por sua vez, perpetradores do ADRA indicaram atitudes mais favoráveis frente ao *sexting* (Peskin et al., 2017).

No que concerne aos fatores situacionais, são descritos:

Fator Situacional 1: Uso de substâncias. O uso de substâncias foi descrito como um fator de risco para o ADRA, cuja as vítimas relataram maior uso de álcool (Machimbarrena et al., 2018; Smith et al., 2018; Watkins et al., 2016) e drogas pesadas (Machimbarrena et al., 2018); assim como também perpetradores informaram maior uso de álcool (Van Ouytsel et al., 2016; Watkins et al., 2016) e de cigarro (Van Ouytsel et al., 2016).

Fator Situacional 2: Cyberbullying/ bullying. Estudos apontam que estar envolvido no ADRA aumenta a probabilidade de envolvimento no cyberbullying (tanto a vitimização como a perpetração, Borrajo et al., 2015c; Machimbarrena et al., 2018). Por sua vez, o envolvimento na perpetração do ADRA apresentou-se associado a prática do bullying (Peskin et al., 2017; Van Ouytsel et al., 2017b; Yahner et al., 2014).

Fator Situacional 3: Abuso no namoro /violência entre parceiros íntimo. Pesquisas informam que envolvidos no abuso digital tendem também a estar envolvidos na violência tradicional em suas formas psicológica, física, sexual, e de injúria (Borrajo et al., 2015a; Borrajo et al., 2015c; Cava & Buelga, 2018; Marganski & Melander, 2015; Morelli et al., 2017; Reed et al., 2016; Smith et al., 2018; Temple et al., 2015; Watkins et al., 2016; Wolford-Clevenger et al. 2016; Yahner et al. 2015; Zweig et al., 2013b).

Fator Situacional 4: Comportamentos de controle intrusivos pelo pai. Os comportamentos de controle intrusivos pelo pai (Van Ouytsel et al., 2017d) é apontado como relacionado a uma maior perpetração do ADRA.

¹ Junção das palavras das palavras "sex" e "texting", que pode ser traduzida livremente como "sexo por mensagens de texto". divulgação de conteúdos eróticos e sensuais através de celulares

Fator Situacional 5: Exposição a um contexto familiar agressivo. A exposição a um contexto familiar agressivo está relacionado a uma maior perpetração do ADRA (Ramos et al., 2017).

Fator Situacional 6: Uso de redes sociais. Pesquisas informam que quanto mais o indivíduo utiliza redes sociais, maior probabilidade de ser vítima ou agressor desse fenômeno (Van Ouytsel et al., 2016; 2017b). Apesar disso, Van Ouytsel et al (2016) destaca que quanto mais os indivíduos usam as redes sociais, obtendo mais acesso ao conteúdo online de seus parceiros, mais eles tendem a ter ciúmes e posteriormente cometerem o abuso.

Fator Situacional 7: Uso problemático da internet. Estudos indicam ainda que o uso problemático da Internet pode predispor a um maior envolvimento no ADRA (Machimbarrena et al., 2018).

Afeto 1: Raiva. Altos escores em raiva apresentavam uma implicação na prática de perpetração do ADRA (Deans & Bhogal, 2017; Watkins et al., 2016; Zweig et al. 2013b)

Afeto 2: Ciúme. Altos escores em ciúme apresentavam uma implicação na prática de perpetração do ADRA (Deans & Bhogal, 2017; Watkins et al., 2016).

Afeto 3: Sintomas depressivos e ansiosos. Pesquisas indicam ainda que a vitimização no ADRA ocorre concomitantemente com sintomas depressivos e ansiosos (Machimbarrena et al., 2018; Wolford-Clevenger et al. 2016; Zweig et al., 2013b).

Afeto 4: Hostilidade. Altos escores em hostilidade apresentavam uma implicação na prática de perpetração do ADRA (Deans & Bhogal, 2017; Watkins et al., 2016; Zweig et al. 2013b).

A partir dos fatores elencados chama atenção dois aspectos o primeiro diz respeito ao número expressivo de fatores pessoais, em detrimento dos situacionais e

rotas internas, essa ultima tendo apenas uma única rota interna contemplada: a afetiva, desse modo, demandando novas investigações que equilibre essa realidade. O segundo aspecto diz respeito ao fato do ADRA se apresentar como um construto psicossocial, uma vez que são apontadas para ele influências do indivíduo e de seu entorno social. Assim sendo o ADRA não pode ser estudado de forma descontextualizada, em um vácuo social, apresentando-se como objeto de estudo pertinente a Psicologia Social.

Neste direcionamento, a presente tese está ancorada em duas perspectivas teóricas da Psicologia Social: a Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 2012) e o Modelo Geral da Agressão, GAM (Anderson & Bushman, 2002). De acordo com Vala (1993), a articulação de teorias da cognição social com as representações sociais (RS) podem ser benéficas para ambas, de modo que o conceito das RS consegue um olhar novo acerca dos problemas analisados no quadro do paradigma social. Tais aportes teóricos serão descritos nos capítulos seguintes.

A Teoria das Representações Sociais (TRS), abordagem psicossociológica, cujo principal expoente foi Serge Moscovici, sofreu influências dos campos da Sociologia e Antropologia, através dos estudos de Lévi Bruhl (Antropologia), da teoria da linguagem de Saussure, das representações infantis de Piaget, da perspectiva de desenvolvimento cultural postulada por Vygotsky e da Teoria das representações coletivas proposta por Émile Durkheim (Far,2001).

Embora Moscovici encontrar campo fértil no conceito de representação coletiva de seu ancestral, o sociólogo Durkheim, ele estabelece diferenças significativas na sua teoria. Segundo Moscovici as representações coletivas não dava conta da diversidade e de modos das sociedades atuais. Para Moscovici, as representações sociais são fenômenos que precisam ser explicados considerando seu contexto de produção; não apenas ser tratado como um produto imposto a sociedade (Moscovici, 2003; Nóbrega, 2003; Spink, 1993).

Além de se contrapor as ideias de Durkheim, a TRS emerge em um contexto de insatisfação com a psicologia social cognitiva tradicional dominante, estabelecendo novas bases epistemológicas para a compreensão da relação sujeito/objeto, não a concebendo de forma dicotomizada e descontextualizada. Desse modo, temas que outrora eram tratados sob uma abordagem individualista passaram a ser tratados em uma abordagem psicossociológica.

Neste sentido, as RS ao passo que afastou-se da visão sociologizante de Durkheim, se distancia da perspectiva psicologizante da Psicologia Social da época (Farr, 2001), assumindo uma perspectiva psicossocial. Essa abordagem acentua a importância do contexto social e da articulação entre fatores sociais e cognitivos na produção do conhecimento cotidiano. Nesta direção, entende-se que a relação sujeito-objeto é

moderada pela intervenção de um outro sujeito (Alter) e se torna uma relação complexa sujeito a sujeito e sujeito com objetos.

Partindo desses pressupostos, elabora um entendimento acerca das representações sociais, a concebendo como um "conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais". Pode ser compreendido ainda como um conjunto simbólico e prático caracterizando-se pela seleção de informações, a partir do repertório circulante na sociedade, com o objetivo de interpretar a realidade (Moscovici, 2003). Por sua vez, Jodelet (1989) define as RS como sendo uma forma de conhecimento, socialmente, elaborada e partilhada, buscando contribuir para a construção de uma realidade comum a um grupo social (Vala, 2000).

Sob a influência destas teorizações, Moscovici inicia, em 1961, um estudo sobre a apropriação da teoria psicanalítica por parte de diferentes grupos sociais dos anos de 1950. Esse autor observou que conceitos originados na psicanálise como “repressão” e “inconsciente”, haviam se tornado ideias do senso comum (Álvaro & Garrido, 2006). Nesta direção, a TRS lançava mão de duas formas distintas para conhecer a realidade: a primeira, nomeada de universo consensual, que se constitui no senso comum; a segunda, por sua vez, denominada de universo reificado, que se cristaliza no espaço científico (Arruda, 2002; Chaves & Silva, 2011).

Partindo dessa perspectiva, verifica-se que as RS não se constituem apenas de teorias científicas, mas das experiências, das comunicações e fatos cotidianos e dos grandes eixos culturais (Vala, 2013). Ou seja, a mesma considera o saber do homem comum e os significados que compõe a realidade cotidiana, reconhecendo-o como um conhecimento legítimo e motor das transformações sociais (Spink, 1993).

A forma como as representações sociais são formadas é descrita por Moscovici (1961/1981) através de dois processos distintos: a objetivação e a ancoragem (Vala,

2000). Tais processos ocorrem em momentos distintos, mas desenvolvem-se concomitantemente, inter-relacionam-se e dão sentido à RS (Guareschi & Jovchelovitch, 2008; Álvaro & Garrido, 2006; Jodelet, 1989, 2001; Moscovici; Oliveira & Werba, 2003).

A objetivação refere-se a forma como os elementos constituintes da representação se organizam e adquirem materialidade, ou seja, a forma como o impalpável torna-se palpável. É a transformação de algo abstrato em algo mais concreto. Esse processo envolve três momentos: a construção seletiva, a esquematização estruturante e, a materialização (Nóbrega, 2001). O primeiro momento é a Construção seletiva, em que as informações, crenças e ideias acerca do objeto da representação sofrem um processo de seleção e descontextualização. O segundo momento da objetivação é a Esquematização, que é a fase de organização dos elementos à sua esquematização estruturante. No terceiro momento, de naturalização, os conceitos retidos no esquema figurativo, no momento anterior se constituem em categorias naturais e passam a ter materialidade (Vala, 2000).

A ancoragem, por sua vez, corresponde ao processo pelo qual se faz possível uma integração do novo ou desconhecido a uma rede de categorias usuais de pensamento, ou seja o processo pelo qual o desconhecido é transformado em familiar. Emprestando os conceitos de Piaget, poderia ser explicado como uma assimilação e acomodação de um objeto que novo apoiado em objetos já existentes no sistema cognitivo (Álvaro & Garrido, 2007; Guareschi & Jodelet, 1989, 2001; Jovchelovitch, 2000; Moscovici, 2012; Oliveira & Werba, 2003).

Na perspectiva de Abric (1987), a RS é " o produto de uma atividade mental, através da qual um indivíduo ou um grupo reconstitui a realidade com a qual ele se confronta e para qual ele atribui significado específico. Para esse autor, as RS desempenham quatro importantes funções: (1) função do saber, que permite compreender

e explicar a realidade; (2) função identitária, a qual define a identidade e permite a proteção da especificidade do grupo; (3) função de orientação, que guia o comportamento; (4) função justificadora, que permite a justificativa das tomadas de posição e comportamento (Abric, 1998).

Esse autor, Jean-Claude Abric, se apresenta como uma importante influência na TRS liderando em Aix-em-Provence, que complementou a teoria de Moscovici. A perspectiva de Abric enfatiza a dimensão cognitivo-estrutural das representações, indicando haver dois constituintes das RS: os centrais e os periféricos (Jodelet, 2011; Sá, 1998). Os centrais correspondem *a parte estável e consensual* das RS cuja função é gerar o significado básico da representação e determinar a organização global de todos os elementos. Define a homogeneidade do grupo, relacionando-se com a sua história coletiva, além de determinar a organização da representação. Os periféricos tem um caráter mais flexível, permite o ajustamento a mudanças contextuais e a adaptação à realidade concreta e na diferenciação do conteúdo da representação e, em termos históricos, na proteção do sistema central (Abric, 1998).

Diante do apresentado, compreende-se que a TRS aponta para uma teoria multifacetada, cujo o conceito é dinâmico, gerando uma grande quantidade de pesquisas no cenário atual da Psicologia Social (Araújo, 2018). Tal conceito pode auxiliar na compreensão das várias dimensões de uma realidade, tais como: física, social, cultural, e cognitiva (Oliveira & Werba, 1998).

Nesse sentido, estudar o ADRA sob esse enfoque se faz pertinente, tendo em vista que esse fenômeno apresenta características complexas, abrangendo questões de diversas ordens: individuais, sociais, culturais e históricas, demandando por sua vez uma visão poliocular. Desse modo, falar de representação social na perspectiva do objeto de estudo da presente tese implica reconhecer que o saber compartilhado pelos atores sociais acerca

do ADRA pode contribuir para compreender melhor esse fenômeno e como essas representações incidem nas tomadas de decisões dos sujeitos (Moscovici, 2012).

Uma vez terem sido apresentadas considerações sobre a TRS, seguir-se-á no capítulo posterior descrevendo acerca do Modelo Geral de Agressão, suas principais influências, sua compreensão acerca do comportamento agressão e sua relação com ADRA. Ainda serão descritos o modelo pelo qual a tese se baseia para construção do estudo sob essa perspectiva.

O Modelo Geral da Agressão (MGA), proposto por Anderson e Bushman (2002), é uma abordagem integrativa que recebeu influências das seguintes teorias: Teoria da Aprendizagem Social de Bandura (1977), Cognitivismo Neo-Associacionista de Berkowitz (1993) e Interacionismo Social de Tedeschi e Felson (1994). De acordo com Allen e Anderson (2017) o GAM aprimora as teorias anteriores de quatro formas importantes: (1) apresenta-se como uma teoria mais parcimoniosa em relação aos seus precursores teóricos; (2) explica a agressão com base em múltiplos fatores; (3) fornece um esquema de classificação multidimensional para a agressão humana que permite focalizar múltiplos aspectos que influenciam o comportamento agressivo, (4) permite a formulação de intervenções com base em múltiplas questões.

Atualmente, essa teoria tem sido amplamente utilizada em estudos internacionais, apresentado-se útil para a explicação da comportamento agressivo em distintos contextos: violência entre parceiro íntimo, violência intergrupar, violência na mídia, agressão masculina-masculina na competição sexual, e na violência associada ao clima global (Allen & Anderson, 2017).

Tal perspectiva parte do entendimento de que a agressão tem a ver com qualquer comportamento que intencionalmente objetiva causar dano a outra pessoa motivada a evitar esse dano (DeWall, Anderson & Bushman, 2012). Neste sentido a agressão apresenta três características imprescindíveis: (1) deve ser um comportamento observável; (2) deve ser destinado a prejudicar; e (3) a vítima deve estar motivada para evitar o dano.

Neste direcionamento é importante destacar que nem toda agressão é considerada violência, mas toda violência é uma agressão. Dessa forma, a violência então corresponderia a agressões com sérios danos físicos como seu objetivo final (por exemplo, atenção médica ou causar a morte) (DeWall, Anderson & Bushman, 2012).

Neste aspecto o objeto de estudo da presente tese configuraria, segundo o Modelo Geral da Agressão como um tipo de agressão.

Quanto aos aspectos teóricos, o GAM sugere que o comportamento agressivo está fundamentado em três estruturas do conhecimento: (a) *esquemas perceptuais*, que são utilizados para identificar fenômenos mais simples, como objetos físicos cotidianos, ou mesmo eventos sociais complexos, como exemplo, insulto social; (b) *esquemas pessoais*, referindo-se as crenças sobre determinada pessoa ou grupo de pessoas; por fim, (c) *os scripts comportamentais*, que contêm informações acerca da forma como as pessoas se comportam diante de diversas situações (Anderson & Bushman, 2002; Cardoso, 2010).

Tais estruturas são parte das experiências dos sujeitos e apresentam uma influência sobre as percepções dos indivíduos, desde padrões visuais básicos à sequências comportamentais complexas. Neste aspecto, na medida em que vão sendo utilizadas tendem a tornar-se automatizadas, mantendo-se associadas com estados afetivos e orientando as interpretações dos sujeitos, e suas respostas comportamentais diante do ambiente (Anderson & Bushman, 2002).

O Modelo Geral da Agressão apresenta-se como uma abordagem dinâmica para explicar a agressão, se direcionando para o episódio, ou seja, a pessoa na situação. Cada episódio perpassa três etapas: a primeira (*inputs*) enfatiza aspectos referentes ao sujeito (fatores pessoais), e referentes à situação (fatores situacionais). A segunda se concentra em como as variáveis de entrada (*inputs*) influenciam o estado interno atual do indivíduo (cognição, afeto e excitação). Finalmente a terceira diz respeito a como esse estado interno presente influencia os processos de avaliação e decisão (Allen & Anderson, 2017; Anderson & Bushman, 2002). Essa ação então influencia novamente

os fatores pessoais e situacionais repetindo novamente o processo. Na figura abaixo é possível visualizar como ocorre esse processo.

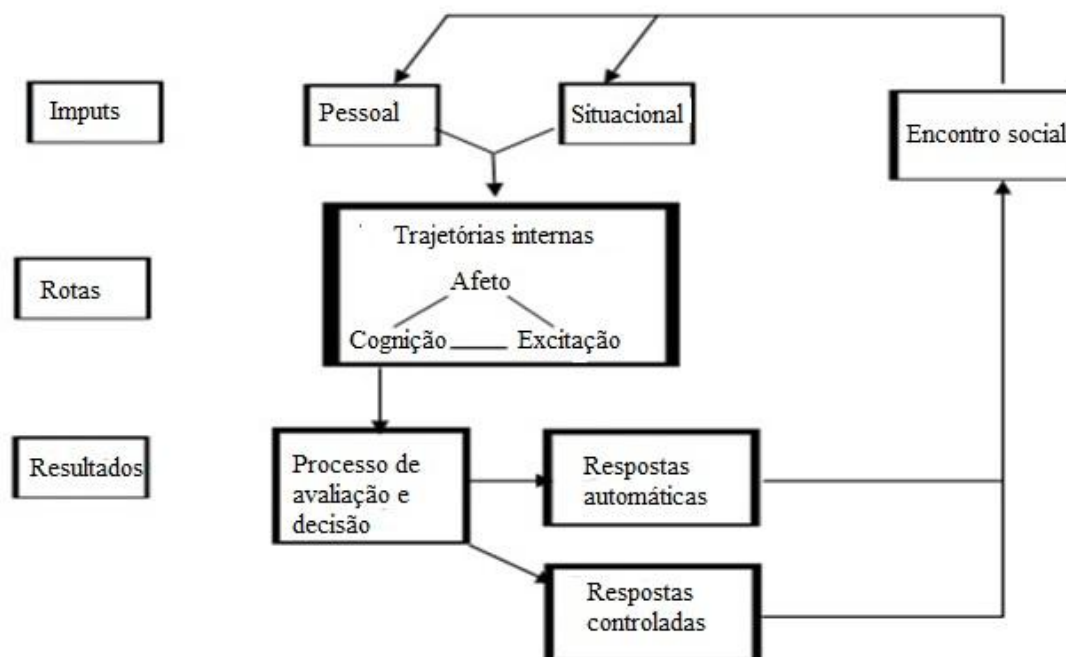


Figura1. GAM - Retirado da Tese de doutorado de Paiva (2018)

No que tange aos fatores pessoais essas se referem as características consistentes que o indivíduo traz para a situação, tais como: traços de personalidade, atitudes, motivos, gênero, crenças, valores, metas de longo prazo e roteiros comportamentais. Por sua vez, os fatores situacionais enfatizam as características do ambiente, como: sugestões agressivas, provocação, fontes de frustração, drogas, sanções externas e incentivos, grau em que a situação social restringe ou oferece uma oportunidade de agir agressivamente (Allen & Anderson, 2017).

Finalmente os inputs referem-se as rotas de entrada, ou seja, variáveis que influenciam o estado interno e na tomada de decisão, que podem ser originadas na cognição, no afeto e na excitação. Essas três rotas constituem o estado interno atual de

um indivíduo e funcionam incentivando ou desencorajando comportamentos agressivos, e por sua vez, influenciam os processos de avaliação e decisão. As três rotas também interativamente e bidirecionalmente influenciam umas às outras, e qualquer uma delas pode surgir primeiro e depois influenciar as outras.

Diante do exposto, entende-se que utilizar essa abordagem implica compreender que vítimas e perpetradores entram em situações de abuso digital sob diferentes origens, experiências, atitudes, desejos, personalidades e motivos que se cruzam para determinar a curso da interação. Essas estruturas de conhecimento definem a variável de entrada individual e ajudam a determinar situações em que os indivíduos serão atraídos.

Neste sentido, a presente tese propõe dois modelos: uma para perpetração e outro para vitimização. Para perpetração é descrito o seguinte modelo, que a personalidade (variável pessoal) e a perpetração de violência tradicional no namoro (variável situacional) encorajam a sentimentos de ciúmes (rota interna afetiva), aumentando a ocorrência de perpetração de abuso digital nos relacionamentos amorosos. Ver modelo na figura 2.

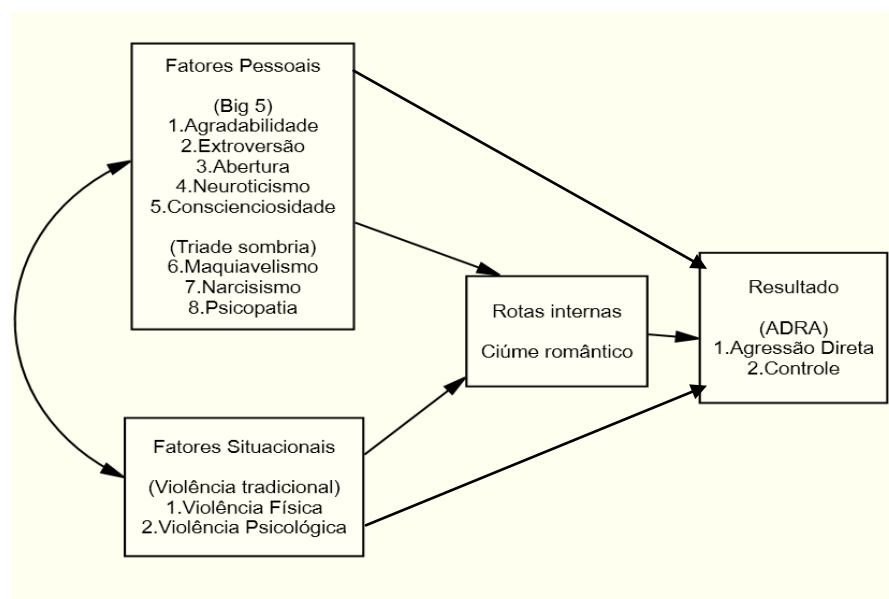


Figura 2. Modelo da tese para perpetração baseado no MGA

Quanto ao modelo de vitimização, a presente tese propõe que a personalidade (variável pessoal) e a vitimização de violência tradicional nos relacionamentos amorosos (variável situacional) encorajam afetos negativos (rota interna afetiva), aumentando a ocorrência de vitimização de abuso digital nos relacionamentos amorosos. Ver modelo na figura 3.

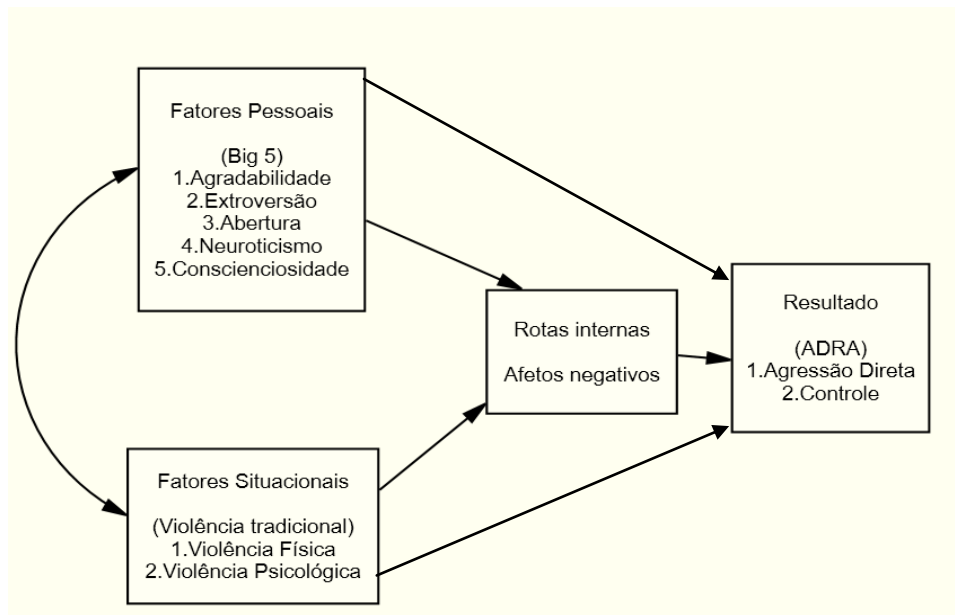


Figura 3. Modelo da tese para vitimização baseado no MGA

Tendo sido apresentados os capítulos referentes ao marco teórico da atual tese, seguir-se-á posteriormente com a descrição dos capítulos referentes aos estudos da tese. Serão descritos quatro estudos, dos quais: um será teórico e os demais, empíricos.

PARTE II. ESTUDOS DA TESE

CAPÍTULO IV. ARTIGO 1: ABUSO DIGITAL NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS: UMA REVISÃO SOBRE PREVALÊNCIA, INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO E FATORES DE RISCO

ABUSO DIGITAL NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS: UMA REVISÃO SOBRE PREVALÊNCIA, INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO E FATORES DE RISCO

Resumo: Com o avanço da tecnologia, uma nova forma de agressão entre casais tem emergido, o abuso digital nos relacionamentos amorosos. Embora ser um fenômeno recente, tem despertado interesse de estudos devido as suas implicações negativas. Nesse sentido o objetivo dessa revisão foi fazer um levantamento de pesquisas empíricas relacionadas ao abuso digital nos relacionamentos amorosos, conhecendo suas prevalências, instrumentos de avaliação e fatores de risco associados. Foram encontrados e analisados 39 artigos referente aos últimos 10 anos (2008-2018). Os resultados apontaram para uma ampla variação na prevalência desse fenômeno; além de distintas formas de operacionalizá-lo. Em termos de medidas de avaliação verificam-se um maior uso de instrumentos de autorrelato, não obstante, a maioria desses não relataram parâmetros psicométricos. Também verificou-se que esse fenômeno emerge como um fenômeno psicossocial, podendo ser ocasionado por fatores de risco de diversas ordens, tais como: sociodemográficos; relativos ao relacionamento; familiares, psicológicos, relacionados às percepções, normas e crenças. Ademais, ao longo deste artigo foram feitas diversas sugestões de pesquisas futuras.

Palavras-chave: violência por parceiro íntimo; abuso digital nos relacionamentos amorosos; agressão virtual; tecnologia.

Abstract: With the advancement of technology, a new form of aggression between couples has emerged, digital abuse in loving relationships. Although it is a recent phenomenon, it has attracted interest from studies because of its negative implications. In this sense, the purpose of this review was to make a survey of empirical research related to digital abuse in love relationships, knowing their prevalence, evaluation instruments and associated risk factors. We found and analyzed 39 articles referring to the last 10 years (2008-2018). The results pointed to a wide variation in the prevalence of this phenomenon; besides different ways of operating it. In terms of evaluation measures, there is a greater use of self-report instruments, nevertheless, most of them did not report psychometric parameters. It has also been observed that this phenomenon emerges as a psychosocial phenomenon, and may be caused by risk factors of several orders, such as: sociodemographic; relationship; familiar, psychological, related to perceptions, norms and beliefs. In addition, several suggestions for future research were made throughout this article.

Keywords: intimate partner violence; cyber dating abuse; virtual aggression; technology.

Introdução

A tecnologia tornou-se essencial na vida cotidiana, permitindo a transformação de conexão entre as pessoas com a criação de novos espaços de socialização. Por outro lado, o ambiente virtual passou a ser ferramenta de práticas de discriminação e violência, fornecendo oportunidades para perpetradores humilharem, deflagrarem e agredirem (Deans & Bhogal, 2017; Flach & Deslanches, 2017; Peskin et al., 2017). Neste sentido, um grande número de investigações tem concentrado seu interesse no mau uso da tecnologia, através de fenômenos como *cyberbullying* (bullying virtual), *cyberstalking* (perseguição virtual), *porn revenge* (exposição de imagens íntimas sem consentimento), linchamento virtual e abuso digital nos relacionamentos amorosos.

No que tange ao abuso digital nos relacionamentos amorosos, além de surgir no contexto da violência entre casais, está intimamente relacionado ao uso crescente da tecnologia entre parceiros íntimos. Apesar disso, uma pesquisa realizada em 2013 pelo *Pew Research Center*, nos Estados Unidos, aponta que 41% dos casais jovens que têm entre 18 e 29 anos sentem-se mais próximos dos parceiros por causa de recursos tecnológicos. Dos entrevistados, 67% dos casais admitiram compartilhar suas senhas, 27% disseram utilizar a mesma conta de *e-mail* e 11% relataram dividir o perfil em redes sociais. Finalmente, a pesquisa apontou que 10% dos adultos (casados ou solteiros) já enviaram vídeos ou fotos com nudez para seu parceiro.

O abuso digital nos relacionamentos amorosos (ADRA), cuja terminologia internacional mais utilizada é *Cyber Dating Abuse* (ADRA, Flach & Deslanches, 2017), diz respeito a ameaças, insultos, humilhações ou comportamentos de ciúme destinados a provocar angústia no parceiro e isolamento. Além disso, inclui comportamentos como controle do parceiro (exigir conhecer as senhas do celular ou contas de e-mail),

propagação de rumores, compartilhamento de fotos ou vídeos do parceiro sem sua permissão, pressão para que o parceiro envie fotos ou vídeos sexualmente explícitos ou pratique atos sexuais contra a sua vontade através da *internet* ou celular (Borrajo, Gámez-Guadix, Pereda, & Calvete, 2015c; Flach & Deslanches, 2017; Ouytsel et al., 2016).

Embora compartilhe semelhanças com a violência tradicional entre casais, o ADRA possui algumas distinções que garantem sua investigação como um comportamento distinto. A primeira diz respeito ao fato de que o abuso virtual pode acontecer de forma rápida, fácil e continuamente, podendo ocorrer em qualquer lugar ou em qualquer momento (mesmo após o término do relacionamento), não sendo necessária a presença do agressor (Bennett et al., 2011; Melander, 2010; Stonard, Bowen, Lawrence & Price, 2015). Além disso, muitas mensagens baseadas em tecnologia são relativamente permanentes (Runions, Shapka, Dooley, & Modecki, 2013; Slonje & Smith, 2008).

Convém destacar que, assim como na violência presencial entre casais, o ADRA implica em várias consequências negativas, podendo ocasionar aos envolvidos baixo rendimento escolar, distúrbios do sono, sintomas depressivos e ansiosos, comportamentos delinquentes e ideação suicida (Flach & Deslanches, 2017).

Com base no exposto, verifica-se que, ao passo que houve um aumento do uso tecnológico por parceiros íntimos e, por sua vez, na criação de novas táticas de violência dentro do relacionamento, novas demandas científicas relacionadas à temática do abuso digital entre casais se apresentaram. Não obstante, verifica-se que ela tem sido pouco investigada, uma vez que a maior parte dos estudos que trata da "violência entre parceiros íntimos" não considera as formas *online* de abuso.

Dessa forma, tendo em vista a fase inicial em que se encontram as pesquisas referentes ao ADRA, torna-se imprescindível conhecer de que forma esse fenômeno vem sendo estudado a fim de melhor compreendê-lo. Por essa razão, a presente revisão objetivou fazer um levantamento de pesquisas empíricas relacionadas ao abuso digital nos relacionamentos amorosos, conhecendo suas prevalências, instrumentos de avaliação e fatores de risco associados.

Método

A presente revisão de literatura foi realizada mediante busca de artigos indexados em base eletrônica de dados, buscando identificar publicações que avaliassem o abuso digital nos relacionamentos amorosos em um período de dez anos. Para a realização da pesquisa, procedeu-se com uma investigação nas seguintes bases de dados: MEDLINE/PubMed, Scopus, Psynfo, Scielo.

Foram utilizados, para busca de estudos, os descritores: *Cyber Dating Abuse* (CDA), *Cyber Dating Aggression* (CDAgg) e *Cyber Aggression AND Intimate partner violence* (CAIPV). Optou-se pelos termos em inglês, tendo em vista não serem encontrados estudos empíricos nessa temática no Brasil. Como critérios de refinamento, considerou-se a inclusão dos estudos desenvolvidos entre os anos de 2008 e 2018 que apresentassem conteúdo completo para acesso. Foram excluídos estudos teóricos e de revisões, textos coincidentes, sem acesso completo, indisponíveis em meio digital e pesquisas empíricas que não fizessem referência direta ao tema proposto no presente estudo.

De acordo com a busca realizada no banco de dados, foram localizados inicialmente 1.290 resultados (SciELO = 0; MEDLINE/PubMed = 349; Scopus = 913;

PsycINFO = 28). Destes, foram excluídos 113 por estarem repetidos, restando 1.177 artigos para leitura de resumo. Após esse procedimento, foram excluídos 1.129 por não se relacionarem à temática, restando 48 publicações para leitura na íntegra. Destes, por sua vez, foram excluídos 9 manuscritos, por se tratarem de revisões, sendo selecionados, ao final, 39 artigos, os quais foram submetidos a uma análise minuciosa. Para uma ilustração detalhada de tal processo de triagem, ver a Figura 1

_____INSERIR FIGURA 1 AQUI_____

Resultados e discussão

Os estudos selecionados são apresentados na Tabela 1, em que são descritos a autoria e o ano de publicação; o país onde foi realizada a pesquisa; as estratégias/ou os instrumentos utilizados para a avaliação do ADRA, incluindo quantidade de itens, subescalas e dimensões avaliadas, bem como o período de ocorrência considerado e; finalmente, a prevalência de vitimização e a perpetração apontada nos estudos.

_____INSERIR TABELA 1 AQUI_____

Conforme observado, o ano com maior número de publicações foi o de 2015 (11), seguido de 2017 (10) e 2018 (6), 2014 (4) e 2016 (4), 2013 (3) e 2010 (1). Acerca disso, verifica-se que as investigações encontradas são relativamente recentes, uma vez que o manuscrito mais antigo é correspondente ao ano de 2010, havendo um crescimento vertiginoso no ano de 2015, seguido por uma queda em 2016 e voltando a crescer em 2017 e 2018.

Percebe-se ainda que a maioria dos estudos está concentrada nos EUA (24), seguido pela Espanha (6), Bélgica (4), Canadá (2), México (1), Itália (1) e Reino Unido (1). Ou seja, pesquisas eminentemente oriundas da América do Norte e da Europa, apresentando uma lacuna de pesquisas em países nos demais continentes, inclusive no Brasil.

Em relação aos instrumentos ou estratégias de avaliação empregados, 35 utilizaram metodologia quantitativa (instrumentos de autorrelato), enquanto 3 serviram-se de instrumento qualitativo (entrevista e grupo focal) e 1 de instrumentos quantitativo e qualitativo. Acerca desses achados, chama atenção para o desequilíbrio entre ambas as metodologias (quantitativa e qualitativa), havendo uma maior predominância de estudos empíricos quantitativos. Se essa constatação se configurar uma tendência na pesquisa no tocante ao ADRA, entende-se que novas interpretações acerca do fenômeno poderão sofrer prejuízos, uma vez que a metodologia qualitativa possibilita compreender um maior espectro de opiniões, percepções acerca de um fenômeno, favorecendo uma compreensão mais detalhada das crenças, das atitudes, dos valores e das motivações em relação aos comportamentos das pessoas (Bauer & Gaskel, 2017).

No que diz respeito aos estudos de metodologia quantitativa, predominou-se a utilização de medidas de autorrelato (medidas nas quais o participante avalia seu próprio desempenho). Embora tal estratégia poder sofrer interferência da desejabilidade social (Crowne & Marlowe, 1960), ela apresenta como vantagem a possibilidade de coletar grandes quantidades de dados em um menor período de tempo, bem como possui uma maior simplicidade em sua administração.

Nos artigos empíricos analisados, que utilizaram medidas de autorrelato (36), foram encontrados 28 instrumentos distintos, os quais podem ser divididos em dois grupos. O primeiro, formado por 23 instrumentos, refere-se a medidas elaboradas pelos próprios pesquisadores, com base em estudos prévios sobre *cyberbullying* ou violência tradicional no namoro, não sendo empregadas em pesquisas posteriores. O segundo grupo, constituído por 5 medidas, corresponde aos instrumentos padronizados em que são mencionados evidências de validade e precisão: *Cyber dating abuse questionnaire* - (CDAQ, Borrajo et al., 2015c), *Cyberdating Q_ A* (Sánchez et al., 2015), *Cyber*

Aggression in Relationships Scale (CARS, Watkins et al., 2016), *Partner Cyber Abuse Questionnaire* de Hamby (2013; Wolford-Clevenger et al., 2016) e a Escala de Ciber-Violência em Parejas Adolescentes (Cava & Buelga, 2018), havendo uma maior proeminência do CDAQ (Borrajo et al., 2015c).

Diante disso, verifica-se que, apesar da variedade de instrumentos de autorrelato encontrados, ainda existe uma carência na literatura de medidas que avaliem o ADRA, com indicações de parâmetros psicométricos. As qualidades psicométricas de um estudo (validade e precisão) são exigências essenciais para um bom instrumento, de modo que o mesmo deve ter a capacidade de mensurar aquilo que se propõe, bem como a de medir sem erros (Pasquali, 2009).

Quanto às dimensões abarcadas pelos instrumentos de autorrelato, 11 avaliam essa agressão como um fenômeno composto de mais de um componente, enquanto as demais não assumem uma multidimensionalidade ou não a mencionam. As dimensões apontadas são diversas, a saber: controle *online* (Borrajo et al. 2015b; Borrajo et al., 2015c; Reed et al., 2017; Sanchez et al., 2015); agressão direta (Borrajo et al. 2015b; Borrajo et al., 2015c; Reed et al., 2017); abuso de namoro cibernético sexual e não sexual (Dick et al, 2014; Zweig et al., 2013); coerção sexual digital (Reed et al., 2017); intimidade *online*, estratégias de comunicação emocional, práticas de ciberrelação, ciúme *online* e comportamento intrusivo em linha (Sanchez et al., 2015); *cyberstalking*, assédio, *sexting* coercitivo (Smith-Darden et al, 2017); agressão cibernética psicológica, agressão cibernética sexual, agressão cibernética *stalking* (Watkins et al 2016); agressão cibernética relacional e invasão de privacidade (Wright, 2015; Crane et al., 2018).

Além dos distintos fatores mencionados pelas medidas, verifica-se uma ampla gama de comportamentos abordados como indicadores de abuso digital nos relacionamentos, tais como monitorar um parceiro ou ex-parceiro (Borrajo et al., 2015c;

Watkins et al 2016), pressionar o parceiro para que envie fotos sexuais ou nuas de si mesmo (Zweig et al., 2013a), enviar *e-mails* ou mensagens ameaçadoras (Borrajo et al., 2015c; Watkins et al 2016; Wolford-Clevenger et al., 2016; Zweig et al., 2013a), enviar fotos ou mensagens humilhantes (Borrajo et al., 2015c; Watkins et al 2016).

Esses achados ilustram que os desenvolvedores dos instrumentos operacionalizam o conceito de diferentes maneiras, não sendo verificada uma definição consensual, o que pode ser explicado pelo fato de o tema ser recente ou ainda pela escassez de estudos empíricos acerca deste fenômeno. Nesse sentido, é adequado considerar previamente, antes de decidir qual medida utilizar, a definição que mais se enquadre aos objetivos da pesquisa em vista.

Em relação ao questionamento do período de ocorrência do abuso, 20 instrumentos delimitam o último ano, enquanto 3 demarcam os últimos 3 meses, 4 delimitam os últimos 6 meses, 1 considera alguma vez, 1 determina a última hora e 7 não informam. Conforme observado, a consideração quanto ao período em que os participantes relatam ter vivenciado situações de abuso *online* variou de "última hora" a "alguma vez" (ou ao longo da vida), sendo o intervalo de "último ano" o mais utilizado.

Finalmente, quanto à prevalência de vitimização, 20 estudos relataram taxas que variaram de 1,1% a 91,9%. Destes, a maioria foi conduzida nos EUA (13 estudos), seguido pela Espanha (5 estudos), Canadá (1) e Itália (1). No que tange aos índices de perpetração, são encontrados 20 estudos que informam tais taxas, dos quais 14 foram realizados nos EUA, 4 na Espanha, 1 no Canadá e 1 na Itália, indicando percentuais que variaram de 2,7 % a 97,7%.

Esses dados refletem que, apesar dessa variação na prevalência entre os estudos, claramente o ADRA é um comportamento comum entre casais. Essa variação pode ser explicada pelo fato dessas prevalências fazer referência tanto a comportamentos mais

gerais de abuso (exemplo: sofrer qualquer tipo de controle *online* - Borrajo et al., 2015c), quanto a comportamentos mais específicos (exemplo: ter senha roubada pelo parceiro - Wolford-Clevenger et al., 2016). Como também, reportar ações menos graves (exemplo: inspecionar as redes sociais do parceiro sem a permissão dele, Borrajo et al., 2015c) quanto mais severas (exemplo: enviar mensagens ameaçadoras para o parceiro - Watkins et al., 2016). Ademais, pode-se citar, como influenciadores, a utilização de diferentes definições do fenômeno, os tipos diferentes de instrumentos e amostras, bem como o período de ocorrência considerado pelos autores, o que torna as comparações e generalizações entre estudos algo desafiador.

Foram também analisados os fatores de risco associados à vitimização e à perpetração do abuso virtual nos relacionamentos amorosos, os quais foram subdivididos da seguinte forma: (1) fatores ligados às características sociodemográficas, (2) ao relacionamento, (3) ao comportamento sexual de risco, (4) ao comportamento antissocial e agressivo; (5) a fatores psicológicos, (6) a fatores familiares e (7) a fatores relacionados às percepções, normas e crenças.

Fatores ligados às características sociodemográficas

Uma primeira variável apontada é o *gênero*, em que não se observa um consenso. Por um lado, alguns autores indicam uma frequência semelhante entre homens e mulheres (Borrajo et al., 2015a; Peskin et al. 2017; Sanchez et al., 2015; Van Ouytsel et al., 2017b; Van Ouytsel et al., 2016). Por outro, estudos reportam as mulheres como aquelas que sofrem mais abuso cibernético do que os homens (Dick et al., 2014; Reed et al, 2017; Zweig et al., 2013b) e como sendo aquelas menos propensas a cometerem tal agressão (Deans & Bhogal, 2017).

Esse dado necessita de maior investigação, sobretudo quanto à influência dos papéis socializados de gênero, em que se espera que as mulheres tendam a apresentar

menos comportamentos abusivos que os homens. Além disso, é importante conhecer de que forma essa violência é manifestada em relação ao gênero, uma vez que estudos verificaram que as mulheres tendem a praticar o abuso *online* na categoria de monitoramento e controle, enquanto os homens na agressão direta (Borrajo et al., 2015a; Durán & Martínez Pecino, 2015; Lucero et al., 2014; Wolford-Clevenger et al., 2016).

Outro fator de risco elencado foi *a idade*, indicando que indivíduos mais jovens apresentam uma maior frequência de envolvimento no ADRA (Borrajo et al 2015a; Crane et al., 2018; Smith et al., 2018; Watkins et al., 2016), podendo ter como explicação o fato de ser verificado menores habilidades ou conhecimento para lidar com relacionamentos amorosos em pessoas de menos idade. Além disso, esses podem apresentar uma visão mais irreal do relacionamento amoroso, deduzindo o controle e o monitoramento como uma forma de amor (Borrajo et al 2015a; Watkins et al., 2016). Não obstante, Zweig et al. (2013b) e Van Ouytsel et al. (2016; 2017b) não verificaram relação entre idade e ADRA.

O *uso de redes sociais*, bem como o *uso problemático da internet* também foram associados ao ADRA, referindo que quanto mais sua utilização, maior probabilidade de ser vítima ou agressor desse fenômeno (Machimbarrena et al., 2018; Van Ouytsel et al., 2016; 2017b). Esses resultados não surpreendem, tendo em vista que essa relação também é verificada em pesquisas que consideram outros tipos de agressões virtuais (Didden et al., 2009; Twyman, Saylor, Taylor, & Comeaux, 2010). Além disso, no contexto do ADRA, Van Ouytsel et al (2016) destaca que quanto mais os indivíduos usam as redes sociais, obtendo mais acesso ao conteúdo *online* de seus parceiros, mais eles tendem a ter ciúmes e posteriormente cometerem o abuso.

Outro fator que podem colocar o indivíduo em risco para o envolvimento no ADRA é o *relacionamento homossexual*, em que se verificou uma associação entre estar nesse tipo de relação e uma maior frequência de ADRA (Borrajo et al., 2015a; Dank et al., 2014). Tal associação pode ser justificada pela razão de que esse grupo, em função das experiências discriminatórias ou de vitimização sofridas, podem tender a uma maior aceitação e tolerância de conflito e abuso nos relacionamentos, aspecto esse apontado por Hipwell et al. (2013). Estudos futuros poderiam averiguar também a influência do nível socioeconômico, do nível de escolaridade, do grau de religiosidade, da renda familiar e da quantidade de amigos das vítimas e/ou perpetradores do ADRA.

Fatores ligados ao relacionamento

No contexto dos fatores ligados ao relacionamento, estudos reportam que indivíduos com *histórico de abuso no relacionamento* passado foram mais propensos a relatarem abuso de namoro cibernético do que aqueles que estavam atualmente em um relacionamento (Borrajo et al., 2015a). Do mesmo modo, o *início precoce do namoro e relacionamentos recorrentes* foram relacionados a uma maior vitimização de ADRA (Hancock et al., 2017). Esses dados se assemelham aos resultados obtidos por pesquisas na condição de violência tradicional no namoro (Barreira, Lima & Avanci, 2013).

Consideram-se ainda, como fatores importantes a serem verificados em pesquisas futuras, a quantidade de relacionamentos no último ano, a diferença de idades entre o casal, o tempo de relacionamento e a infidelidade no relacionamento.

Fatores relacionados ao comportamento sexual

No que tange ao comportamento sexual, foi verificada uma associação positiva entre a vitimização do ADRA e o *comportamento sexual de risco*, indicando que vítimas de ADRA apresentam menor probabilidade de uso de anticoncepcionais, maior coerção a reprodução e uma maior exposição (Dick et al., 2014). Além disso, verificou-

se que participantes que relataram ter *vida sexual ativa no último ano* tendiam a serem alvos de vitimização de abuso virtual no namoro (Zwieg, 2013b). Ademais, vítimas do ADRA indicavam também serem alvos de *sexting* e, por sua vez, perpetradores do ADRA indicaram atitudes mais favoráveis frente ao *sexting* (Peskin et al., 2017).

Esses dados são coerentes aos encontrados no contexto da violência tradicional entre casais, os quais indicam que padrões de comportamentos sexual de risco estão associados a uma maior probabilidade de vitimização posterior (Alleyne-Green, et al., 2016; East & Hokoda, 2015). Além disso, Nagamatsu, Hamada e Hara (2016) informam que indivíduos com uma atitude conservadora em relação à atividade sexual tendem a ser mais cientes do comportamento sexual de risco e, assim, terem uma maior capacidade de reconhecer os sinais de violência. Sugere-se ainda como variável relacionada ao comportamento sexual, igualmente relevante e que pode ser explorada em estudos futuros, a idade da iniciação da vida sexual.

Fatores relacionados ao comportamento antissocial e agressivo

O uso de substâncias foi descrito como um fator de risco para o ADRA, cujas vítimas relataram maior *uso de álcool* (Machimbarrena et al., 2018; Smith et al., 2018; Watkins et al., 2016) e *drogas pesadas* (Machimbarrena et al., 2018), assim como também perpetradores informaram maior *uso de álcool* (Van Ouytsel et al., 2016; Watkins et al., 2016) e *uso de cigarro* (Van Ouytsel et al., 2016). Esses dados se assemelham com os encontrados nas relações de namoro tradicional (Niolon et al., 2015).

Não obstante, tendo em vista alguns achados reportarem que associações entre violência tradicional no namoro e uso de substâncias podem variar de acordo com o tipo substância e tipo de efeito (proximal *versus* variável no tempo - Reyes, Foshee, Bauer, & Ennett, 2014), estudos futuros podem averiguar se essa realidade se reproduz no

contexto digital. Além disso, sugere-se ainda buscar conhecer se o uso de substâncias funciona como redutor de inibições para o envolvimento em comportamentos abusivos *online*.

Outro fator de risco apontado na literatura para o ADRA foi o *cyberbullying*, indicando que estar envolvido no ADRA aumenta a probabilidade de envolvimento nessa prática (tanto a vitimização como a perpetração - Borrajo et al., 2015c; Machimbarrena et al., 2018). Por sua vez, o envolvimento na perpetração do ADRA apresentou-se associado ao *bullying* (Peskin et al., 2017; Van Ouytsel et al., 2017b; Yahner et al., 2014). Esse dado pode ser compreendido pelo fato de que os jovens que usam poder e agressão nas relações entre pares podem transferir esses comportamentos para suas relações românticas (Foshee et al., 2014; Olweus, 2013).

Quanto à relação *abuso no namoro / violência entre parceiros íntimos* e ADRA, foram identificados, no total, 12 estudos, os quais indicaram que vítimas de abuso digital também relataram serem vítimas da violência tradicional na forma psicológica, física, sexual, injúria (Borrajo et al., 2015a; Borrajo et al., 2015c; Cava & Buelga, 2018; Marganski & Melander, 2015; Morelli et al., 2017; Reed et al., 2016; Smith et al., 2018; Temple et al., 2015; Watkins et al., 2016; Wolford-Clevenger et al. 2016; Yahner et al. 2015; Zweig et al., 2013b).

Do mesmo modo, também foi verificada uma associação entre a perpetração de violência tradicional e a *online* entre parceiros íntimos, na forma psicológica, física e sexual (Borrajo et al., 2015c; Crane et al., 2018; Morelli et al., 2017; Reed et al., 2016; Temple et al., 2015; Watkins et al., 2016; Yahner et al. 2015). Como é possível verificar, esses resultados são bastante recorrentes na literatura, o que pode indicar que o abuso tradicional nos relacionamentos amorosos ocorre em conjunto com o abuso *online*.

Variáveis adicionais desse tópico ainda necessitam ser investigadas, como, por exemplo, o desengajamento moral, o desajustamento escolar ou acadêmico, a violência urbana e comunitária e a exposição à criminalidade.

Fatores Psicológicos

Acerca dos fatores psicológicos, verifica-se que vítimas do ADRA apresentaram elevados índices de *sintomas depressivos e ansiosos* (Machimbarrena et al., 2018; Wolford-Clevenger et al. 2016; Zweig et al., 2013b) e baixa *autoestima* (Hancock et al., 2017; Smith et al., 2018). Não obstante, é necessário ampliar essa investigação, uma vez que tais fatores psicológicos são de difícil valorização como fatores de risco, pois não é possível concluir se esses constituem a causa ou consequência do próprio processo de vitimização.

No que tange aos perpetradores do ADRA, foram identificadas altas pontuações em *autoestima* (Smith et al., 2018), *raiva e hostilidade* (Deans & Bhogal, 2017; Watkins et al., 2016; Zweig et al. 2013b), assim como *ciúme* (Deans & Bhogal, 2017; Watkins et al., 2016), e menores pontuações em *empatia* (Ramos et al, 2017). A raiva e a hostilidade como um imperativo ao comportamento agressivo e abusivo é um fator que já vem sendo apontado na literatura (Barlett & Anderson, 2012; Cavalcanti & Pimentel, 2016).

O ciúme, por sua vez, vem sendo apresentado como um desencadeador de conflitos e brigas, como também fator que legitima a violência entre casais (Oliveira, Assis, Njaine, & Pires, 2016). Consequentemente, a empatia é apresentada como inibidora de comportamentos agressivos e abusivos (Batanova & Loukas, 2014; Stanger, Kavussanu, McIntyre, & Ring, 2016). Outras possíveis variáveis psicológicas que poderiam ajudar na compreensão desse fenômeno são fatores da personalidade,

impulsividade, inteligência emocional, psicopatia, hiperatividade, estabilidade emocional, e habilidades sociais.

Fatores familiares

Fatores familiares também são apontados como fatores de risco para o envolvimento no ADRA, apontando que níveis mais altos de *comportamentos de controle intrusivos pelo pai* (Van Ouytsel et al., 2017d), bem como uma maior *exposição a um contexto familiar agressivo* (Ramos et al., 2017) está relacionada a uma maior perpetração do ADRA.

Acerca desse contexto familiar, fica evidente que a forma como os pais se relacionam entre si e com seus filhos, através de comportamentos de controle e monitoramento, possui uma influência na maneira como seus filhos vão reproduzir esse comportamento com seus pares. Além disso, o indivíduo criado em um contexto familiar agressivo tende a resolver seus conflitos de forma similar ao contexto em que foi socializado, uma vez que acredita ser essa a melhor forma de lidar com seu parceiro (Oliveira et al., 2014). Esses resultados abrem lacunas para estudos futuros que abarquem o conhecer do papel do controle parental da tecnologia, o apoio familiar percebido, os estilos parentais, bem como as habilidades e as práticas parentais no envolvimento do ADRA.

Fatores relacionados a crenças, percepções e normas pessoais

Mitos sobre o amor e justificação de agressão no namoro online foram associados a uma maior probabilidade de perpetrar ADRA (Borrajo et al., 2015b), ou seja, uma visão irreal do amor aumenta a probabilidade de cometer abuso ADRA, sendo inclusive uma forma de justificar tais ações, considerando tal comportamento como uma expressão aceitável de amor.

Além disso, uma maior *percepção social das normas dos pares em relação ao abuso virtual nos relacionamentos*, bem como maior, das *normas de violência para meninos contra meninas*, e o *endosso dos estereótipos de gênero* foi correlato importante no maior engajamento de perpetração de comportamentos no ADRA (Peskin et al., 2017; Van Ouytsel et al., 2017d).

Acerca desses achados, Van Ouytsel et al., (2017d) destaca que indivíduos que se envolvem no ADRA se associam a parceiros que compartilham dessas mesmas atitudes. Do mesmo modo, indivíduos que defendem atitudes estereotipadas de gênero também podem endossar roteiros de gênero no que diz respeito à violência no namoro (Lucero et al., 2014). Outras possíveis variáveis que poderiam ser objetos de investigação são atitudes frente ao abuso digital nos relacionamentos amorosos, representações sociais, valores sociais e aceitação de violência nos relacionamentos amorosos.

Conclusão

Em suma, verifica-se que o abuso digital nos relacionamentos amorosos emerge, por um lado, no contexto da violência entre parceiros íntimos, e relaciona-se intimamente, por outro, com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e sua inserção no meio social. Nesta direção, essa temática apresenta-se relevante, tendo em vista suas altas prevalências, expondo vítimas a uma maior vulnerabilidade, sem a necessidade de que o agressor esteja fisicamente presente, bem como, suas implicações negativas.

Em termos de medidas de avaliação, verifica-se um maior uso de instrumentos de autorrelato, os quais buscaram identificar incidência, traçar perfis, identificar fatores de riscos e impactos na saúde dos envolvidos. Não obstante, a maioria dessas medidas

não relataram parâmetros psicométricos. Além disso, é possível verificar uma falta de consenso em relação ao conceito de abuso digital nos relacionamentos amorosos e sua operacionalização, demandando uma maior investigação acerca do tema, inclusive dentro de enquadramentos teórico-conceituais.

Outro aspecto a ser apontado diz respeito à multicausalidade do ADRA, emergindo como um fenômeno psicossocial, podendo ser ocasionado por variáveis de diversas ordens, tais como sociodemográficas, relativas ao relacionamento, familiares, psicológicas, relacionadas às percepções, normas e crenças. Nesse sentido, esforços destinados a prevenir a violência digital nos relacionamentos amorosos devem considerar os multifatores envolvidos.

Ademais, ao longo deste artigo, foram feitas diversas sugestões de pesquisas, o que não surpreende, uma vez que o ADRA é um fenômeno ainda recente, carecendo de melhor exploração. Podem ser indicadas ainda, no Brasil, o desenvolvimento de estudos empíricos que repliquem os achados apontados na literatura acerca do ADRA, e a nível internacional, pesquisas com delineamento longitudinal, bem como as que utilizem metodologia qualitativa e quantiquantitativa.

Referências

- Alleyne-Green, B., Grinnell-Davis, C., Clark, T. T., Quinn, C. R., & Cryer-Coupet, Q. R. (2016). Father involvement, dating violence, and sexual risk behaviors among a national sample of adolescent females. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(5), 810-830. doi: 10.1177/0886260514556762.
- Barreira, Alice Kelly, Lima, Maria Luiza Carvalho de, & Avanci, Joviana Quintes. (2013). Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do recife, Brasil: prevalência e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(1), 233-243. doi:10.1590/S1413-81232013000100024.
- Barlett, C. P., & Anderson, C. A. (2012). Direct and indirect relations between the big 5 personality traits and aggressive and violent behavior. *Personality and Individual Differences*, 52(8), 870-875. doi:10.1016/j.paid.2012.01.029.
- Batanova, M., & Loukas, A. (2014). Unique and interactive effects of empathy, family, and school factors on early adolescents' aggression. *Journal of Youth and Adolescence*, 43(11), 1890-1902. doi:10.1007/s10964-013-0051-1
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2017). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Editora Vozes Limitada.
- Borrajo, E., Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2015a). Cyber dating abuse: Prevalence, context, and relationship with offline dating aggression. *Psychological Reports*, 116(2), 565-585. doi: 10.2466/21.16.PR0.116k22w4
- Borrajo, E., Gámez Guadix, M., & Calvete, E. (2015b). Justification beliefs of violence, myths about love and cyber dating abuse. *Psicothema*, 27(4), 327-333. doi: 10.7334/psicothema2015.59.

- Borrajo, E., Gámez-Guadix, M., Pereda, N., & Calvete, E. (2015c). The development and validation of the cyber dating abuse questionnaire among young couples. *Computers in Human Behavior*, 48, 358-365. doi: 10.1016/j.chb.2015.01.063.
- Cava, M. J., & Buelga, S. (2018). Propiedades psicométricas de la Escala de Ciber-Violencia en Parejas Adolescentes (Cib-VPA). *Suma Psicológica*, 25(1), 51-61. doi: 0.14349/sumapsi.2018.v25.n1.
- Cavalcanti, J. G., & Pimentel, C. E. (2016). Personality and aggression: A contribution of the General Aggression Model. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(3), 443-451. doi: 10.1590/1982-02752016000300008
- Crane, C. A., Umehira, N., Berbary, C., & Easton, C. J. (2018). Problematic alcohol use as a risk factor for cyber aggression within romantic relationships. *The American Journal on Addictions*, 27(5), 400-406. doi: 10.1111/ajad.12736.
- Crowne, D. P., & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology*, 24(4), 349-354. doi: 10.1037/h0047358.
- Dank, M., Lachman, P., Zweig, J. M., & Yahner, J. (2014). Dating violence experiences of lesbian, gay, bisexual, and transgender youth. *Journal of Youth and Adolescence*, 43(5), 846-857. doi: 10.1007/s10964-013-9975-8.
- Deans, H., & Bhogal, M. S. (2017). Perpetrating Cyber Dating Abuse: A Brief Report on the Role of Aggression, Romantic Jealousy and Gender. *Current Psychology*, 1-6. doi: 10.1007/s12144-017-9715-4.
- DeHue, F., Bolman, C., & Völlink, T. (2008). Cyberbullying: Youngsters' experiences and parental perception. *CyberPsychology & Behavior*, 11(2), 217-223. doi: 10.1089/cpb.2007.0008.

- Denegri-Knott, J., & Taylor, J. (2005). The labeling game: A conceptual exploration of deviance on the Internet. *Social Science Computer Review*, 23(1), 93-107. doi: 10.1177/0894439304271541.
- Dick, R. N., McCauley, H. L., Jones, K. A., Tancredi, D. J., Goldstein, S., Blackburn, S., ... & Miller, E. (2014). Cyber dating abuse among teens using school-based health centers. *Pediatrics*, 134(6), e1560-e1567. doi: [10.1542/peds.2014-0537](https://doi.org/10.1542/peds.2014-0537)
- Didden, R., Scholte, R. H. J., Korzilius, H., de Moor, J. M. H., Vermeulen, A., O'Reilly, M., . . . Lancioni, G. E. (2009). Cyberbullying among students with intellectual and developmental disability in special education settings. *Developmental Neuropsychology*, 12, 146–151. doi:10.1080/17518420902971356.
- Doucette, H., Collibee, C., Hood, E., Gittins Stone, D. I., DeJesus, B., & Rizzo, C. J. (2018). Perpetration of electronic intrusiveness among adolescent females: associations with in-person dating violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 0886260518815725. doi: 10.1177/0886260518815725
- Durán, M., & Martínez-Pecino, R. (2015). Ciberacoso mediante teléfono móvil e Internet en las relaciones de noviazgo entre jóvenes. *Comunicar*, 22(44), 159-167. doi: 10.3916/C44-2015-17.
- East, P. L., & Hokoda, A. (2015). Risk and protective factors for sexual and dating violence victimization: A longitudinal, prospective study of Latino and African American adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 44(6), 1288-1300. doi: 10.1007/s10964-015-0273-5.
- Flach, R. M. D., & Deslandes, S. F. (2017). Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. *Cadernos de Saúde Pública*, 33(7), e00138516. doi: 10.1590/0102-311X00138516.

- Foshee, V. A., Reyes, H. L. M., Vivolo-Kantor, A. M., Basile, K. C., Chang, L. Y., Faris, R., & Ennett, S. T. (2014). Bullying as a longitudinal predictor of adolescent dating violence. *Journal of Adolescent Health, 55*(3), 439-444. doi: 10.1016/j.jadohealth.2014.03.004
- Foshee, V. A., Benefield, T., Dixon, K. S., Chang, L. Y., Senkomago, V., Ennett, S. T., ... & Bowling, J. M. (2015). The effects of moms and teens for safe dates: A dating abuse prevention program for adolescents exposed to domestic violence. *Journal of Youth and Adolescence, 44*(5), 995-1010. doi: 10.1007/s10964-015-0272-6.
- Hamby, S. (2013). The Partner Cyber Abuse Questionnaire: Preliminary psychometrics of technology-based intimate partner violence. In *annual convention of the Southeastern Psychological Association, Atlanta, GA*.
- Hipwell, A. E., Stepp, S. D., Keenan, K., Allen, A., Hoffmann, A., Rottingen, L., & McAloon, R. (2013). Examining links between sexual risk behaviors and dating violence involvement as a function of sexual orientation. *Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology, 26*(4), 212-218. doi: 10.1016/j.jpag.2013.03.002.
- Lu, Y., Van Ouytsel, J., Walrave, M., Ponnet, K., & Temple, J. R. (2018). Cross-sectional and temporal associations between cyber dating abuse victimization and mental health and substance use outcomes. *Journal of Adolescence, 65*, 1-5. doi: 10.1016/j.adolescence.2018.02.009
- Lucero, J. L., Weisz, A. N., Smith-Darden, J., & Lucero, S. M. (2014). Exploring gender differences: Socially interactive technology use/abuse among dating teens. *Affilia, 29*(4), 478-491. doi: 10.1177/0886109914522627.
- Machimbarrena, J., Calvete, E., Fernández-González, L., Álvarez-Bardón, A., Álvarez-Fernández, L., & González-Cabrera, J. (2018). Internet risks: an overview of victimization in cyberbullying, cyber dating abuse, sexting, online grooming and

- problematic internet use. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 15(11), 2471. doi: 10.3390/ijerph15112471
- Marganski, A., & Fauth, K. (2013). Socially interactive technology and contemporary dating a cross-cultural exploration of deviant behaviors among young adults in the modern, evolving technological world. *International Criminal Justice Review*, 23(4), 357-377. doi: 10.1177/1057567713513797.
- Marganski, A., & Melander, L. (2015). Intimate partner violence victimization in the cyber and real world: examining the extent of cyber aggression experiences and its association with in-person dating violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-25. doi: 10.1177/0886260515614283.
- Melander, L. A. (2010). College students' perceptions of intimate partner cyber harassment. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 13(3), 263-268. doi: 10.1089=cyber.2009.0221.
- Miller, E., Goldstein, S., McCauley, H. L., Jones, K. A., Dick, R. N., Jetton, J., ... & Tancredi, D. J. (2015). A school health center intervention for abusive adolescent relationships: a cluster RCT. *Pediatrics*, 135(1), 76-85. <http://www.ncjrs.gov/App/publications/abstract.aspx?ID=270767>
- Morelli, M., Bianchi, D., Chirumbolo, A., & Baiocco, R. (2018). The cyber dating violence inventory. Validation of a new scale for online perpetration and victimization among dating partners. *European Journal of Developmental Psychology*, 15(4), 464-471. doi: 10.1080/17405629.2017.1305885.
- Nagamatsu, M., Hamada, Y., & Hara, K. (2016). Factors associated with recognition of the signs of dating violence by Japanese junior high school students. *Environmental Health and Preventive Medicine*, 21(1), 9. doi: 10.1007/s12199-015-0491-1.

- Niolon, P. H., Vivolo-Kantor, A. M., Latzman, N. E., Valle, L. A., Kuoh, H., Burton, T., . . . Tharp, A. T. (2015). Prevalence of teen dating violence and co-occurring risk factors among middle school youth in high-risk urban communities. *Journal of Adolescent Health, 56*(2, Suppl 2), S5-S13. doi:10.1016/j.jadohealth.2014.07.019.
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G., Njaine, K., & Pires, T. O. (2016). Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 32*(3), e32323. doi:10.1590/0102-3772e32323.
- Olweus, D. (2013). School bullying: Development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology, 9*, 751-780. doi: 10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516.
- Pasquali, L. (2009). *Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas*. Artmed Editora.
- Peskin, M. F., Markham, C. M., Shegog, R., Temple, J. R., Baumler, E. R., Addy, R. C., ... & Emery, S. T. (2017). Prevalence and correlates of the perpetration of cyber dating abuse among early adolescents. *Journal of Youth and Adolescence, 46*(2), 358-375. doi: 10.1007/s10964-016-0568-1.
- Ramos, M. C., Miller, K. F., Moss, I. K., & Margolin, G. (2017). Perspective-Taking and Empathy Mitigate Family-of-Origin Risk for Electronic Aggression Perpetration Toward Dating Partners: A Brief Report. *Journal of Interpersonal Violence, 0886260517747605*. doi: 10.1177/0886260517747605
- Reed, L. A., Tolman, R. M., & Ward, L. M. (2016). Snooping and sexting: digital media as a context for dating aggression and abuse among college students. *Violence Against Women, 22*(13), 1556-1576. doi: 10.1177/1077801216630143.

- Reed, L. A., Tolman, R. M., & Ward, L. M. (2017). Gender matters: Experiences and consequences of digital dating abuse victimization in adolescent dating relationships. *Journal of Adolescence*, 59, 79-89. doi: /10.1016/j.adolescence.2017.05.015.
- Reyes, H. L. M., Foshee, V. A., Tharp, A. T., Ennett, S. T., & Bauer, D. J. (2015). Substance use and physical dating violence: the role of contextual moderators. *American Journal of Preventive Medicine*, 49(3), 467-475. doi: 10.1016/j.amepre.2015.05.018.
- Rueda, H. A., Lindsay, M., & Williams, L. R. (2015). "She Posted It on Facebook" mexican american adolescents' experiences with technology and romantic relationship conflict. *Journal of Adolescent Research*, 30(4), 419-445. doi: 10.1177/0743558414565236.
- Runions, K., Shapka, J. D., Dooley, J., & Modecki, K. (2013). Cyber-aggression and victimization and social information processing: Integrating the medium and the message. *Psychology of Violence*, 3(1), 9-26. doi: 10.1037/a0030511.
- Sánchez, V., Muñoz-Fernández, N., & Ortega-Ruiz, R. (2015). "Cyberdating Q_A": An instrument to assess the quality of adolescent dating relationships in social networks. *Computers in Human Behavior*, 48, 78-86. doi: 10.1016/j.chb.2015.01.006.
- Slonje, R., & Smith, P. K. (2008). Cyberbullying: Another main type of bullying?. *Scandinavian Journal of Psychology*, 49(2), 147-154. doi: 10.1111/j.1467-9450.2007.00611.x.
- Smith-Darden, J. P., Kernsmith, P. D., Victor, B. G., & Lathrop, R. A. (2017). Electronic displays of aggression in teen dating relationships: Does the social

- ecology matter?. *Computers in Human Behavior*, 67, 33-40. doi: 10.1016/j.chb.2016.10.015.
- Smith, K., Cénat, J. M., Lapierre, A., Dion, J., Hébert, M., & Côté, K. (2018). Cyber dating violence: Prevalence and correlates among high school students from small urban areas in Quebec. *Journal of Affective Disorders*, 234, 220-223. doi: 10.1016/j.jad.2018.02.043.
- Stanger, N., Kavussanu, M., McIntyre, D., & Ring, C. (2016). Empathy inhibits aggression in competition: the role of provocation, emotion, and gender. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 38, 4-14. doi:10.1123/jsep.2014-0332
- Stonard, K. E., Bowen, E., Lawrence, T. R., & Price, S. A. (2014). The relevance of technology to the nature, prevalence and impact of adolescent dating violence and abuse: A research synthesis. *Aggression and Violent Behavior*, 19(4), 390-417. doi: 10.1016/j.avb.2014.06.005.
- Temple, J. R., Choi, H. J., Brem, M., Wolford-Clevenger, C., Stuart, G. L., Peskin, M. F., & Elmquist, J. (2016). The temporal association between traditional and cyber dating abuse among adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 45(2), 340-349. doi: 10.1016/j.jadohealth.2016.03.034.
- Twyman, K., Saylor, C., Taylor, L. A., & Comeaux, C. (2010). Comparing children and adolescents engaged in cyberbullying to matched peers. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 13, 195–199. doi:10.1089/cyber.2009.0137
- Van Ouytsel, J., Ponnet, K., & Walrave, M. (2016). Cyber dating abuse victimization among secondary school students from a lifestyle-routine activities theory perspective. *Journal of Interpersonal Violence*, 0886260516629390. doi: 10.1177/0886260516629390.

- Van Ouytsel, J., Torres, E., Choi, H. J., Ponnet, K., Walrave, M., & Temple, J. R. (2017a). The associations between substance use, sexual behaviors, bullying, deviant behaviors, health, and cyber dating abuse perpetration. *The Journal of School Nursing*, 33(2), 116-122. doi: 10.1177/1059840516683229.
- Van Ouytsel, J., Ponnet, K., Walrave, M., & Temple, J. R. (2017b). Adolescent cyber dating abuse victimization and its associations with substance use, and sexual behaviors. *Public Health*, 135, 147-151. doi: 10.1016/j.puhe.2016.02.011.
- Van Ouytsel, J., Ponnet, K., & Walrave, M. (2017c). Cyber dating abuse: investigating digital monitoring behaviors among adolescents from a social learning perspective. *Journal of Interpersonal Violence*, 0886260517719538. doi: 10.1177/0886260517719538
- Watkins, L. E., Maldonado, R. C., & DiLillo, D. (2016). The Cyber Aggression in Relationships Scale: a new multidimensional measure of technology-based intimate partner aggression. *Assessment*, 1073191116665696. 1-19. doi: 10.1177/1073191116665696
- Wolford-Clevenger, C., Zapor, H., Brasfield, H., Febres, J., Elmquist, J., Brem, M., ... & Stuart, G. L. (2016). An examination of the Partner Cyber Abuse Questionnaire in a college student sample. *Psychology of Violence*, 6(1): 156–162. doi:10.1037/a0039442.
- Wright, M. F. (2015). Cyber aggression within adolescents' romantic relationships: Linkages to parental and partner attachment. *Journal of Youth and Adolescence*, 44(1), 37-47. doi: 10.1007/s10964-014-0147-2.
- Yahner, J., Dank, M., Zweig, J. M., & Lachman, P. (2015). The co-occurrence of physical and cyber dating violence and bullying among teens. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(7), 1079-1089. doi: 10.1177/0886260514540324.

- Zweig, J. M., Dank, M., Yahner, J., & Lachman, P. (2013a). The rate of cyber dating abuse among teens and how it relates to other forms of teen dating violence. *Journal of Youth and Adolescence*, 42(7), 1063-1077. doi: 10.1007/s10964-013-9922-8.
- Zweig, J. M., Lachman, P., Yahner, J., & Dank, M. (2013b). Correlates of cyber dating abuse among teens. *Journal of Youth and Adolescence*, 43(8), 1306-1321. doi: 10.1007/s10964-013-0047-x

Tabela 1
Prevalência, medição dos estudos empíricos acerca do abuso digital nos relacionamentos amorosos íntimos

Autor(ano)	País	Formas de avaliação	Instrumentos de Avaliação		P.O.	Prevalência	
			Itens/ Subescalas que o instrumento avalia/ Dimensões	Confiabilidade		%V	%P
Borrajo et al (2015a)	Espanha	<i>Cyber dating abuse questionnaire</i> (Borrajo et al., 2015)	9 / Vitimização / Unifatorial	n/i	Último ano	50%	n/a
Borrajo et al (2015b)	Espanha	<i>Cyber dating abuse questionnaire</i> (Borrajo et al., 2015)	20 / Perpetração / 1) Controle Online (CO) 2) Agressão Direta (AD)	V (α de 0.81 a 0.84) P (α de 0.73 a 0.87)	Último ano	n/a	CO=88,4%, AD =20,3%
Borrajo et al (2015c)	Espanha	<i>Cyber dating abuse questionnaire</i> (Borrajo et al., 2015).	20 / Perpetração Vitimização / 1) Controle Online (CO) 2) Agressão Direta (AD)	V (α de 0.81 a 0.84) P (α de 0.73 a 0.87)	Último ano	CO= 75% AD= 14%.	CO = 82% AD = 0,6%
Cava & Buelga (2018)	Espanha	Escala de Ciber-Violencia en Parejas Adolescentes	20/ Perpetração Vitimização / 1) Agressão Virtual 2) Controle Virtual	V (α de 0.92 a 0.97) P (α de 0.94 a 0.97)	Último ano	n/i	n/i
Crane et al. (2018)	EUA	Instrumento elaborado para o estudo baseado na escala Wright (2015)	6/ Perpetração/ 1)Agressão Relacional 2) Invasão de privacidade	P (α de 0.76 a 0.83)	Último ano	n/a	n/i
Dank et al. (2014)	EUA	Instrumento elaborado para o estudo baseado no questionario de Picard (2007) e Griezels (2007)	16 / Vitimização Perpetração / Unifatorial	n/i	Último ano	26,3%	11,8%
Deans & Bhogal (2017)	Reino Unido	Fator do <i>cyber dating abuse questionnaire</i> (Borrajo et al., 2015)	4 / Perpetração / Unifatorial	P (α = 0.93)	Último ano	n/a	n/i
Dick et al (2014)	EUA	Instrumento elaborado para o estudo baseado no questionário de Ybarra (2007)	7 / Vitimização / 1) Abuso de namoro cibernético sexual (ACS) 2) Abuso de namoro virtual não-sexual (ACNS)	n/i	Últimos 3 meses	ACS= 13% ACNS=37%	n/a

(continua)

Tabela 1 (continuação)

Autor(ano)	País	Formas de avaliação	Instrumentos de Avaliação			Prevalência	
			Itens/ Subescalas que o instrumento avalia/ Dimensões	Confiabilidade	P.O.	%V	%P
Doucete et al., (2018)	EUA	Instrumento elaborado para o estudo	3/ Perpetração/ Unifatorial	P ($\alpha=0.75$)	Últimos 3 meses	n/a	29,5%
Durán & Martínez Pecino (2015)	Espanha	Instrumento elaborado para o estudo baseado na escala de cyberbullying de (Buelga & al., 2010; Cava & al., 2007	n/i / Vitimização Perpetração / 1) Agressão por meio do celular (AC) 2) Agressão por meio da internet (AI)	P ($\alpha = 0.75$) V (α de 0.62 a 0.70)	Último ano	AC=57,2% AI=57,2%	AC= 47,6% AI=14%
Foshee et al. (2015)	EUA	Instrumento elaborado para o estudo baseado no questionario de cyberbullying de Picard (2007)	n/i / Vitimização Perpetração / n/i	n/i	n/i	33,01%	26,16%
Hancock et al.(2017)	Canadá	Instrumento elaborado para o estudo baseado na escala de cyberbullying de Picard (2007)	14 / Vitimização/ Unifatorial	V ($\alpha = 0.79$)	Último ano	n/i	n/a
Lu et al., (2018)	EUA	Instrumento elaborado para o estudo baseado em pesquisas anteriores (Picard, 2007; Zweig et al., 2013)	12/ Vitimização/ Unifatorial	n/i	Último ano	n/i	n/a
Lucero et al (2014)	EUA	Entrevista Grupo focal	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a
Machimbarre na et al. (2018)	Espanha	Subescala de vitimização do Cyber dating abuse questionnaire (Borrajo et al., 2015).	11/ Vitimização/ n/i	V ($\alpha=0.87$; $\Omega=0.91$)	Último ano	De 5,1% a 6,5%	n/a
Marganski & Melander (2015)	EUA	Instrumento elaborado para o estudo	18 / Vitimização/ Unifatorial	V ($\alpha = 0.91$)	Último ano	73.0%	n/a
Marganski & Fauth (2013)	EUA	Instrumento elaborado para o estudo	n/i / Vitimização Perpetração / n/i	n/i	Alguma vez	61,9%	45,4%,
Melander (2010)	EUA	Grupo focal	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a

(continua)

Tabela 1 (continuação)

Autor(ano)	País	Formas de avaliação	Instrumentos de Avaliação			Prevalência	
			Itens/ Subescalas que o instrumento avalia/ Dimensões	Confiabilidade	P.O.	%V	%P
Miller et al. (2015)	EUA	Instrumento elaborado para o estudo baseado na escala de Ybarra et al. (2007) e Bennett et al.(2011)	7 / Vitimização/ n/i	V ($\alpha = 0.72$)	Últimos 3 meses	Não informa	n/a
Morelli et al. (2017)	Espanha	Instrumento elaborado para o estudo baseado no CADRI (Wolfe et al 2001)	11/ Vitimização Perpetração/ 1) Violencia Psicológica (VP) 2)Violencia Relacional (VR)	V ($\alpha = 0.81$) P ($\alpha = 0.82$)	Último ano	VP =64% VR=-4,4%	VP=67% VR=13%
Peskin et al (2017)	EUA	Instrumento elaborado para o estudo baseado no questionário de Picard (2007) e Zweig et al. (2013)	13 / Perpetração/ n/i	n/i	n/i	n/a	15%
Ramos et al (2017)	EUA	Instrumento elaborado para o estudo baseado no questionário Friends Treat Each Other de Bennett et al., (2011)	3 / Perpetração / Unifatorial	P ($\alpha = 0.83$)	Último ano	n/a	16.3%
Reed et al. (2016)	EUA	Instrumento elaborado para o estudo	38 / Vitimização Perpetração/ Unifatorial	V ($\alpha = 0.76$) P ($\alpha = 0.73$)	Último ano	74,1%	68,8%
Reed, Tolman & Ward (2017)	EUA	Instrumento elaborado para o estudo baseado no questionário de Reed, Toman & Ward (2016)	36 / Vitimização Perpetração / 1) Coerção sexual digital(CSD) 2) Agressão direta digital (ADD) 3) Monitoramento/Control e digital (MD)	V (α de 0.70 a 0.81) P (α de 0.67 a 0.76)	Última hora	CSD = 34.3% ADD = 48% MCD = 53,8%	CSD = 16,9% ADD = 46,3% MD = 53,8%
Rueda et al. (2014)	EUA	Grupo focal	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a

(continua)

Tabela 1 (continuação)

Autor(ano)	País	Formas de avaliação	Instrumentos de Avaliação			Prevalência	
			Itens/ Subescalas que o instrumento avalia/ Dimensões	Confiabilidade	P.O.	%V	%P
Sánchez, Muñoz-Fernández & Ortega-Ruíz (2015)	México	Entrevista e Cyberdating Q_ A	27 / Perpetração / 1) Intimidade online (IO) 2) Estratégias de comunicação emocional (ECE) 3) Práticas de ciberrelação (PC) 4) Controle online (CO) 5) Ciúme online (CIO) 6) Comportamento intrusivo em linha (CIL)	P (α de 0.71 0.85)	n/i	n/a	IO= 83.5% ECE= 97.1% PC= 93.7% CO= 97.7% CIO= 86.9% CIL= 75.3%
Smith-Darden et al (2017)	EUA	Instrumento elaborado para o estudo baseado na escala de Youth Internet Safety Survey (YISS) (Finkelhor, Mitchell, & Wolak, 2000).	12 / Perpetração / 1) Cyberstalking 2) Assédio 3) Sexting coercitivo	P (α de 0.47 a 0.77)	Último ano	n/a	C=17% A=33,2% SC= 8%
Smith et al., (2018)	Canadá	Instrumento elaborado para o estudo baseado nas escalas de cyberbullying de Stewart et al. (2014) e Litwiller e Brausch (2013)	16/ Perpetração Vitimização/ Unifatorial	n/i	Último ano	35.6%	33%
Temple et al., (2015)	EUA	Instrumento elaborado para o estudo baseado na escala de Zweig et al., (2013)	26 / Vitimização Perpetração / Unifatorial	V (α de 0.74 a 0.79) P (α de 0.65 a 0.67)	Último ano	de 52,63% a 55,23%	de 46,23% a 50,39%
Van Ouytsel et al., (2016)	Bélgica	Instrumento elaborado para o estudo baseado no fator controle do Cyber dating abuse questionnaire de Borrajo et al., (2015)	4 / Vitimização / Unifatorial	V (α = 0.76)	Últimos 6 meses	n/i	n/a
Van Ouytsel et al., (2017a)	Bélgica	Instrumento elaborado para o estudo baseado nas escalas de (Picard, 2007; Zweig et al., 2013)	13 / Perpetração / n/i	n/i	n/i	n/a	17,8%

(continua)

Tabela 1 (continuação)

Autor(ano)	País	Formas de avaliação	Instrumentos de Avaliação		P.O.	Prevalência	
			Itens/ Subescalas que o instrumento avalia/ Dimensões	Dimensões		%V	%P
Van Ouytsel et al., (2017b)	Bélgica	Instrumento elaborado para o estudo baseado no fator controle do Cyber dating abuse questionnaire de Borrajo et al., (2015)	4 / Vitimização / Unifatorial	V ($\alpha = 0.76$)	Últimos 6 meses	65%	n/a
Van Ouytsel et al., (2017c)	Bélgica	Instrumento elaborado para o estudo baseado no fator controle do Cyber dating abuse questionnaire de Borrajo et al., (2015)	4 / Perpetração / Unifatorial	P ($\alpha = 0.76$)	Últimos 6 meses	n/a	n/i
Watkins et al (2016)	EUA	Cyber Aggression in Relationships Scale (CARS)	34 / Vitimização Perpetração / 1) Agressão cibernética psicológica (ACP) 2) Agressão cibernética sexual (ACS) 3) Agressão cibernética stalking (ACST)	n/i	Últimos 6 meses	ACP= 29,2% a 32,5% ACS 18,1% a 31,4% ACST 45,1% a 43,5%	ACP 32,7% a 34,5% ACS 13,6% a 10,8% ACST 55,4% a 50,3%
Wolford-Clevenger et al. (2016)	EUA	Instrumento adaptado do Partner Cyber Abuse Questionnaire (Hamby, 2013)	9 / Vitimização / Unifatorial	V ($\alpha = 0.72$)	Último ano	De 1,1% a 19,7%	n/a
Wright (2015)	EUA	Instrumento elaborado para o estudo baseado no questionário de Linder et al (2002)	5 / Perpetração / 1) Cyber agressão relacional 2) Invasão de privacidade	P (α de 0.82 a 0.91)	n/i	n/a	n/i
Yahner et al. (2015)	EUA	Instrumento elaborado para o baseado nas escalas de Picard (2007) e Griezels (2007)	16 / Vitimização Perpetração / Unifatorial	V ($\alpha = 0.90$) P ($\alpha = 0.94$)	Último ano	91,9%	82.0%

Continua

Tabela 1 (continuação)

Autor(ano)	País	Formas de avaliação	Instrumentos de Avaliação		P.O.	Prevalência	
			Itens/ Subescalas que o instrumento avalia/ Dimensões	Confiabilidade		%V	%P
Zweig et al., (2013a)	EUA	Instrumento elaborado para o estudo baseado nas escalas de Picard (2007) e (Griezel, 2007)	16 / Vitimização Perpetração / 1) Abuso cibernético sexual (ACS) 2) Abuso cibernético não-sexual (ACNS)	V (α de 0.81 a 0.89) P (α de 0.88 a 0.92)	n/i	ACS= 11,2% ACNS= 22,2%	ACS= 2,7% ACNS= 10,5%
Zweig et al. (2013b)	EUA	Instrumento elaborado para o estudo baseado nas escalas de Picard (2007) e (Griezel, 2007)	16 itens / Vitimização / Unifatorial	V (α = 0.91)	n/i	n/i	n/a

Nota: n/i = não informa; n/a= não se aplica; P.O.=Período de ocorrência; V=Vitimização; P=Perpetração.

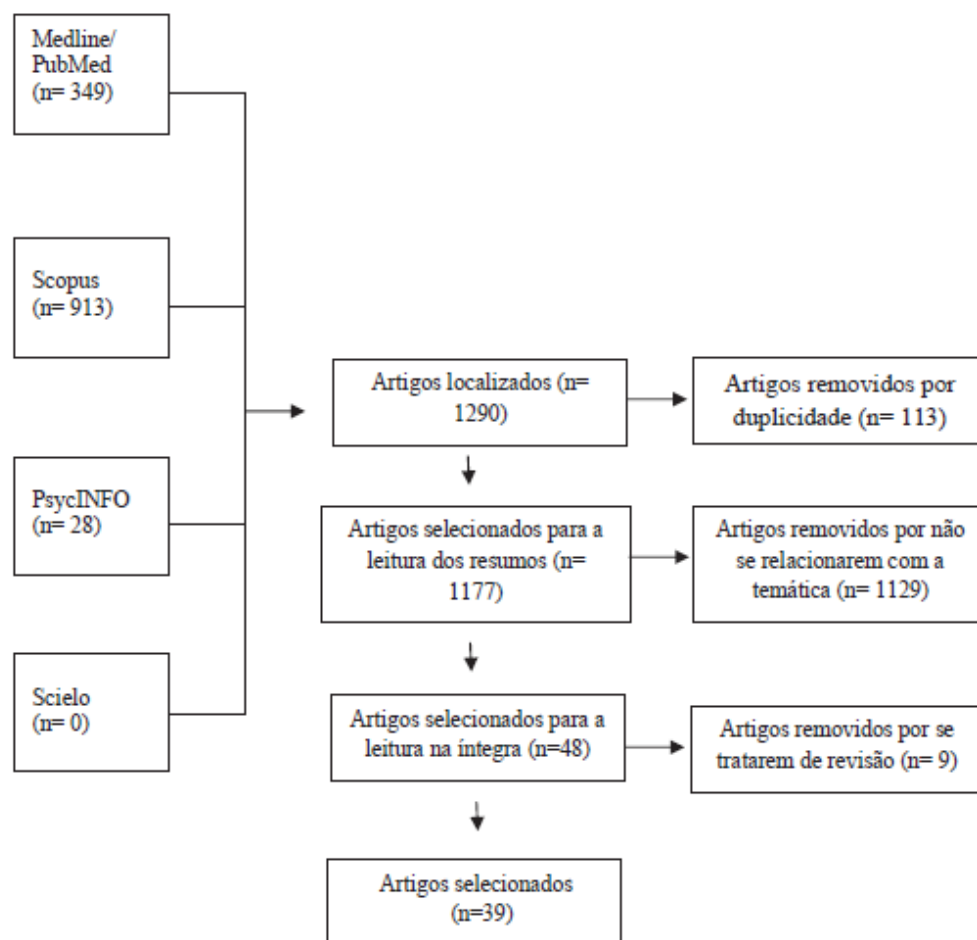


Figura 1. Fluxograma demonstrativo da seleção de artigos

**CAPITULO V. ARTIGO 2: ABUSO DIGITAL NAS RELAÇÕES AMOROSAS:
UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COM UNIVERSITÁRIOS
BRASILEIROS**

ABUSO DIGITAL NAS RELAÇÕES AMOROSAS: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COM UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS

Resumo: O presente estudo objetivou apreender as representações sociais (RS) de universitários brasileiros acerca do abuso digital nos relacionamentos amorosos (ADRA). Participaram da pesquisa 447 participantes os quais responderam à Técnica de Associação Livre de Palavras e ao Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos (QADRA). Os dados apontaram para uma alta prevalência de envolvimento no ADRA, tanto em vitimização (87,6% controle/monitoramento; 34,7%, agressão direta); quanto, em perpetração (92,6% controle/monitoramento; 25,1%, agressão direta). Além disso, os resultados indicaram que os elementos estruturantes das RS se ancoraram na incerteza relacional contemporânea e na concepção de dominância dentro dos relacionamentos íntimos. Quanto as evocações do núcleo periférico, o ADRA foi ancorado na violação dos direitos à privacidade e nas suas causas e consequências, perpassando aspectos psicoafetivos e sociais. Finalmente, os dados revelaram que o "*ciúme*" se apresenta como elemento central e organizador das RS desse fenômeno, motivando ações virtuais abusivas. Espera-se que esses resultados possam contribuir na minimização desse fenômeno, uma vez que são apontadas graves consequências aos seus envolvidos.

Palavras -chave: Representações sociais; Abuso Digital; Relacionamento Amoroso; Ciúme Romântico.

Abstract: The present study aimed to apprehend the social representations (RS) of Brazilian university students about the digital abuse in love relationships (ADRA). A total of 447 participants participated in the survey. They answered the Free Word Association Technique and the Digital Love Relationship Questionnaire (QADRA). Data pointed to a high prevalence of involvement in ADRA, both in victimization (87.6% control / monitoring; 34.7%, direct aggression); while in perpetration (92.6% control / monitoring; 25.1% direct aggression). In addition, the results indicated that the structural elements of SR are anchored in contemporary relational uncertainty and the conception of dominance within intimate relationships. Regarding the evocations of the peripheral nucleus, ADRA was anchored in the violation of privacy rights and its causes and consequences, passing through psycho-affective and social aspects. Finally, the data revealed that "jealousy" presents itself as a central and organizing element of SR of this phenomenon, motivating abusive virtual actions. It is hoped that these results may contribute to the minimization of this phenomenon, as serious consequences are pointed out to those involved.

Keywords: Social representations; Digital abuse; Loving Relationships; Romantic jealousy.

Resumen El presente estudio tuvo como objetivo aprehender las representaciones sociales (RS) de estudiantes universitarios brasileños sobre el abuso digital en las relaciones amorosas (ADRA). Un total de 447 participantes participaron en la encuesta y respondieron a la técnica de asociación de palabra libre y al cuestionario de relación de amor digital (QADRA). Los datos apuntaron a una alta prevalencia de participación en ADRA, tanto en victimización (87.6% control / monitoreo; 34.7%, agresión directa); en perpetración (92.6% control / monitoreo; 25.1% agresión directa). Además, los resultados indicaron que los elementos estructurales de la RS están anclados en la incertidumbre relacional contemporánea y la concepción del dominio dentro de las relaciones íntimas. Con respecto a las evocaciones del núcleo periférico, ADRA se basó en la violación de los derechos de privacidad y sus causas y consecuencias, pasando por aspectos psicoafectivos y sociales. Finalmente, los datos revelaron que los "celos" se presentan como un elemento central y organizador de la RS de este fenómeno, motivando acciones virtuales abusivas. Se espera que estos resultados puedan contribuir a la minimización de este fenómeno, ya que se señalan serias consecuencias para los involucrados.

Palabras clave: representaciones sociales; Abuso digital; Relaciones amorosas; Celos románticos.

A violência entre pessoas com laços íntimos entre si não se trata de um fenômeno recente, haja vista ser encontrado, desde a década de 60 e 70, pesquisas acerca do abuso familiar, envolvendo maus tratos contra filhos e mulheres. Desde então, verifica-se uma notoriedade das temáticas "violência conjugal"; "violência doméstica"; e "violência marital". Não obstante, atualmente, alguns autores tem estudado esses temas sob o ângulo da "violência entre parceiros íntimos" (VPI), por considerá-lo um termo mais abrangente, uma vez que tal abuso não se restringe apenas a espaços domésticos e conjugais, nem ocorre somente do homem para mulher (Neves, 2008; Conceição et al., 2018).

Nesta direção, novos contextos de VPI são mencionados na literatura, como: violência no namoro (Beserra et al., 2015; Pimentel, Moura & Cavalcanti, 2017), violência nas relações homossexuais (Elísio, Neves & Paulos, 2018; Santos & Caridade, 2017, Wu et al., 2015), e bissexuais (Turell, Brown & Herrmann, 2018); violência entre parceiros íntimos interracialis (Brownridge, Taillieu, Chan & Piotrowski, 2018); VPI dentro do ambiente virtual ou Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos (ADRA) (Burke, Wallen, Val-Smith & Knox, 2011; Tokunaga, 2011, Cutbush, Ashley, Kan Hampton & Hall, 2010; Zweig, Dank, Yanher & Lachman, 2013; Flach & Deslanches, 2017).

Destarte, o presente estudo focará no ADRA, fenômeno que se caracteriza por ameaças, insultos, humilhações ou comportamentos de controle, usando meios eletrônicos, destinados a provocar angústia no parceiro (Borrajo et al, 2015a; Flach & Deslanches, 2017; Van Ouytsel et al., 2016). Se por um lado, o ADRA emerge no contexto da violência entre parceiros íntimos, por outro, se dá pelo uso crescente de tecnologias de informação e comunicação (TIC) por casais.

Assim sendo, a tecnologia, enquanto um meio que possibilita uma infinidade de relações, para além dos limites geográficos, temporais, culturais, cognitivos, passou a ser ferramenta para perpetradores humilharem, deflagrarem e agredirem seus companheiro(a)s (Deans & Bhogal, 2017; Flach & Deslanches, 2017; Peskin et al., 2017).

Neste sentido, o abuso por meio da tecnologia pode ser facilitado pela sensação de anonimato e falta de sinais físicos; pela possibilidade de ocorrência em qualquer lugar ou momento (mesmo após o término do relacionamento); não sendo necessária a presença do agressor (Melander 2010; Stonard, Bowen, Lawrence & Price, 2015), podendo atingir a uma maior audiência de pessoas (Runions, Shapka, Dooley, & Modecki, 2013; Slonje & Smith, 2008).

Com isso, verifica-se uma maior desinibição dos comportamentos; e um maior controle do indivíduo sobre as interações dos parceiros podendo tornar o abuso digital tão prevalente quanto o presencial (Barros et al., 2016; Kimerling et al., 2016). Acerca disso, em estudos internacionais, são verificados taxas de vitimização que variam de 1,1% a 91,9%; e índices de perpetração entre 2,7 % e 97,7% (Durán, Martínez & Pecino, 2015; Reed, Tolman & Ward, 2017; Smith et al, 2018; Zweig et al., 2013).

Embora poucas evidências empíricas, pesquisas alertam para implicações severas aos envolvidos neste fenômeno, a saber: distúrbios no sono, sintomas depressivos e ansiosos, ideação suicida, envolvimento em comportamentos delinquentes, e implicações negativas para o rendimento escolar (Flach & Deslanches, 2017).

Fatores relacionados ao envolvimento no ADRA podem ser diversos, como de ordem individual (sexo e idade); relativos ao relacionamento (histórico de abuso em relacionamentos anteriores); familiares; psicológicos (raiva, ciúme e hostilidade);

relacionados às percepções; normas e crenças (Peskin et al. 2017; Sanchez et al., 2015; Hancock et al., 2017; Van Ouytsel et al., 2016; Deans & Bhogal, 2017; Ramos et al., 2017).

Por conseguinte, esse conjunto de fatores elucidada para o fato de que o ADRA não pode ser estudado de forma descontextualizada, mas por meio de uma perspectiva psicossocial, considerando as relações sociais que a constitui, bem como os significados atribuídos pelos atores sociais ao fenômeno. Desse modo, o presente estudo se ancora na Teoria das Representações Sociais (TRS) como base analítica do saber compartilhado pelos atores sociais.

A TRS, cujo principal expoente foi Serge Moscovici, diz respeito a uma abordagem teórica metodológica, inserida na Psicologia Social. Parte da concepção de que as representações sociais (RS) se constituem de um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais (Moscovici, 2012). Pode ser ainda entendida como uma forma de conhecimento, socialmente, elaborada e partilhada, com busca a construção de uma realidade comum a um grupo social (Jodelet, 1989). Neste sentido, seu conceito pode agrupar diversos elementos, como: informativos, ideológicos, normativos, crenças, valores, percepções, opiniões, preconceitos e atitudes (Jodelet, 2001).

Para formação das RS dois processos são necessários, a objetivação e a ancoragem (Moscovici, 1981/2012). O primeiro diz respeito a forma como se organizam os elementos constituintes da representação, bem como o percurso pelo qual tais elementos adquirem materialidade; e o segundo corresponde a assimilação do novo conceito por objetos já existentes no sistema cognitivo, transformando o não familiar em familiar (Vala, 2013).

Dentro da TRS destaca-se a abordagem estrutural outorgada por Abric (1998) que desmembra as RS em dois elementos: os centrais, que correspondem a parte estável e consensual da RS cuja função é gerar o significado básico da representação e determinar a organização global de todos os elementos. E os periféricos, que tem um caráter mais flexível, permite o ajustamento a mudanças contextuais e a adaptação à realidade concreta; e protege o sistema central (Abric, 1998).

Sob a ótica desses aportes teóricos, esta pesquisa compreende o abuso digital dentro dos relacionamentos amorosos como um fenômeno inscrito em uma produção histórico social, na qual são os indivíduos que as (re)elaboram, as(re)significam e as (re)interpretam segundo interesses sociais e culturais. Desse modo, o ADRA não pode ser entendido fora das relações sociais que a constitui, mas na própria dinâmica do relacionamento e da sociedade que a fundou. Neste sentido, para esta investigação procurou-se apreender as representações sociais de universitários brasileiros acerca do abuso digital nos relacionamentos amorosos.

Método

Tipo de Investigação

Tratou-se de uma pesquisa quantitativa, exploratória e descritiva, com corte transversal, e amostra não probabilística por conveniência.

Amostra

Participaram deste estudo 447 participantes, com idades entre 18 a 56 anos ($M=28,97$; $DP=6,05$), sendo a maioria mulheres (79,9%); heterossexuais (85,4%), com escolaridade correspondente a pós-graduação (54,4%); e que estavam em um relacionamento atual (70,5%). Desses, 55,5% moravam na região Nordeste do Brasil, 22,8%, na região Sudeste, 13,6%, na região Sul, 4%, no região Norte, e 3,4%, na região

Centro Oeste. Finalmente, a maior parte da amostra assumiu utilizar mais de 6 horas, por dia, na internet (35,6%), e no celular (31,1%).

Instrumento

Para apreender as Representações Sociais utilizou-se a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) que consiste em evocar cinco palavras relacionadas à indutora (abuso digital nos relacionamentos amorosos). Além disso, para mensurar as taxas de envolvimento foi utilizado o Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos (QADRA, Borrajo et al., 2015a) composta por duas escalas, uma de vitimização (10 itens) e outra de perpetração (10 itens), ambas compostas por dois fatores que contabilizam 20 itens: Agressão Direta (AD, 11 itens); e Controle / Monitoramento (C, 9 itens).

Tais componentes apresentaram uma consistência interna satisfatória, em sua versão original: Agressão Direta (vitimização $\alpha = 0,84$; perpetração $\alpha = 0,73$); e Controle / Monitoramento (vitimização $\alpha = 0,87$; perpetração $\alpha = 0,81$). No contexto brasileiro, tais índices foram corroborados tanto para escala de vitimização (AD $\alpha =$ de 0,71 a 0,78 ; C $\alpha =$ de 0,81 a 0,90) quanto para escala de perpetração (AD $\alpha =$ 0,67 a 0,80; C $\alpha =$ de 0,84 a 0,86) (Cavalcanti, Coutinho, Nascimento, & Pinto, *no prelo*).

Finalmente, com o intuito de apreender as características dos participantes, os universitários responderam a um questionário sociodemográfico, contendo as variáveis: idade, gênero, orientação sexual, região, tempo gasto na internet e celular e se estavam em um relacionamento atual.

Procedimentos Éticos

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da instituição dos autores (retirado para avaliação cega), em que se seguiu todos os termos éticos citados pelo Conselho Nacional de Saúde, Brasil, conforme as Resoluções 466/12 e 510/2016.

Após aprovado (CAAE: 80433517.4.0000.5188), foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os universitários.

Procedimentos de Coleta de Dados

Os participantes foram convidados a responderem a um questionário, via formulário eletrônico, pelo recurso do Google Docs. Para isso, foi utilizado o compartilhamento do mesmo em comunidades acadêmicas. Não obstante, antes de iniciar a pesquisa, o respondente era esclarecido quanto ao objetivo do estudo e orientado sobre o caráter voluntário e confidencial. Caso concordasse em responder, o instrumento era disponibilizado ao participante. Convém destacar que inicialmente era apresentado ao respondente a TALP e em seguida o Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos e, por fim, sociodemográfico, para que não houvesse influências desses na TALP. O tempo de duração média para preenchimento foram de 15 minutos.

Procedimentos de Análise de Dados

Para análise do QADRA e do sociodemográfico foram feitas análises descritivas, como média e desvio padrão por meio do *software* IBM SPSS 21. Quanto aos dados advindos da TALP, esses foram analisados no *software* Iramuteq, através da análise prototípica e de similitude. A análise prototípica busca identificar a estrutura representacional a partir dos critérios de frequência e ordem de evocação das palavras provenientes de um teste de evocações livres (Wachelke & Wolter, 2011) Por sua vez, a análise de similitude tem por finalidade identificar as coocorrências entre as palavras, auxiliando na identificação da estrutura do conteúdo de um corpus textual (Marchand & Ratinaud, 2012).

Resultados e Discussão

Os resultados foram divididos em três partes: a primeira que avaliou os dados oriundos do Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos; a segunda que consistiu em uma análise prototípica e a terceira que buscou realizar uma análise de similitude.

Medida de abuso digital nos relacionamentos amorosos

Considerando a medida utilizada que mensura o envolvimento no ADRA em algum momento da vida, os dados revelaram índices de 87,6% (média de 2,41) para vítimas de Controle/Monitoramento, 92,6% (média de 2,36), perpetradores de Controle/Monitoramento; 34,7% (média de 1,25), vítimas de Agressão Direta, e 25,1% (média de 1,14), perpetradores de Agressão Direta. Tais achados apontam para uma alta prevalência de envolvimento no ADRA que pode ser explicada pelo uso indiscriminado das tecnologias de comunicação socialmente, bem como, pela sua inserção dentro das relações íntimas.

Resultados similares são encontrados na literatura, os quais indicam ser o ADRA um comportamento cotidiano entre casais com índices expressivos, destacando o controle/ monitoramento como o tipo de abuso digital entre parceiros íntimos mais frequente (Borrajo et al., 2015a; Van Ouytsel et al., 2017; Zweig et al., 2013).

Análise Prototípica

A partir da questão de evocação livre com o estímulo indutor “abuso digital nos relacionamentos amorosos”, obtiveram-se 2.231 evocações com 649 palavras diferentes. A frequência média das evocações foi de 33,22 e a ordem média de evocação (OME) foi de 2,75. A frequência mínima considerada para inclusão das palavras nos quadrantes foi de 15, pouco mais de 3% do tamanho da amostra. Com base nesses valores, foi gerado um diagrama com quatro quadrantes, conforme verificado na Tabela 1. Os resultados

apresentam as estruturas representacionais do grupo de pertença estudado, universitários, acerca do abuso digital nos relacionamentos amorosos.

INSERIR TABELA 1

Conforme observado, à esquerda, no quadrante superior, denominado de núcleo central, são apresentadas as palavras de alta frequência (maior que a média) e baixa ordem média de evocação, ou seja, que foram mais prontamente evocadas. Neste eixo o ADRA foi sinônimo de *ciúme*, *controle*, *invasão*, e envio de *nudes*. Tais elementos se ancoram na incerteza relacional contemporânea, bem como, na concepção de dominância dentro dos relacionamentos íntimos, fazendo com que indivíduos, em prol da manutenção das suas relações, emitam comportamentos virtuais abusivos e de ciúme, como: controlar, invadir, disseminar fotos íntimas sem consentimento (*nudes*).

Acerca disso, Bauman (2004) já mencionava que a cultura das relações íntimas atuais, embora se baseiem em pilares que promovam a autonomia, que se distanciam do tipo de intimidade amorosa engessado socialmente, antagonicamente, em razão da liquidez do compromisso, e com a consequente descartabilidade das relações, reproduzem vínculos mais inseguros. Frente a essa ambiguidade, tal relação necessitará de vigilância e defesa para que se sustente, sendo expressado pelo ciúme, intensa vigília, monitoramento e controle.

Por outro lado, o ADRA se pauta na lógica de dominação e assimetria de poder entre parceiros íntimos, em que para exercer domínio sobre o outro, o indivíduo busca controlá-lo, de modo que o abuso seria a expressão máxima do domínio. A despeito disso, evocando as ideias de Foucault sobre relações de poder que permeiam toda sociedade, Fernandes (2010) destaca que nos relacionamentos íntimos o poder pode ser exercido sob influência da cultura, do gênero, ou de papéis sociais impostos pelo sistema patriarcal.

Chama atenção ainda, para o fato de que os elementos mais proeminentes no núcleo central: "*ciúme*" e "*controle*" são dimensões estudadas em distintas pesquisas acerca do ADRA (Borrajó et al. 2015a; Reed et al., 2017; Sanchez et al., 2015), sendo conceitos imprescindíveis para a definição desse fenômeno. Neste sentido, esse achado aponta para uma convergência do conhecimento socialmente elaborado com o universo retificado.

Em última análise, destaca-se o elemento "*nudes*", que no contexto de violência é um termo que faz alusão à conteúdo íntimo utilizado pelo agressor para denegrir, difamar, chantagear a vítima, ou até mesmo obrigá-la a ter relações sexuais com ele (estupro virtual). Tais ações apontam para um fenômeno social contemporâneo, denominado "*porn revenge*" ou "pornografia de vingança, o qual vem sendo indicado, na literatura, como intimamente ligado a violência de gênero, uma vez que a maioria das vítimas são mulheres (Bates, 2017; McGlynn, Rackley & Houghton, 2017; Citron & Franks, 2014).

Quanto ao segundo quadrante temos o sistema periférico próximo que é composto por palavras com alta frequência (maior que a média) e alta ordem de evocação; em outras palavras, aquelas que não foram tão prontamente evocadas. Os elementos objetivados pelos universitários foram "*falta de respeito*", "*exposição*", "*violência*", "*desconfiança*", "*insegurança*", e "*medo*". Tais elementos se ancoram na violação dos direitos de privacidade e nos sentimentos negativos ocasionados por ela, apontando o ADRA como uma forma de violar, desrespeitar e expor a vida íntima do parceiro(a), causando-lhe insegurança e medo.

Conforme se verifica, assim como na violência presencial entre parceiros íntimos (Zerubavel, Messman-Moore, DiLillo, & Gratz, 2018; Barros et al., 2016), o medo e a insegurança são impostos às vítimas de ADRA. Tais elementos são

preocupantes uma vez que podem ser responsáveis pela emergência de sofrimento relacional refletidos em danos psicológicos e de insatisfação conjugal. Além disso, alertam para as sensações de ameaça e vulnerabilidade frente aos perigos conferidos pela tecnologia. De modo que, no espaço virtual, essa insegurança pode ser mais agravante pelo fato de ainda ser inicial o debate sobre políticas de enfrentamento da intimidação virtual.

No quadrante inferior esquerdo, chamado de zona de contraste, encontram-se as palavras com uma menor frequência (abaixo da média) com baixa ordem de evocação, ou seja, prontamente evocados. Nesse agrupamento o ADRA foi associado ao "*facebook*" e "*whatsapp*" remetendo aos espaços de ocorrência dos abusos digitais nos relacionamentos amorosos, indicado pelas redes sociais.

As redes sociais, enquanto ambientes propícios para prática do ADRA, se justifica pela sua facilidade de acesso e suas múltiplas fontes de informação, como: acompanhamento das últimas postagens, fotos ou interações com outras pessoas. Sendo assim, o conhecimento da senha desses dispositivos, seja por roubo ou consentimento, aumenta ainda mais as possibilidades de vigilância (Tomaél, Alcará, & Di Chiara, 2005).

Em alguns casos, tendo em vista a natureza pública das redes sociais, este abuso pode ultrapassar a esfera íntima do casal, assumindo proporções mais amplas através de ações que envolvem compartilhamento ilimitado de fotos ou vídeos íntimos do parceiro sem consentimento, ou ainda postagens humilhantes acerca dele publicamente. Esses dados se confirmam nos estudos de Van Ouytsel et al., (2016), os quais encontraram que o comportamento de monitoramento tem sido associado à quantidade de redes sociais.

Quanto as evocações: *fotos, privacidade, senhas, vigilância e perseguição*, apontam para as formas de ocorrência do ADRA na sociabilidade digital, em que atos como: inspecionar, acompanhar constantemente, perseguir, invadir a privacidade, publicar fotos íntimas sem consentimento, são possibilitados pelo acesso à internet. Tais ações se coadunam com os comportamentos do ADRA elencados em estudos anteriores (Borrajo et al, 2015a; Flach & Deslanches, 2017; Van Ouytsel et al., 2016).

Por fim, no quarto e último quadrante (inferior direito) indicam os elementos de menor frequência (abaixo da média) e maior ordem de evocação, a saber: *posse, traição, machismo, raiva, abuso, ameaça, tristeza, vergonha, crime e agressão*. Nesse eixo predominam-se aspectos conceituais do ADRA, bem como, suas causas e consequências, os quais perpassam elementos psicoafetivos e sociais.

No que tange aos aspectos conceituais, verifica-se que o ADRA é definido de maneira mais ampla enquanto um tipo de agressão e abuso, bem como de maneira específica através da ameaça, enquanto estratégia para chantagear o outro. O ADRA foi descrito ainda como sinônimo de crime, indicando ser um problema que transgride direitos, liberdades e garantias. Esse elemento faz alusão ao conhecimento de iniciativas jurídicas de combate ao delito virtual, como é o caso da Lei 13.718/2018 sobre crimes sexuais.

Ainda acerca do quarto quadrante, chama atenção para o fato de que mesmo o presente estudo utilizar um "estímulo indutor" que carregue consigo o termo "*abuso*", tal elemento, e correlatos, são evocados em menor frequência. O que pode indicar uma falta de percepção sobre o sentido real do ADRA e suas motivações, seja em virtude de uma visão distorcida do fenômeno, em que ações abusivas são percebidas como amor ou brincadeira (Borrajo, 2015b; Muñoz-Rivas, et al., 2010).

No que tange aos elementos causais, o elemento "machismo" faz referência a concepção de supremacia masculina, em que ao homem é imposto a dominar, agredir, e invadir, tornando tais comportamentos aceitáveis e naturalizados também no contexto virtual. Além disso, o ADRA pode ser ocasionado pela ameaça, mesmo que remota, de traição do parceiro, ou perda da figura de posse, um vez que a tecnologia possibilita uma infinidade de novas interações sociais. Finalmente aponta para raiva como imperativo ao ADRA, aspecto destacado por pesquisas na área tanto para mobilizar comportamentos agressivos presenciais ou virtuais (Cavalcanti & Pimentel, 2016; Deans & Bhogal, 2017; Watkins et al., 2016).

Quanto aos aspectos que remetem as consequências do ADRA são descritas a *vergonha* e *tristeza*, elementos esses que quando alterados podem levar a estados de humor preocupantes, como: depressão e ansiedade, podendo levar ao suicídio. Tais implicações do ADRA são descritas no estudo de revisão de Falch e Deslandes (2017) assim como também: distúrbios no sono, envolvimento em comportamentos delinquentes, e implicações negativas para o rendimento escolar/acadêmico.

Análise de Similitude

Com o intuito de analisar a forma como os elementos representacionais dos universitários se organizam, procedeu-se com a análise de similitude, com o auxílio do Iramuteq, podendo ser visualizada na Figura 1.

____INSERIR FIGURA 1____

Conforme se verifica, a palavra "*ciúme*" aparece como elemento central e organizador das representações sociais do ADRA, a partir do qual estabelece fortes ligações com as palavras *controle*, *posse* e *privacidade*. Por sua vez, ao observar os agrupamentos de palavras que apresentam conexão com o "*ciúme*" verificam-se que os mesmos fazem referência as redes sociais como locais de prática desse abuso (facebook

e whatsapp); aos sentimentos negativos que permeiam essa prática (insegurança, medo e raiva) e aos crimes sexuais virtuais (exposição, nudes e crime). Tais achados corroboram com os encontrados na análise prototípica.

No que tange ao ciúme, enquanto elemento central do ADRA, o mesmo vem sendo ressaltado na literatura como desempenhando um papel preponderante nas relações românticas historicamente, apresentando-se como um conceito atemporal. Por exemplo, no período romano, funcionava como um protetor da "moral do homem"; no renascimento, como uma atitude frente a ameaças à fidelidade conjugal; na modernidade, como um temor pela perda do objeto de amor. Finalmente, na contemporaneidade, como um resgate da sensação de segurança e confiança (Baroncelli, 2011; Almeida & Lourenço, 2011).

Por atravessar diferentes épocas da história do ser humano, algumas manifestações de ciúmes podem ser consideradas familiares, percebidas como opostas da apatia; valorizadas socialmente; ou ainda, tratadas como sinônimo de amor, não obstante, podem mascarar ações abusivas (Baroncelli, 2011; Almeida & Lourenço, 2011; Wright, 2017). Acerca disso, uma evidência bastante recorrente empiricamente é a de que o ciúme pode se apresentar como um importante gatilho para atos violentos dentro dos relacionamentos amorosos; ou ainda, a sua manifestação pode vir acompanhada de ameaças, agressões físicas e verbais (Wright, 2017; Daspe, Vaillancourt-Morel, Lussier, & Sabourin, 2018; Kaufman-Parks, Longmore, Giordano & Manning, 2018).

Com o auxílio dos dispositivos tecnológicos, o ciúme pode agravado, de modo que assim como no cotidiano real, os parceiros íntimos utilizam as TICS para expressar o ciúme através de ações abusivas como: compartilhamento de fotos íntimas sem

consentimento; invasão de privacidade, comportamentos de investigação (stalkear), posse, e perseguição.

Tais achados corroboram pesquisas anteriores (Deans & Bhogal, 2017; Borrajo et al., 2015a), bem como, estão coerente com o que Christofides, et al., (2009) destaca ao mencionar que o ciúme, embora atuar como um alívio a curto prazo da insegurança relacional, pode favorecer ao aparecimento de mais episódios de ciúme a médio e a longo prazo.

Considerações finais

A partir dos dados coletados foi possível constatar uma alta prevalência de envolvimento no ADRA, acima de 20% para Agressão Direta, e 80% para o controle e monitoramento, o que aponta para necessidade de novas investigações no Brasil a fim de confirmar ou refutar esses dados, tendo em vista ser essa a primeira iniciativa no país. Além disso, chama-se atenção para a necessidade de intervenções com vistas a minimizar esse fenômeno, uma vez que são apontadas graves consequências aos seus envolvidos.

No que tange as Representações Sociais, o núcleo central do ADRA foi ancorado na incerteza relacional contemporânea e na concepção de dominância dentro dos relacionamentos íntimos. Quanto as evocações do núcleo periférico, o ADRA foi associado à violação dos direitos à privacidade, remetendo as redes sociais como os principais espaços de ocorrência para ações de vigilância, perseguição, invasão e publicação de fotos íntimas sem consentimento. Além disso, foi representado como um tipo de agressão que perpassa causas e implicações psicoafetivas e sociais. Neste sentido, verifica-se que enquanto o núcleo central está mais ligado a condições históricas, sociológicas e ideológicas; o núcleo periférico, remete mais ao contexto imediato de abuso.

Os resultados revelaram ainda que o "*ciúme*" desempenha um papel preponderante no ADRA, uma vez que aparece como elemento central e organizador das RS desse fenômeno, mobilizando ações virtuais abusivas como: compartilhamento de fotos íntimas sem consentimento; invasão de privacidade, comportamentos de investigação (stalkear) e de posse e perseguição.

Tais achados sugerem que estudar o ADRA sob o enfoque das RS se faz pertinente, tendo em vista que esse fenômeno apresenta características complexas, abrangendo questões de ordens individuais, sociais, culturais e históricas. Por essa razão, intervenções direcionadas a combater esse fenômeno deve tomar por base uma visão poliocular.

Embora resultados relevantes, a presente pesquisa não está isenta de limitações, como por exemplo a utilização de uma amostra não probabilística, a qual não se pode pressupor a generalização dos dados. Além disso, observa-se um desequilíbrio entre os sexos na amostra, de modo que as mulheres representam expressivamente a maior parte da pesquisa, o que pode ter enviesado, por exemplo no aparecimento da palavra "*machismo*".

Neste sentido, entende-se que novos estudos seriam igualmente relevantes, tais como o desenvolvimento de pesquisas longitudinais que analisem como as representações acerca do fenômeno ADRA se modificam ao longo da idade, bem como, investigações transculturais que busquem conhecer as RS em outras culturas. Sugerem-se ainda estudos que verifiquem se existem diferenças entre casais homoafetivos e heteroafetivos em relação as representações do ADRA. Ademais, podem ainda ser melhor explorado a relação entre representação social e comportamento, demonstrando se representações, crenças e atitudes podem predispor comportamentos de abuso online entre parceiros, ou ainda, de violência presencial.

Referências

- Abric, J. C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. *Estudos interdisciplinares de representação social*, 2(1998), 27-38.
- Almeida, T., & Lourenço, M. L. (2011). Ciúme romântico: Um breve histórico, perspectivas, concepções correlatadas e seus desdobramentos para os relacionamentos amorosos. *Revista de Psicologia*, 2(2).
- Baroncelli, L. (2011). Amor e ciúme na contemporaneidade: reflexões psicossociológicas. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 163-170.
- Barros, É. N. D., Silva, M. A., Falbo Neto, G. H., Lucena, S. G., Ponzo, L., & Pimentel, A. P. (2016). Prevalence and factors associated with intimate partner violence among women in Recife/Pernambuco, Brazil. *Ciencia & saude coletiva*, 21(2), 591-598.
- Bates, S. (2017). Revenge porn and mental health: A qualitative analysis of the mental health effects of revenge porn on female survivors. *Feminist Criminology*, 12(1), 22-42.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Zahar.
- Beserra, M. A., Leitão, M. N. D. C., Fernandes, M. I. D., Scatena, L., Vidinha, T. S. D. S., Silva, L. M. P. D., & Ferriane, M. D. G. D. C. (2015). Prevalência de Violência no Namoro entre Adolescentes de Escolas Públicas de Recife/Pe: Brasil. *Revista de Enfermagem Referência*, (7), 91-99. doi: 10.12707/RIV15006
- Borrajó, E., Gámez-Guadix, M., Pereda, N., & Calvete, E. (2015a). The development and validation of the cyber dating abuse questionnaire among young couples. *Computers in human behavior*, 48, 358-365. doi: 10.1016/j.chb.2015.01.063.

- Borrajó, E., Gámez Guadix, M., & Calvete, E. (2015b). Justification beliefs of violence, myths about love and cyber dating abuse. *Psicothema*, 27(4), 327-333. doi: 10.7334/psicothema2015.59.
- Brownridge, D. A., Taillieu, T., Chan, K. L., & Piotrowski, C. (2018). Understanding the Elevated Prevalence of Intimate Partner Violence in Interracial Relationships. *Journal of interpersonal violence*, 0886260518781803. doi: [10.1177/0886260518781803](https://doi.org/10.1177/0886260518781803)
- Burke, S. C., Wallen, M., Vail-Smith, K., & Knox, D. (2011). Using technology to control intimate partners: An exploratory study of college undergraduates. *Computers in Human Behavior*, 27, 1162-1167. doi: [10.1016/j.chb.2010.12.010](https://doi.org/10.1016/j.chb.2010.12.010)
- Cavalcanti, J. G., & Pimentel, C. E. (2016). Personality and aggression: A contribution of the General Aggression Model. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(3), 443-451. doi: 10.1590/1982-02752016000300008.
- Cavalcanti, J. G. Coutinho, M. P. L; Nascimento, A.M. & Pinto, A. V. L.(*no prelo*). Propriedades Psicométricas do Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos. PSICO-USF.
- Citron, D. K., & Franks, M. A. (2014). Criminalizing revenge porn. *Wake Forest L. Rev.*, 49, 345.
- Christofides, E., Muise, A., & Desmarais, S. (2009). More information than you ever wanted: Does facebook bring out the green-eyed monster of jealousy? *Cyber Psychology & Behavior*, 12(4), 441-444.
- Conceição, T. B., Bolsoni, C. C., Lindner, S. R., & Coelho, E. B. S. (2018). Assimetria e simetria de gênero na violência por parceiro íntimo em pesquisas realizadas no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23, 3597-3607.

- Cutbush, S., Williams, J., Miller, S., Gibbs, D., & Clinton-Sherrod, M. (2012). Electronic dating aggression among middle school students: Demographic correlates and associations with other types of violence. In *Poster presented at the American Public Health Association, annual meeting*(pp. 27-31).
- Daspe, M. È., Vaillancourt-Morel, MP, Lussier, Y. & Sabourin, S. (2018). Uso do Facebook, inveja do Facebook e perpetração de violência por parceiro íntimo. *Ciberpsicologia, comportamento e redes sociais* , 21 (9), 549-555.
- Deans, H., & Bhogal, M. S. (2017). Perpetrating Cyber Dating Abuse: A Brief Report on the Role of Aggression, Romantic Jealousy and Gender. *Current Psychology*, 1-6. doi: 10.1007/s12144-017-9715-4.
- Durán, M., & Martínez-Pecino, R. (2015). Ciberacoso mediante teléfono móvil e Internet en las relaciones de noviazgo entre jóvenes. *Comunicar*, 22(44), 159-167. doi: 10.3916/C44-2015-17.
- Elísio, R., Neves, S., & Paulos, R. (2018). A violência no namoro em casais do mesmo sexo: discursos de homens gays. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (117), 47-72. doi: 10.4000/rccs.8149.
- Fernandes, A. R. (2010). O poder nas relações conjugais: uma investigação fenomenológica sobre as relações de poder no casamento. *São Paulo: Annablume*.
- Flach, R. M. D., & Deslandes, S. F. (2017). Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. *Cadernos de Saúde Pública*, 33(7), e00138516. doi: 10.1590/0102-311X00138516.
- Hancock, K., Keast, H., & Ellis, W. (2017). The impact of cyber dating abuse on self-esteem: The mediating role of emotional distress. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 11(2).doi: 10.5817/CP2017-2-2

- Jodelet, D., & Moscovici, S. (1989). *Folies et représentations sociales*. Presses universitaires de France.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. *As representações sociais*, 17-44
- Kaufman-Parks, AM, Longmore, MA, Giordano, PC, Manning, WD (2018). Indução de ciúme e violência por parceiro íntimo entre jovens adultos. *Jornal de Relações Sociais e Pessoais*, 0265407518802451.
- Marchand, P., & Ratinaud, P. (2012). L'analyse de similitude appliquée aux corpus textuels: les primaires socialistes pour l'élection présidentielle française (septembre-octobre 2011). *Actes des 11eme Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles. JADT, 2012*, 687-699.
- McGlynn, C., Rackley, E., & Houghton, R. (2017). Beyond 'Revenge Porn': The continuum of image-based sexual abuse. *Feminist Legal Studies*, 25(1), 25-46.
- Melander, L. A. (2010). College students' perceptions of intimate partner cyber harassment. *Cyberpsychology, behavior, and social networking*, 13(3), 263-268. doi: 10.1089=cyber.2009.0221.
- Moscovici, S. (1981). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: Press Universitaires de France.
- Moscovici, S. (2012). *A Psicanálise, sua Imagem e seu Público*. Petrópolis: Vozes
- Muñoz-Rivas, M. J., Gámez-Guadix, M., Graña, J. L., & Fernández, L. (2010). Violencia en el noviazgo y consumo de alcohol y drogas ilegales entre jóvenes españoles [Relationship between dating violence and use of alcohol and illegal drugs in Spanish adolescents and young adults]. *Adicciones*, 22, 125-134.
- Neves, S. (2008), *Amor, poder e violências na intimidade*. Coimbra: Quarteto.

- Peskin, M. F., Markham, C. M., Shegog, R., Temple, J. R., Baumler, E. R., Addy, R. C., ... & Emery, S. T. (2017). Prevalence and correlates of the perpetration of cyber dating abuse among early adolescents. *Journal of youth and adolescence*, 46(2), 358-375.
- Pimentel, C. E., Moura, G. B. D., & Cavalcanti, J. G. (2017). Acceptance of Dating Violence Scale: Checking its psychometric properties. *Psico-USF*, 22(1), 147-159. doi: 10.1590/1413-82712017220113.
- Ramos, M. C., Miller, K. F., Moss, I. K., & Margolin, G. (2017). Perspective-Taking and Empathy Mitigate Family-of-Origin Risk for Electronic Aggression Perpetration Toward Dating Partners: A Brief Report. *Journal of interpersonal violence*, 0886260517747605. doi: 10.1177/0886260517747605
- Reed, L. A., Tolman, R. M., & Ward, L. M. (2017). Gender matters: Experiences and consequences of digital dating abuse victimization in adolescent dating relationships. *Journal of adolescence*, 59, 79-89. doi: /10.1016/j.adolescence.2017.05.015.
- Runions, K., Shapka, J. D., Dooley, J., & Modecki, K. (2013). Cyber-aggression and victimization and social information processing: Integrating the medium and the message. *Psychology of violence*, 3(1), 9-26. doi: 10.1037/a0030511.
- Sánchez, V., Muñoz-Fernández, N., & Ortega-Ruiz, R. (2015). "Cyberdating Q_A": An instrument to assess the quality of adolescent dating relationships in social networks. *Computers in human behavior*, 48, 78-86. doi: 10.1016/j.chb.2015.01.006.
- Santos, A. M. R., & Caridade, S. M. M. (2017). Violência nas relações íntimas entre parceiros do mesmo sexo: estudo de prevalência. *Trends in Psychology*, 25(3), 1341-1356. doi: 10.9788/tp2017.3-19pt.

- Slonje, R., & Smith, P. K. (2008). Cyberbullying: Another main type of bullying?. *Scandinavian journal of psychology*, 49(2), 147-154. doi: 10.1111/j.1467-9450.2007.00611.x.
- Smith, K., Cénat, J. M., Lapierre, A., Dion, J., Hébert, M., & Côté, K. (2018). Cyber dating violence: Prevalence and correlates among high school students from small urban areas in Quebec. *Journal of affective disorders*, 234, 220-223.
- Turell, S. C., Brown, M., & Herrmann, M. (2018). Disproportionately high: an exploration of intimate partner violence prevalence rates for bisexual people. *Sexual and Relationship Therapy*, 33(1-2), 113-131. doi: 10.1080/14681994.2017.1347614
- Vala, J. (2013). *Psicologia Social*. 9ª Ed. Lisboa:Fundação Calouste Gulbenkian.
- Van Ouytsel, J., Ponnet, K., & Walrave, M. (2016). Cyber dating abuse victimization among secondary school students from a lifestyle-routine activities theory perspective. *Journal of interpersonal violence*, 0886260516629390. doi: 10.1177/0886260516629390.
- Van Ouytsel, J., Ponnet, K., Walrave, M., & Temple, J. R. (2017). Adolescent cyber dating abuse victimization and its associations with substance use, and sexual behaviors. *public health*, 135, 147-151.doi: 10.1016/j.puhe.2016.02.011.
- Watkins, L. E., Maldonado, R. C., & DiLillo, D. (2016). The Cyber Aggression in Relationships Scale: a new multidimensional measure of technology-based intimate partner aggression. *Assessment*, 1073191116665696. 1-19. doi: 10.1177/1073191116665696
- Wachelke, J., & Wolter, R. (2011). Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 27(4), 521-526.

- Wright, M. F. (2017). Agressão do parceiro íntimo e insegurança do apego adulto: A mediação do ciúme e da raiva. *Ciências Comportamentais Evolucionárias* , 11 (2), 187.
- Wu, E., El-Bassel, N., McVinney, L. D., Hess, L., Fopeano, M. V., Hwang, H. G., ... & Mansergh, G. (2015). The association between substance use and intimate partner violence within Black male same-sex relationships. *Journal of interpersonal violence*, 30(5), 762-781.
- Zerubavel, N., Messman-Moore, TL, DiLillo, D. e Gratz, KL (2018). O abuso sexual na infância e o medo do abandono moderam a relação entre a violência praticada pelo parceiro íntimo e a gravidade da dissociação. *Journal of Trauma & Dissociation* , 19 (1), 9-24.
- Zweig, J. M., Dank, M., Yahner, J., & Lachman, P. (2013). The rate of cyber dating abuse among teens and how it relates to other forms of teen dating violence. *Journal of youth and adolescence*, 42(7), 1063-1077. doi: 10.1007/s10964-013-9922-8.

Tabela 1.

Estrutura das Representações Sociais do Abuso digital nos relacionamentos amorosos (Frequência mínima de 15).

OME $\leq$ 2,75				OME $\leq$ 2,75		
Frequência	Núcleo Central			Periferia Primária		
Média	Evocações	<i>f</i>	OME	Evocações	<i>F</i>	OME
>33,21	Ciúme	102	2.6	Falta de respeito	64	2.8
	Controle	47	2.6	Exposição	54	2.8
	Invasão	38	2.3	Medo	52	3.4
	Nudes	35	1.9	Desconfiança	51	3.2
				Insegurança	46	3.0
				Violência	40	2.9
Frequência	Zona de Contraste			Periferia Secundária		
Média	Evocações	<i>f</i>	OME	Evocações	<i>F</i>	OME
<33,21	Facebook	32	2.1	Posse	33	3.1
	Privacidade	28	2.7	Traição	30	2.9
	Senha	25	2.0	Machismo	27	3.0
	Fotos	25	2.0	Raiva	23	3.0
	Perseguição	24	2.4	Abuso	22	3.0
	Stalkear	16	2.2	Ameaça	18	3.1
	Whatsapp	16	2.6	Tristeza	17	3.6
	Vigilância	15	2.3	Vergonha	17	3.3
				Crime	17	3.2
				Agressão	18	2.9

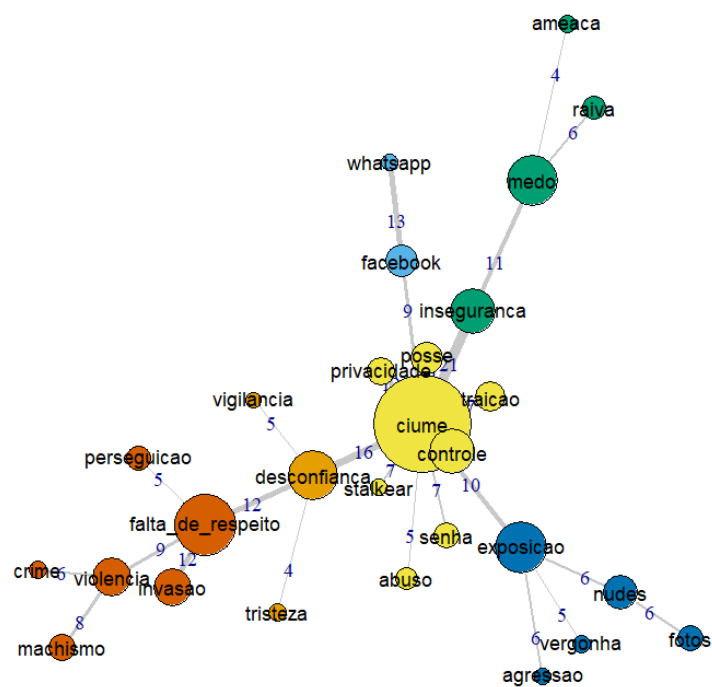


Figura 1:

Árvore máxima de 15 co-ocorrências referente a evocação *abuso digital nos relacionamentos amorosos*.

**CAPITULO VI.: ARTIGO 3: PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DO
QUESTIONÁRIO DE ABUSO DIGITAL NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS**

PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DO QUESTIONÁRIO DE ABUSO DIGITAL NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS

Resumo: O presente estudo teve como objetivo conhecer a validade e fidedignidade do Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos - QADRA no contexto brasileiro. Para isso, foram delineados dois estudos empíricos. O estudo 1 ($N = 215$) testou os parâmetros psicométricos do QADRA por meio da análise fatorial exploratória. O estudo 2 ($N = 248$) buscou reunir evidências adicionais de validade e precisão do QADRA através da análise fatorial confirmatória. Os resultados apontaram para a estrutura bifatorial como a mais pertinente, sendo observados bons índices de consistência interna. Além disso, o QADRA demonstrou validade convergente através de associações significativas com o abuso presencial nos relacionamentos amorosos (CTS2) e a satisfação global nos relacionamentos. Ademais, conclui-se que o QADRA apresenta-se como uma medida válida e fidedigna, útil para investigação do abuso digital nos relacionamentos amorosos na população brasileira.

Palavras-chave: violência entre parceiros íntimos; agressão digital; tecnologia; validade.

Abstract: The present study aimed to know and validate the *Cyber Dating Abuse Questionnaire* - CDAQ in the Brazilian context. For this, two empirical studies were designed. Study 1 ($N = 215$) tested the psychometric parameters of CDAQ using exploratory factorial analysis. Study 2 ($N = 248$) was sought from additional data and from the CDAQ by means of the confirmatory factorial analysis. The results pointed to a two-factorial structure as more relevant, with good internal consistency indexes being observed. In addition, CDAQ demonstrated convergence through association with love relationship abuses (CTS2) and overall satisfaction in relationships. In addition, it is concluded that the CDAQ presents a valid and reliable measure, useful for investigation of digital abuse in the love relationships in the Brazilian population.

Keywords: intimate partner violence; cyber aggression; technology; validity.

Resumen: El presente estudio tuvo como objetivo objetivó conocer la validez y fidedignidad del Cuestionario de Abuso Digital en las Relaciones Amorosas - QADRA en el contexto brasileño. Para ello, se delinearon dos estudios empíricos. El estudio 1 (N = 215) probó los parámetros psicométricos del QADRA a través del análisis factorial exploratorio. El estudio 2 (N = 248) buscó reunir evidencias adicionales de validez y precisión de la QADRA a través del análisis factorial confirmatorio. Los resultados apuntaron a una estructura bifactorial como más pertinente, siendo observados los buenos índices de consistencia interna. Además, el QADRA demostró convergencia a través de la asociación con los abusos sobre las relaciones amorosas (CTS2) y una satisfacción global en las relaciones. Además, se concluye que el QADRA presenta una medida válida y fidedigna, útil para investigación del abuso digital en las relaciones amorosas en la población brasileña.

Palabras clave: violencia entre parejas íntimas; ciberacoso, tecnología; validez.

Introdução

A Violência entre Parceiros Íntimos (VPI) tem sido reconhecida mundialmente como um problema de saúde pública dada a sua alta prevalência, bem como, às nefastas consequências que ocasionam aos envolvidos (Behnken, Duan, Temple, & Wu, 2018; Moraes et al., 2017). Com o crescente uso de tecnologias de informação e comunicação (TIC), a VPI tem ultrapassado a esfera presencial, emergindo na modalidade virtual sob distintas formas, dentre elas, o Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos (ADRA, Borrajo, Gámez-Guadix, Pereda & Calvete, 2015a; Smith-Darden, Kernsmith & Lathrop, 2017; Zweig, Dank, Yanher & Lachman, 2013).

O ADRA (*Cyber Dating Abuse* ou *Cyber Dating Aggression*) diz respeito a ameaças, insultos, humilhações ou comportamentos de ciúme com a intenção de provocar angústia no parceiro por meio da tecnologia (Borrajo et al., 2015a; Flach & Deslanches, 2017; Van Ouytsel et al., 2016). Para Borrajo et al (2015a), o ADRA pode ocorrer através de duas formas: (1) Agressão Direta que diz respeito ao ato agressivo com intenção de ferir o (ex)parceiro; e (2) Controle / Monitoramento que consiste no uso de meios eletrônicos para controlar o (ex)parceiro.

Embora o ADRA ser apontado como coocorrendo com a VPI (Borrajo et al., 2015a; Watkins et al., 2016; Wolford-Clevenger et al. 2016), pode ser ainda mais prevalente pela possibilidade desse abuso ocorrer em qualquer lugar ou momento (mesmo após o término do relacionamento); não sendo necessária a presença do agressor (Melander 2010), podendo atingir a uma maior audiência (Runions, Shapka, Dooley, & Modecki, 2013).

A despeito disso, o estudo proposto nos Estados Unidos por Zweig, et al., (2013) com 5.645 pessoas indicou que 1/4 da juventude, inserida entre a 7ª a 12ª série, vivenciaram agressão virtual dentro do namoro durante o último ano. No mesmo país,

outro estudo apontou que 34,6 % de estudantes destacaram serem vítimas de coerção sexual digital; enquanto, 53,8%, de Monitoramento/Controle digital (Reed, Tolman & Ward, 2017). Na mesma direção, Smith et al (2018), em uma pesquisa com jovens canadenses, do ensino médio, apontaram altos percentuais de envolvimento em vitimização (35,8%), perpetração (33,0%), e em ambas formas (27,2%).

Dados de prevalência também foram verificados na Espanha, indicando que 57,2 % dos estudantes, com idade entre 18 e 30 anos, eram vítimas de intimidações por telefone, e 27,4%, por internet; enquanto 47,6% agrediram via telefone, e 14% por meio da internet. Por sua vez, o estudo de Borrajo et al (2015), com 788 jovens espanhóis, com idade entre 18 e 30, encontraram taxas que variaram de 10 a 82% de perpetração; e 18,5% a 83,5% de vitimização (Durán, Martínez & Pecino, 2015).

Pesquisas demonstram ainda consequências atreladas a esse fenômeno, podendo ocasionar: distúrbios no sono, sintomas depressivos e ansiosos, ideação suicida, envolvimento em comportamentos delinquentes, e implicações negativas para o rendimento escolar; piores índices de satisfação com relacionamentos; baixa auto estima e sofrimento emocional (Flach & Deslanches, 2017; Hancock et al., 2017; Smith et al., 2018). Tais achados destacam a relevância do tema, enquanto objeto de estudo próprio, tendo em vista o crescente envolvimento de jovens e adultos nesse fenômeno, bem como, as implicações negativas na saúde biopsicossocial dos envolvidos. Nesse sentido, é que medidas de avaliação tem sido desenvolvidas, sobretudo na busca de compreender os antecedentes e consequentes do ADRA.

No entanto, a literatura nacional ainda é escassa, contando apenas com dois artigos publicados: um artigo de revisão acerca da temática, o de Flach e Deslanches (2017) e um artigo sobre análise de produções textuais de Flach e Deslanches (2019). Quanto à literatura internacional, a produção científica está em fase inicial. Na revisão

proposta por Cavalcanti e Coutinho (no prelo), foram encontradas no período de 2008 a 2018, 5 medidas com relatos de validade e fidedignidade, a saber: *Cyber Dating Abuse Questionnaire* (CDAQ, Borrajo et al., 2015a); *Cyberdating Q_ A* (Sánchez et al., 2015); *Cyber Aggression in Relationships Scale* (CARS, Watkins et al., 2016), *Partner Cyber Abuse Questionnaire* de Hamby (2013; Wolford-Clevenger et al., 2016) e a *Escala de Ciber-Violencia en Parejas Adolescentes* (Cava & Buelga, 2018), havendo uma maior predominância do CDAQ (Borrajo et al., 2015c).

O *Cyber Dating Abuse Questionnaire* (CDAQ Borrajo et al., 2015a) avalia tanto vitimização quanto perpetração, em relação ao parceiro ou ex parceiro, através de dois fatores: Agressão Direta e Monitoramento / Controle. Essa escala apresenta uma consistência interna satisfatória para ambos fatores, avaliado pelo alfa de Cronbach: Agressão Direta (vitimização = 0.84; perpetração = 0,73), e Monitoramento / Controle online (vitimização = 0.87; perpetração = 0,81). No mesmo ano, encontra-se o questionário O *Cyberdating Q_ A* (Sánchez et al., 2015) que é composto por 45 itens os quais abrangem seis fatores com bons índices de alfa de Cronbach: intimidade on-line ($\alpha = 0.71$), estratégias de comunicação emocional ($\alpha = 0.84$), práticas de namoro digital ($\alpha = 0.75$), controle on-line ($\alpha = 0.85$), inveja on-line ($\alpha = 0.79$) e comportamento intrusivo on-line ($\alpha = 0.84$). Por sua vez, o *Cyber Aggression in Relationships Scale* (CARS, Watkins et al., 2016) apresenta 34 itens que avaliam perpetração e vitimização em relação ao parceiro atual, os quais englobam três fatores: agressão cibernética psicológica; agressão cibernética sexual e agressão cibernética stalking. No que tange ao *Partner Cyber Abuse Questionnaire* de Hamby (2013) esse questionário corresponde a uma medida de vitimização unifatorial composta por nove itens que juntos apresentaram um aceitável alfa de Cronbach ($\alpha = 0,72$) (Wolford-Clevenger et al., 2016). Finalmente, mais recentemente, tem-se a *Escala de Ciber-Violencia en Parejas*

Adolescentes (Cava & Buelga, 2018) que é constituída por 10 itens divididos igualmente entre dois fatores: agressão virtual e controle virtual, os quais apresentam bons índices de alfa de Cronbach (entre 0.92 a 0.97). Convém destacar que essa medida apresenta uma versão para perpetração e outra para vitimização.

Dada as medidas encontradas, optou-se pela CDAQ (Borrajó et al., 2015a) por ela avaliar tanto comportamentos de vitimização quanto de perpetração; bem como, por considerar a perspectiva de parceiros ou ex parceiros. Além disso, esse instrumento considera o ADRA um construto multidimensional constituído não apenas de ações de controle, mas também de agressões diretas, contemplando comportamentos como: ameaças, roubos de identidade, controle e a humilhação.

Convém destacar ainda que, encontra-se estudos com essa escala em outros contextos como na Bélgica (Ouytsel, Ponnet, & Walrave, 2016; Ouytsel, Ponnet, Walrave, & Temple, 2016) e México (García-Sánchez, Guevara-Martínez, Rojas-Solís, Peña-Cárdenas, & Cruz, 2017). Mais recentemente, conta-se com um estudo de validação em Portugal, o qual apontou para bons índices de ajustamento e satisfatória consistência interna (Alfa de Cronbach entre 0.84 a 0.91; Caridade & Braga, 2019).

Ademais, uma vez constatado um avanço da tecnologia e seu crescente uso nas relações amorosas, verifica-se que a agressão virtual entre casais tem sido recorrente, expondo vítimas a uma maior vulnerabilidade e gerando implicações severas aos envolvidos. Desse modo, contar um instrumento que avalie esse fenômeno pode auxiliar no rastreamento e melhores intervenções neste problema. Não obstante, é inexistente uma medida de avaliação específica para parceiros íntimos de abuso digital no contexto brasileiro. Nesse sentido, o presente estudo buscou conhecer a validade e fidedignidade do Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos - QADRA (*Cyber Dating Abuse Questionnaire - CDAQ*).

Face a essas considerações, o presente estudo partiu das seguintes hipóteses: 1) espera-se confirmar a estrutura fatorial com 2 dimensões; b) espera-se que o QADRA obtenha resultados satisfatórios em termos de consistência interna; c) espera-se que o QADRA demonstre validade convergente, por meio da associação positiva com uma medida presencial de abuso nos relacionamentos; e negativa com a satisfação em relacionamentos amorosos; d) espera-se encontrar maiores índices de prevalência de abuso digital nos relacionamentos amorosos no fator Controle do que no de Agressão direta. Para testar tais hipóteses, realizou-se uma validação cruzada, por meio de dois estudos empíricos.

Estudo 1 - Estrutura Fatorial Exploratória do Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos

Tratou-se de um estudo psicométrico, transversal, cujo objetivo foi conhecer evidências de sua validade e fidedignidade – consistência interna – por meio do Alfa de Cronbach .

Método

Participantes

Participaram deste estudo 215 participantes, com uma idade média de 28,27 ($DP = 6,05$; variou de 18 a 54 anos), sendo a maioria mulheres (74,9%); heterossexuais (84,7%), com escolaridade correspondente a pós-graduação (56,3%); e que estavam em um relacionamento atual (69,3%). Desses, 53% moravam na região Nordeste, 24,2% na região Sudeste, 15,8% na região Sul, 4,2% na região Norte, e 2,8% na região Centro Oeste. Ademais, a maior parte da amostra assumiu utilizar mais de 6 horas, por dia, na internet (34,9%), e no celular (28,8%).

Instrumentos

Cyber Dating Abuse Questionnaire - (CDAQ, Borrajo et al., 2015a). Este instrumento foi elaborado na Espanha e oferece duas versões: uma para vitimização e outra para perpetração. É composta por 20 itens, os quais são distribuídos em dois fatores: Agressão Direta (AD, 11 itens) e Controle / Monitoramento (C, 9 itens. A Agressão Direta faz referência a atos agressivos com intenção de ferir o (ex)parceiro (e.g. *Eu escrevi um comentário no mural de uma rede social para insultar ou humilhar meu parceiro ou ex-parceiro*). Por sua vez, o Controle / Monitoramento consiste no uso de meios eletrônicos para controlar o (ex)parceiro (e.g. *Eu controlei as amizades do meu parceiro ou ex-parceiro nas redes sociais*). Essa medida visa conhecer com que frequência os participantes experimentaram comportamentos de abuso online por seus (ex)parceiros durante o último ano, através de uma escala de 5 pontos, que varia de 1 = "nunca" a 6 = "geralmente". Os escores totais possíveis variam de 20 a 120, no qual valores mais altos indicam maior frequência de comportamentos de abuso digital, seja como vítima, na escala de vitimização, seja como agressor, na escala de perpetração. A escala original não apontou para ponto de corte.

Em seu estudo original, o QADRA apresentou evidências de validade convergente com fatores da violência tradicional entre casais; e *cyberbullying*, apontando para correlações positivas, entre 0,16 e 0,40 (todos com $p < 0,001$); bem como, uma consistência interna satisfatória para ambos fatores: Agressão Direta (vitimização $\alpha = 0,84$; perpetração $\alpha = 0,73$); e Controle / Monitoramento (vitimização $\alpha = 0,87$; perpetração $\alpha = 0,81$).

Questionário sociodemográfico. Esse foi utilizado para caracterização dos participantes quanto ao sexo, escolaridade, orientação sexual, se está em um relacionamento atual; uso diário do celular e computador; qual região do país que reside.

Procedimentos

Com o consentimento dos autores do questionário original, iniciou-se a tradução e adaptação do QADRA, tomando por base o processo sugerido por Hutz, Bandeira e Trentini (2015). Nesse sentido, inicialmente foi realizada a tradução do inglês (idioma original) para o português por três pesquisadores psicólogos bilíngues que possuíam o domínio fluente do inglês e conheciam em detalhe a escala. Em seguida foram comparados os textos traduzidos, realizando uma segunda uniformização da escala ajustando expressões que poderiam gerar dúvidas. Posteriormente, a versão da escala foi aplicada em um estudo piloto com 20 alunos universitários cuja finalidade foi aferir a compreensão das questões e do vocabulário presente na tradução da escala. Para isso foi solicitado que cada aluno apontassem as possíveis dúvidas ou dificuldades, ao concluir o preenchimento das respostas. Após este procedimento, algumas expressões foram modificadas e deu-se prosseguimento para a aplicação da versão final da escala.

Na sequência, os participantes foram convidados a responderem a um questionário, via formulário eletrônico, pelo recurso do Google Docs. Utilizou-se o compartilhamento do mesmo nas redes sociais e comunidades acadêmicas. Antes de iniciar a pesquisa, o respondente era esclarecido quanto ao objetivo do estudo e orientado sobre o caráter voluntário e confidencial. Caso concordasse em responder, o questionário era disponibilizado ao participante. O tempo de duração média para preenchimento foram de 20 minutos.

Convém destacar que todos os procedimentos empregados no estudo foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba (CAAE: 80433517.4.0000.5188), e seguidas as normas da resolução 466/2012 e 510/2016 do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

Análise de dados

Primeiramente, procurou-se conhecer a adequação da matriz de correlações interitens para realizar uma análise dos componentes principais, utilizando dois indicadores: o critério de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), que deve ser superior a 0,60 para dar suporte à realização desta análise, e o Teste de Esfericidade de Bartlett, cujo valor do qui-quadrado necessita ser estatisticamente significativo (Tabachnick & Fidell, 2013). Posteriormente, a Análise Paralela (AP) com *optimal implementation* foi utilizada para decidir o número de fatores a ser extraído (Timmerman & Lorenzo-Seva, 2011). Foram geradas 500 simulações com as mesmas características da matriz de dados empírica (215 participantes e 20 itens). O fator é retido quando a variância explicada pela AP é superior a variância explicada pela matriz de dados empírica. Em seguida, para cada escala do questionário foi realizada uma análise fatorial exploratória adotando o estimador *Minimum Rank Factor Analysis* (Shapiro & ten Berge, 2002) e rotação ortogonal *Varimax*. Todos estes procedimentos foram executados utilizando o programa Factor 10.3 (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2006). Por fim, a fidedignidade da medida foi estimada através da consistência interna dos itens, utilizando o índice alfa de Cronbach (α). Tal índice foi calculado através do pacote *psych* (Revelle, 2018) no programa R (R Development Core Team, 2011).

Resultados

Tendo em vista que o QADRA é composto por duas escalas (vitimização e perpetração), os resultados serão apresentados individualmente para cada uma delas. Para a escala de vitimização, o Kaiser-Meyer-Olkin (KMO = 0,88) e o teste de esfericidade de Bartlett [χ^2 (190) = 2074,1; $p < 0,001$] indicaram a adequabilidade da medida para proceder com a Análise Fatorial Exploratória (AFE). A escala de

perpetração também demonstrou adequabilidade de sua matriz fatoração através da AFE, tal como observado no valor do KMO (0,83) e do teste de esfericidade de Bartlett [$\chi^2(190) = 1921,4; p < 0,001$]. Em seguida, a AP recomendou a extração de dois fatores em ambas as escalas do questionário, tendo em vista que a variância explicada do terceiro fator da matriz de dados empírica foi inferior a aquela obtida através da média das matrizes de dados randômicas. A Tabela 1 sumariza os resultados para os cinco primeiros fatores.

[Inserir Tabela 1 aproximadamente aqui]

Posteriormente uma nova análise fatorial exploratória foi executada, desta vez fixando o número de fatores a ser extraído em dois. Foi utilizada carga fatorial mínima de 0,40 para que o item fosse retido no fator. Adicionalmente, para manter a equivalência entre as versões da escala, também foram excluídos aqueles itens retidos em apenas uma das escalas do questionário. As cargas fatoriais e os índices de consistência interna da medida são apresentados na Tabela 2.

[Inserir Tabela 2 aproximadamente aqui]

Em relação a escala de vitimização, a AFE revelou uma solução de dois fatores. O primeiro fator explicou 40,0% da variância. Ao analisar o conteúdo dos itens que apresentaram cargas fatoriais acima do ponto de corte para este fator, observou-se que estes itens se referem a comportamentos nos quais o parceiro ou ex-parceiro possuem a intenção de causar dano direto à vítima (e.g. *Meu parceiro ou ex-parceiro espalhou rumores, fofocas e / ou piadas sobre mim usando novas tecnologias com a intenção de me ridicularizar*), desta forma, este fator foi nomeado “Agressão Direta”. Já o segundo fator explicou 11,5% da variância e incluiu itens relacionados ao controle do parceiro ou ex-parceiro ou invasão da privacidade da vítima (e.g. *Meu parceiro ou ex-parceiro inspecionou minhas redes sociais, Whatsapp ou e-mail sem minha permissão*), sendo

nomeado “Controle/Monitoramento”. Com relação à escala de perpetração, a AFE também revelou a estrutura de dois fatores, similares a aqueles encontrados na escala de vitimização. O primeiro fator, “Agressão Direta” explicou 32,6% da variância total, restando seis itens. Tais itens se referem a comportamentos que visam causar dano direto ao parceiro ou ex-parceiro, tais como humilhações e ameaças (e.g. *Eu escrevi um comentário no mural de uma rede social para insultar ou humilhar meu parceiro ou ex-parceiro*). Já o segundo fator explicou 10,7% da variância e reteve oito itens. Este fator incluiu itens que se referem a controlar comportamentos do parceiro ou ex-parceiro (e.g. *Eu controlei as amizades do meu parceiro ou ex-parceiro nas redes sociais*), sendo por este motivo nomeado “Controle/Monitoramento”.

Cabe ressaltar que o item 14 apresentou cargas fatoriais acima do ponto de corte para os dois fatores em ambas as escalas, sendo por este motivo excluído das análises posteriores. Já os itens 2, 3, 8, 10 e 12 atenderam ao critério de inclusão em uma das escalas, mas não na outra. No intuito de manter a equivalência entre as escalas, tais itens também foram excluídos das análises seguintes. Após estas exclusões, foi calculado o alfa de Cronbach para cada fator. Tanto a escala de vitimização (AD $\alpha = 0,78$; C $\alpha = 0,90$) quanto a escala de perpetração (AD $\alpha = 0,80$; C $\alpha = 0,86$) alcançaram índices de consistência interna acima do recomendando na literatura.

Também foram calculadas as prevalências de envolvimento no abuso digital, sendo encontrado para Agressão Direta um percentual de 15,5% para perpetração e 24,7% para vitimização. No que tange à prevalência de Controle / Monitoramento, 89,3% reportaram terem perpetrado tal comportamento, enquanto 81,9%, terem sido vítimas. A seguir buscou-se reunir evidências adicionais de adequação psicométrica da medida, testando o ajuste do modelo encontrado a um novo conjunto de dados, bem como sua validade convergente com outras medidas.

Estudo 2 - Estrutura Fatorial Confirmatória do Questionário do Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos

Este estudo tratou-se de um estudo psicométrico, transversal e teve por finalidade reunir evidências adicionais de validade (fatorial e convergente) e fidedignidade do QADRA em uma nova amostra, a partir da análise fatorial confirmatória (CFA), correlação de *Person* com outras medidas, e Alfa de *Cronbach*.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 248 respondentes, com uma idade média de 27,80 (*DP* = 6,42; variou de 18 a 56 anos), dos quais a maioria eram mulheres (84,3%); heterossexuais (85,9%), com escolaridade correspondente a pós-graduação (52%); e estavam em um relacionamento atual (72,2%). Desses, 58,5% moravam na região Nordeste, 22,2% na região Sudeste, 11,7% na região Sul, 4% na região Centro Oeste, e 3,6% na região Norte. Ademais, a maior parte destacou gastar mais de 6 horas, por dia, na internet (37,5 %) e no celular (33,9%).

Instrumentos

Cyber dating abuse questionnaire - (CDAQ Borrajo et al., 2015a) descrito no estudo 1, não obstante, considerando a distribuição de itens gerada pela análise fatorial exploratória.

Conflict Tactics Scales ou Escala táticas de conflitos revisada (CTS-2) foi validada para o Brasil por Moraes, Hasselmann e Reichenheim (2002) e avalia diferentes táticas de resolução de conflitos adotadas por parceiros íntimos. É composta por pares de itens, distribuídos em 9 fatores: coerção sexual grave, coerção sexual menor, violência física grave, violência física menor, injúria grave, injúria menor, negociação, agressão psicológica grave, agressão psicológica menor. A escala de

resposta da CTS-2 variou de 1 - "*Isso nunca aconteceu*" a 8- "*Mais de 20 vezes, de há um ano para cá*". Os índices de consistência interna da escala foram satisfatórios tanto para o estudo de validação (entre 0,65 e 0,82), quanto para o presente estudo (entre 0,61 a 0,91).

Escala Satisfação global nos relacionamentos foi elaborada por Rusbult (1983) e mede a satisfação geral de um relacionamento. É composta por três itens respondidas no formato Likert de 5 pontos, sendo 1="discordo fortemente" e 5= "concordo fortemente". A versão em português da escala, traduzida e validada por Wachelke, Andrade, Souza e Cruz (2007), indicou um coeficiente alfa de Cronbach de 0,90. Índice semelhante foi alcançado no presente estudo ($\alpha = 0,96$).

Questionário sóciodemográfico. Descrito no estudo 1.

Procedimentos

Seguiu-se o mesmo procedimento de coleta de dados online do estudo 1, no entanto, o tempo de aplicação foi maior, sendo de 20 minutos, tendo em vista que foram adicionadas outras medidas.

Análise de dados

Inicialmente, por meio de análise fatorial confirmatória, testaram-se os modelos de dois fatores para ambas as escalas, tal como observado no Estudo 1. Para tal, foi adotado o estimador *Maximum Likelihood* (ML). Estas análises foram realizadas com o Mplus 6.12 (Muthén & Muthén, 2010). A comprovação do ajuste dos modelos aos dados empíricos levou em conta os seguintes indicadores: o *Comparative Fit Index* (CFI) e *Tukey-Lewis Index* (TLI), considerando valores de 0,90 ou superiores como indicação de ajuste adequado; o *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA), cujo valor deve ser menor do que 0,05, admitindo-se até 0,10 como limite superior de seu intervalo de confiança (IC90%); e o χ^2 (*gl*) ao nível de significância de 0,05. Para

comparação de modelos foi observada a diferença entre os qui-quadrados dos modelos ($\Delta\chi^2$) e o *Consistent Akaike information Criterion (CAIC)*, no qual o modelo mais ajustado apresenta menor índice. A consistência interna dos fatores foi testada a partir do alfa de Cronbach (α), obtido por meio do programa R (R Development Core Team, 2011), utilizando o pacote *psych* (Revelle, 2018), e a confiabilidade composta (*CC*), considerando as saturações padronizadas dos itens, resultantes da análise fatorial confirmatória (Gouveia & Soares, 2015). Posteriormente, para testar a validade convergente, foram utilizados os índices de correlações de Pearson com nível de significância de 95%, calculado através do pacote *Hmisc* (Harrel & Dupont, 2018) também disponível através do programa R.

Resultados

O ajuste inicial do modelo de dois fatores da escala de vitimização apresentou os seguintes índices: $CFI = 0,82$, $TLI = 0,78$, $RMSEA = 0,13$ ($IC90\% = 0,12-0,14$) e $\chi^2 (76) = 392,96$, $p < 0,001$. No entanto, decidiu-se reespecificar o modelo ao observar os Índices de Modificação (IM). Tais índices indicaram que uma variância de erro compartilhada entre os itens 11 (*Meu parceiro ou ex-parceiro inspecionou minhas redes sociais, Whatsapp ou e-mail sem minha permissão*) e 17 (*Meu parceiro ou ex-parceiro verificou meu telefone sem minha permissão*), cujo IM foi de 79,48. Após permitir a covariação destes erros, os dados apresentaram índices mais altos de ajuste ao modelo [$CFI=0,86$, $TLI= 0,83$, $RMSEA = 0,11$ ($IC90\%=0,10-0,12$) e $\chi^2(75) = 310,77$, $p<0,001$], apesar de ainda permanecerem abaixo dos pontos de corte recomendados pela literatura. Para dirimir eventuais dúvidas sobre a estrutura fatorial do modelo, este foi comparado a um modelo contando com todos os itens saturando em um único fator. Os resultados mostraram que o modelo de dois fatores apresentou melhor ajuste aos dados [$\Delta\chi^2 (1) =$

122,74, $p < 0,001$, $AIC(\text{modelo de dois fatores}) = 9518,03$, $AIC(\text{modelo unifatorial}) = 9638,77$].

Em relação à escala de Perpetração, o ajuste inicial do modelo de dois fatores apresentou os seguintes índices de ajuste: $CFI = 0,79$, $TLI = 0,71$, $RMSEA = 0,11$ ($IC90\% = 0,10-0,12$) e $\chi^2(76) = 315,70$, $p < 0,001$. Nesta escala, também foi observado que os itens 11 (*Eu inspecionei as redes sociais, o Whatsapp ou o email do meu parceiro sem a permissão dele/dela*) e 17 (*Eu inspecionei o celular do meu parceiro ou ex-parceiro sem a permissão dele*) apresentaram IM de 85,28. Portanto, decidiu-se reespecificar o modelo para permitir a covariação entre os erros dos itens mencionados. Após este procedimento, os dados apresentaram índices mais altos de ajuste ao modelo [$CFI=0,85$, $TLI= 0,82$, $RMSEA = 0,09$ ($IC90\%=0,08-0,11$) e $\chi^2(75) = 244,22$, $p<0,001$], mas de maneira similar à escala de vitimização, também não alcançaram os pontos de corte recomendados pela literatura. Para dirimir eventuais dúvidas sobre a estrutura fatorial do modelo, este foi comparado a um modelo contando com todos os itens saturando em um único fator. O modelo de dois fatores apresentou melhor ajuste aos dados [$\Delta\chi^2(1) = 112,62$, $AIC(\text{modelo bifatorial}) = 8302,96$, $AIC(\text{modelo unifatorial}) = 8413,58$]. A Figura 1 apresenta os modelos para ambas as escalas com as respectivas saturações para cada item.

[Inserir figura 1 aqui]

Todas as saturações foram positivas e diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $p < 0,001$). Na escala de vitimização, o fator Agressão Direta teve saturações variando entre 0,35 e 0,69, apresentando alfa de Cronbach de 0,71 e uma CC de 0,71. Por sua vez, no fator Controle/Monitoramento as saturações variaram de 0,58 a 0,81, resultando em α de 0,92 e CC de 0,91. Já na escala de perpetração, o fator Agressão Direta teve saturações variando entre 0,16 e 0,77, apresentando alfa de Cronbach de 0,67 e CC de 0,69. Por

sua vez, no fator Controle/Monitoramento as saturações variaram de 0,33 a 0,74, resultando em α de 0,84 e CC de 0,83.

Com o intuito de conhecer a validade convergente do QADRA com a Escala Táticas de Conflitos e a Escala de Satisfação global nos relacionamentos, analisou-se a correlação entre esses instrumentos. Para vitimização, verificaram-se que o fator Agressão Direta se correlacionou positivamente com as dimensões da CTS2: coerção sexual ($r = 0,37$); agressão psicológica ($r = 0,51$); agressão física ($r = 0,36$); injúria ($r = 0,22$); e negativamente com a satisfação global nos relacionamentos ($r = -0,48$), todas com $p < 0,01$. Quanto ao fator Controle/ Monitoramento, apresentou correlação positiva com as dimensões da CTS2: coerção sexual ($r = 0,20$); agressão psicológica ($r = 0,36$); agressão física ($r = 0,27$); injúria ($r = 0,17$); e negativamente com a satisfação global nos relacionamentos ($r = -0,28$), todas com $p < 0,01$.

Por sua vez, para perpetração verificaram-se que o fator Agressão Direta se correlacionou positivamente com as dimensões da CTS2: coerção sexual ($r = 0,29$); agressão psicológica ($r = 0,57$); agressão física ($r = 0,43$); injúria ($r = 0,31$); e negativamente com a satisfação global nos relacionamentos ($r = -0,36$), todas com $p < 0,01$. Quanto ao fator Controle / Monitoramento, apresentou correlação positiva com as dimensões da CTS2: coerção sexual ($r = 0,42$); agressão psicológica ($r = 0,42$); agressão física ($r = 0,36$); injúria ($r = 0,37$); e negativamente com a satisfação global nos relacionamentos ($r = -0,30$), todas com $p < 0,01$.

Por fim, foram analisadas as frequências dos abusos cibernéticos da amostra do presente estudo, sendo verificado uma prevalência de 18,5% para os participantes que indicaram ter perpetrado Agressão Direta; e 24,6% que indicaram terem sido vítimas de Agressão Direta. Quanto a prevalência de Controle / Monitoramento, encontrou-se um índice de 83,5% para perpetradores e 80,2% para vítimas.

Discussão

Considerando o objetivo do presente estudo que foi conhecer as propriedades psicométricas do Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos (QADRA) no contexto brasileira, avalia-se que o mesmo tenha sido alcançado. No que concerne à estrutura fatorial do QADRA, o estudo 1, por meio da análise fatorial exploratória, confirmou a hipótese do estudo a qual postulou que o QADRA seria formado por duas dimensões, assim como apontado no estudo original (Borrajó et al., 2015), sugerindo que essa medida apresenta validade de construto, posto que os fatores observados se coadunam com o esperado (Pacico & Hutz, 2015). Muito embora tenha emergido dois fatores consistente aos encontrados por Borrajó et al., (2015), no presente estudo tais dimensões retiveram menos itens; sendo excluídos o item 14 por apresentar cargas fatoriais acima do ponto de corte; e os itens 2, 3, 8, 10 e 12 por não atender ao critério apenas em uma das duas escalas.

Ainda acerca da dimensionalidade do QADRA, a estrutura de dois fatores foi suportada no estudo 2, através do emprego da análise fatorial confirmatória, em que foram verificados índices que se aproximam dos desejáveis (por exemplo, CFI>.90; TLI>.90 e RMSEA<.08; Byrne, 2010). Mesmo que tais índices não sejam os melhores, deve-se ponderar que esses não são estáticos (Brown, 2006), variando de acordo com o modelo (Hu & Bentler, 1999). Além disso, não se pode deixar de destacar que embora todo rigor na tradução e retrotradução, conforme procedimentos indicados por Hutz et al. (2015), aspectos concernentes a cultura podem ter influenciado a maneira como o fenômeno ora estudado é compreendido. Ou seja, a forma como as pessoas compreendem os itens pode não ser invariável.

No que diz respeito à consistência interna do estudo 1 e 2, verificam-se alfas de Cronbach (entre 0,67 e 0,92) similares aos encontrados pelo estudo original (entre 0,73 e 0,87; Borrajo et al., 2015a), apontando para bons índices de precisão (Kline, 2013); e uma satisfatória confiabilidade composta, no estudo 2 (Gouveia & Soares, 2015). Tais achados convergem para segunda hipótese do presente estudo, bem como apresentam valores parecidos, ou superiores, aos de outras medidas que avaliam o ADRA (entre 0,71 e 0,85; Hamby, 2013; Sánchez et al., 2015).

A validade convergente do QADRA com as dimensões da CTS2 revelou, em geral, correlações positivas e estatisticamente significativas (entre 0,17 e 0,57) que estão de acordo com investigações prévias (Borrajo et al., 2015a; Watkins et al., 2016; Wolford-Clevenger et al. 2016; Zweig et al., 2013). Ou seja, vítimas e agressores de abuso digital tendem a serem alvos e perpetradores da violência tradicional na forma psicológica, física, sexual, injúria. Acerca disso, estudos tem demonstrado que a forma cibernética pode se apresentar como uma possível variável precursora ou de continuação da agressão presencial (Marganski & Melander, 2015; Melander, 2010). Dos tipos de agressões presenciais, a psicológica foi a que apresentou maior associação com o abuso digital (entre 0,36 e 0,57) assim como também é reportado no estudo de Borrajo et al., (2015a) (entre 0,28 e 0,47) e em estudos anteriores (Marganski & Melander, 2015; Watkins et al., 2016), corroborando a concepção de alguns autores de que o ADRA e o abuso psicológico entre casais são formas de agressões que se sobrepõem (Melander, 2010; Schnurr et al., 2013).

Do mesmo modo, corroborando a terceira hipótese do estudo, quanto à validade convergente do QADRA com a escala de satisfação global nos relacionamentos, são encontradas associações negativas que variaram de 0,28 a 0,48, o que estão de acordo com dados de pesquisas que sugerem que perpetradores e vítimas de abuso digital

tendem a apresentar uma menor satisfação nos relacionamentos (Borrajo et al., 2015a; Watkins et al., 2016; Paiva, Pimentel, & Moura, 2017). Esses dados permitem afirmar que os participantes envolvidos em violência digital apresentam uma avaliação negativa da satisfação nos relacionamentos. A satisfação nos relacionamentos vem sendo apontada como característica central nas relações amorosas, podendo interferir de maneira significativa na vida daqueles que se envolvem, podendo ocasionar implicações negativas no bem estar e satisfação com a vida, sono, saúde mental (Neves & Duarte, 2015; Scorsolini-Comin & Santos, 2010, Troxel et al., 2017).

Finalmente no que tange a prevalência de envolvimento no ADRA, verificou-se índices superiores ao do estudo original (Borrajo et al., 2015a), uma vez que, enquanto no estudo original as taxas de perpetração variaram de 10 a 82%; na presente pesquisa variaram de 15,5% a 89,3%; no que tange à vitimização, enquanto o estudo original apontou índices entre 14% e 75%; o presente estudo encontrou taxas entre 24,6% a 81,9%. Essas altas prevalências corroboram a quarta hipótese da presente pesquisa, alertando ser o ADRA um comportamento comum entre casais, sobretudo no que tange ao Controle / Monitoramento (Caridade & Braga, 2019; Van Ouytsel et al., 2017c; Zweig et al., 2013).

Embora importantes achados, o presente estudo conta com limitações, em primeiro lugar, cita-se a falta de representatividade da amostra (não probabilística), sendo a mesma recrutada via online, podendo ter atraído pessoas de maior interesse no tema, não refletindo a composição real da população e tamanho amostral. Somado a isso, a amostra é composta majoritariamente por mulheres, não obstante, essa limitação também é destacada no estudo original de elaboração do QADRA (Borrajo et al., 2015a).

Em segundo, por se tratar de um instrumento de auto relato, relacionado a violência, pode ter havido um viés da desejabilidade social que influencia os participantes a responderem de forma tendenciosa (Stöber, 2001), necessitando assim de um maior controle dessa variável. Diante disso, é recomendável que estudos futuros superem tais lacunas, utilizando-se de outras amostras (por exemplo: adolescentes); bem como, aprimorem o QDRA, verificando diferentes parâmetros psicométricos como: estabilidade temporal (teste-reteste), validade discriminante, critério e preditiva, invariância fatorial.

Contudo, estes aspectos não minimiza a colaboração do presente estudo, confiando-se oferecer uma contribuição relevante ao dispor para o contexto brasileiro a adaptação de uma primeira medida, com qualidades psicométricas satisfatórias, que avalie o ADRA evidenciando um fenômeno emergente. Além disso, a disponibilização desse instrumento pode ser útil para o contexto de pesquisas e intervenções em torno de temas correlatos como: VPI, satisfação nos relacionamentos; e outras agressões cibernéticas (*cyberbullying*, *cyberstalking*, *sexting*). Ademais, tanto para programas preventivos quanto para prática clínica junto a situações de abuso *online*, esse instrumento pode servir como um meio de identificação de casos de violência, ora não verificados por medidas que mensuram a violência presencial.

Referências

- Behnken, M. P., Duan, Y., Temple, J. R., & Wu, Z. H. (2018). Injury and psychiatric disorder in low-income women experiencing bidirectional intimate partner violence. *Violence and Victims*, 33(2), 259-274. doi: 10.1891/0886-6708.VV-D-15-00066.
- Borrajó, E., Gámez-Guadix, M., Pereda, N., & Calvete, E. (2015a). The development and validation of the cyber dating abuse questionnaire among young couples. *Computers in Human Behavior*, 48, 358-365. doi: 10.1016/j.chb.2015.01.063
- Borrajó, E., Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2015b). Cyber dating abuse: Prevalence, context, and relationship with offline dating aggression. *Psychological Reports*, 116(2), 565-585. doi: 10.2466/21.16.PR0.116k22w4
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York: Guilford Press.
- Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modeling with Amos: Basic concepts, applications, and programming*. New York: Routledge.
- Caridade, S. M., & Braga, T. (2019). Versão portuguesa do Cyber Dating Abuse Questionnaire (CDAQ)-Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN): Adaptação e propriedades psicométricas. *Análise Psicológica*, 37(1), 93-105. doi: 10.14417/ap.1543.
- Cava, M. J., & Buelga, S. (2018). Propiedades psicométricas de la escala de ciber-violencia en parejas adolescentes (Cib-VPA). *Suma Psicológica*, 25(1), 51-61. Doi: 0.14349/sumapsi.2018.v25.n1.

- Cavalcanti, J. G. & Coutinho, M .P. L. (no prelo). Abuso digital nos relacionamentos amorosos: uma revisão sobre prevalência, instrumentos de avaliação e fatores de risco *Avances en Psicología Latinoamericana*.
- Deans, H., & Bhogal, M. S. (2017). Perpetrating Cyber Dating Abuse: A Brief Report on the Role of Aggression, Romantic Jealousy and Gender. *Current Psychology*, 1-6. doi: 10.1007/s12144-017-9715-4.
- Durán, M., & Martínez-Pecino, R. (2015). Ciberacoso mediante teléfono móvil e Internet en las relaciones de noviazgo entre jóvenes. *Comunicar*, 22(44), 159-167. doi: 10.3916/C44-2015-17.
- Flach, R. M. D., & Deslandes, S. F. (2017). Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. *Cadernos de Saúde Pública*, 33(7), e00138516. doi: 10.1590/0102-311X00138516.
- Gouveia, V. V. & Soares, A. K. S. (2015). Calculadora de validade de construto CVC, João Pessoa, PB: BNCS/ Universidade Federal da Paraíba. Retrieved from <http://akssoares.com/psicometria/calculadora-vme-e-cc>
- Hancock, K., Keast, H., & Ellis, W. (2017). The impact of cyber dating abuse on self-esteem: The mediating role of emotional distress. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 11(2).doi: 10.5817/CP2017-2-2
- Harrell, F. E., & Dupont, C. (2018). *Hmisc: harrell miscellaneous* (Version 4.1.1) [Computer software]. Retrieved from <https://cran.r-project.org/web/packages/Hmisc/Hmisc.pdf>
- Hu, L-T., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, 6, 1–55. doi: [10.1080/10705519909540118](https://doi.org/10.1080/10705519909540118)

- Hutz, C. S., Bandeira, D. R., & Trentini, C. M. (2015). *Psicometria*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Kline, P. (2013). *Handbook of Psychological Testing*. London: Routledge.
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2006). FACTOR: A computer program to fit the exploratory factor analysis model. *Behavior Research Methods*, 38, 88-91. doi: 10.3758/BF03192753
- Marganski, A., & Melander, L. (2015). Intimate partner violence victimization in the cyber and real world: examining the extent of cyber aggression experiences and its association with in-person dating violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-25. doi: 10.1177/0886260515614283.
- Melander, L. A. (2010). College students' perceptions of intimate partner cyber harassment. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 13(3), 263-268. doi: 10.1089=cyber.2009.0221.
- Moraes, C. L. D., Oliveira, A. G., Reichenheim, M. E., Gama, S. G. N. D., & Leal, M. D. C. (2017). Prevalência de violência física entre parceiros íntimos nos primeiros seis meses após o parto no Município do Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saude Publica*, 33, e00141116. doi: 10.1590/0102-311X00141116 .
- Moraes, C. L., Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento "Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)" utilizado para identificar violência entre casais. *Cadernos de Saúde Pública*, 18(1), 163-76. doi: 10.1590/S0102-311X2002000100017
- Muthén, L. K., & Muthén, B. O. (2010). *Mplus: The comprehensive modeling program for applied research* (6th ed.). Los Angeles, CA: Muthén&Muthén.

- Neves, A., & Duarte, C. (2015). Sintomas depressivos, resolução de conflitos e satisfação conjugal em indivíduos num relacionamento. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 16(3), 331-344. doi: 10.15309/15psd160305.
- Paiva, T. T., Pimentel, C. E., & Moura, G. B. D. (2017). Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 10(2), 215-227. Retrieved from https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=violencia+satisfa%C3%A7%C3%A3o+auto+estima+conjugal&btnG=
- Pacico, J.C. & Hutz, C.S. (2015). Validade. In C.S.Hutz, D.R.Bandeira & C.M.Trentini (Orgs.), *Psicometria* (pp. 71-84). Porto Alegre: ArtMed.
- R Development Core Team. (2011). *R: A language and environment for statistical computing*. Vienna, Austria: R Foundation for Statistical Computing.
- Reed, L. A., Tolman, R. M., & Ward, L. M. (2017). Gender matters: Experiences and consequences of digital dating abuse victimization in adolescent dating relationships. *Journal of Adolescence*, 59, 79-89. doi: /10.1016/j.adolescence.2017.05.015.
- Revelle, W. R. (2018). *Psych: Procedures for personality and psychological research* (Version 1.8.4) [Computer software]. Retrieved from <https://cran.r-project.org/web/packages/psych/psych.pdf>.
- Rusbult, C. E. (1983). A longitudinal test of the investment model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvements. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45(1), 101-117. doi: 10.1037/0022-3514.45.1.101

- Runions, K., Shapka, J. D., Dooley, J., & Modecki, K. (2013). Cyber-aggression and victimization and social information processing: Integrating the medium and the message. *Psychology of Violence*, 3(1), 9-26. doi: 10.1037/a0030511.
- Sánchez, V., Muñoz-Fernández, N., & Ortega-Ruiz, R. (2015). “Cyberdating Q_A”: An instrument to assess the quality of adolescent dating relationships in social networks. *Computers in Human Behavior*, 48, 78-86. doi: 10.1016/j.chb.2015.01.006.
- Shapiro, A., & Ten Berge, J. M. (2002). Statistical inference of minimum rank factor analysis. *Psychometrika*, 67, 79-94. doi: 10.1007/BF02294710
- Schnurr, M. P., Mahatmya, D., & Basche, R. A. III. (2013). The role of dominance, cyber aggression perpetration, and gender on emerging adults' perpetration of intimate partner violence. *Psychology of Violence*, 3(1), 70-83. doi:10.1037/a0030601
- Scorsolini-Comin, F., & dos Santos, M. A. (2010). Satisfação com a vida e satisfação diádica: correlações entre construtos de bem-estar. *Psico-USF*, 15(2), 249-256. <https://www.redalyc.org/pdf/4010/401036080012.pdf>
- Smith-Darden, J. P., Kernsmith, P. D., Victor, B. G., & Lathrop, R. A. (2017). Electronic displays of aggression in teen dating relationships: Does the social ecology matter?. *Computers in Human Behavior*, 67, 33-40. doi: 10.1016/j.chb.2016.10.015
- Smith, K., Cénat, J. M., Lapierre, A., Dion, J., Hébert, M., & Côté, K. (2018). Cyber dating violence: Prevalence and correlates among high school students from small urban areas in Quebec. *Journal of Affective Disorders*, 234, 220-223.

- Stöber, J. (2001). The Social Desirability Scale-17 (SDS-17): Convergent validity, discriminant validity, and relationship with age. *European Journal of Psychological Assessment, 17*(3), 222-232. doi: 10.1027//1015-5759.17.3.222
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using multivariate statistics* (6th ed.). Boston, MA: Allyn and Bacon.
- Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality assessment of ordered polytomous items with parallel analysis. *Psychological Methods, 16*(2), 209-220. doi: 10.1037/a0023353
- Troxel, W. M., Braithwaite, S. R., Sandberg, J. G., & Holt-Lunstad, J. (2017). Does improving marital quality improve sleep? Results from a marital therapy trial. *Behavioral Sleep Medicine, 15*(4), 330-343. doi: 10.1080/15402002.2015.1133420
- Van Ouytsel, J., Ponnet, K., & Walrave, M. (2016). Cyber dating abuse victimization among secondary school students from a lifestyle-routine activities theory perspective. *Journal of Interpersonal Violence, 31*(16), 0886260516629390. doi: 10.1177/0886260516629390.
- Wachelke, J. R., De Andrade, A. L., Souza, A. M., & Cruz, R. M. (2007). Estudo complementar da validade fatorial da Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamento e predição de satisfação global com a relação. *Psico-USF, 12* (2), 221-225. doi: 10.1590/S1413-82712007000200010.
- Watkins, L. E., Maldonado, R. C., & DiLillo, D. (2016). The Cyber Aggression in Relationships Scale: a new multidimensional measure of technology-based intimate partner aggression. *Assessment, 21*(1), 1073191116665696. doi: 10.1177/1073191116665696

- Wolford-Clevenger, C., Zapor, H., Brasfield, H., Febres, J., Elmquist, J., Brem, M., ... & Stuart, G. L. (2016). An examination of the Partner Cyber Abuse Questionnaire in a college student sample. *Psychology of Violence*, 6(1): 156–162. doi:10.1037/a0039442.
- Zweig, J. M., Dank, M., Yahner, J., & Lachman, P. (2013). The rate of cyber dating abuse among teens and how it relates to other forms of teen dating violence. *Journal of Youth and Adolescence*, 42(7), 1063-1077. doi: 10.1007/s10964-013-9922-8.

Tabela 1.
Análise paralela da Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos (N=215)

	Vitimização		Perpetração	
	Variância explicada na matriz empírica (%)	Variância explicada pela AP (%)	Variância explicada na matriz empírica (%)	Variância explicada pela AP (%)
1*	40,0	10,3	32,6	10,3
2*	11,5	9,4	10,7	9,4
3	7,1	8,8	8,3	8,7
4	6,4	8,2	6,6	8,1
5	5,8	7,7	6,0	7,6

*Fator retido

Tabela 2.

Estrutura Fatorial Exploratória do Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos (N=215)

	vitimização		perpetração	
	Agressão Direta	Controle/ Monitoramento	Agressão Direta	Controle/ Monitoramento
item 18	0,70*	-0,08	0,60*	-0,03
item 6	0,65*	-0,03	0,55*	0,16
item 4	0,60*	0,23	0,80*	0,03
item 15	0,59*	0,11	0,62*	0,31
item 16	0,57*	0,22	0,68*	0,06
item 9	0,55*	0,39	0,62*	0,30
item 11	0,16	0,82*	0,01	0,86*
item 5	0,18	0,79*	0,12	0,69*
item 20	0,30	0,77*	0,21	0,77*
item 17	0,21	0,77*	0,09	0,84*
item 19	0,39	0,68*	0,32	0,56*
item 1	0,31	0,63*	0,28	0,56*
item 13	0,36	0,57*	0,34	0,51*
item 7	0,21	0,47*	0,21	0,44*
item 2	0,29	0,45	0,28	0,37
item 3	0,18	0,15	0,43	0,25
item 8	0,49	0,13	0,20	0,17
item 10	0,59	0,51	0,54	0,32
item 12	0,53	-0,17	-0,04	0,01
item 14	0,52	0,43	0,50	0,42

* item retido no fator

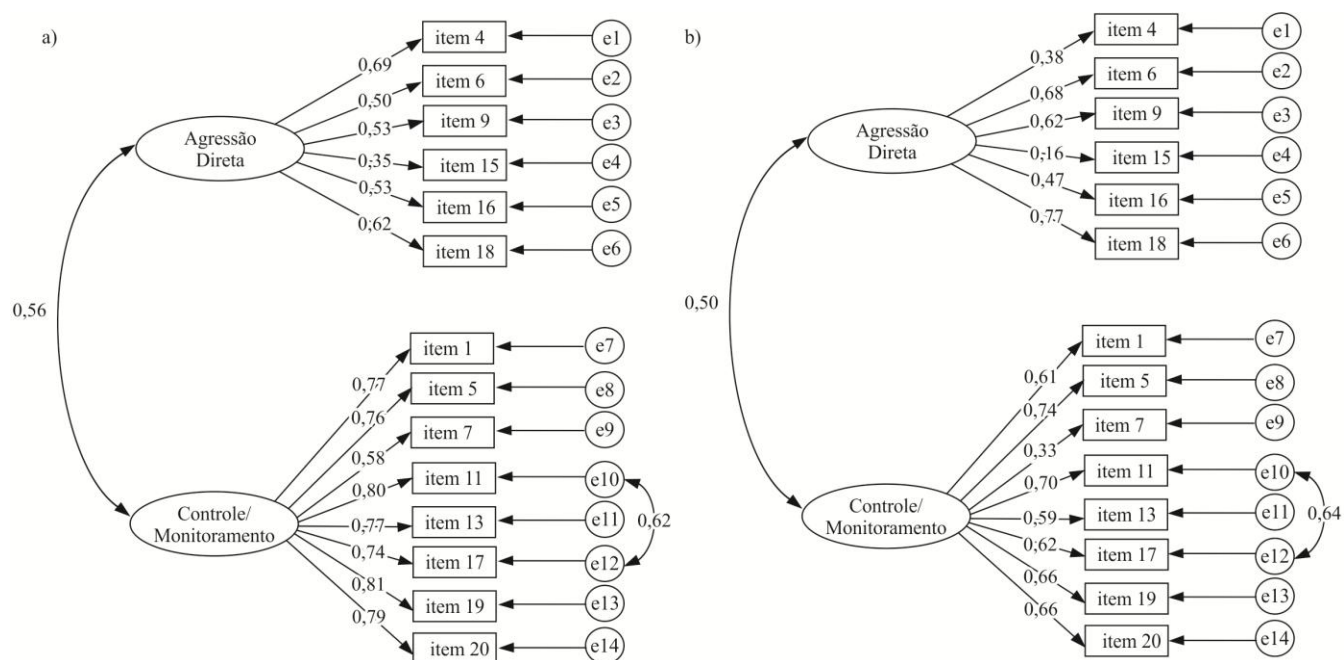


Figura 1. *Estrutura Fatorial Confirmatória do Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos (N=248)*

Nota. a) escala de vitimização; b) escala de perpetração.

**CAPITULO VII. ARTIGO 4: ABUSO DIGITAL NOS RELACIONAMENTOS
AMOROSOS: UMA EXPLICAÇÃO DO MODELO GERAL DA AGRESSÃO**

ABUSO DIGITAL NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS: UMA EXPLICAÇÃO DO MODELO GERAL DA AGRESSÃO

Resumo: O presente estudo objetivou conhecer os efeitos diretos e indiretos da personalidade e violência tradicional entre parceiros íntimos no abuso digital nos relacionamentos amorosos, tomando por base o Modelo Geral da Agressão. Para isso, contou-se com uma amostra de 356 participantes, com uma idade média de 27,05 (DP= 6,99). Os principais resultados mostraram efeitos diretos do neuroticismo (+) e da Violência Psicológica (+) no Controle/Monitoramento; efeitos diretos da *Violência Física* (+) e *Violência Psicológica* (+) na *Agressão Direta*. Verificaram-se, por outro lado, efeitos indiretos do Neuroticismo (+), *Violência Física* (+) e *Violência Psicológica* (+) no Controle/Monitoramento mediado pelo ciúme. Tais achados indicam que traços neuróticos em conjunto com o envolvimento em perpetração em violência tradicional entre parceiros íntimos (física e psicológica) aumentam o ciúme romântico influenciando, por sua vez, no aumento de comportamentos de controle e monitoramento entre parceiros.

Palavras chave: Abuso Digital; Modelo Geral da Agressão; Agressor; Vítima

Abstract: The present study aimed to know the direct and indirect effects of personality and traditional violence among intimate partners in digital abuse in love relationships, based on the General Aggression Model. For this, a sample of 356 participants was included, with a mean age of 27.05 (SD = 6.99). The main results showed direct effects of neuroticism (+) and Psychological Violence (+) in Control / Monitoring; direct effects of Physical Violence (+) and Psychological Violence (+) in Direct Aggression. On the other hand, indirect effects of Neuroticism (+), Physical Violence (+) and Psychological Violence (+) in Control / Monitoring mediated by jealousy were observed. These findings indicate that neurotic traits in interaction with involvement in violence perpetration between intimate partners (physical and psychological) increase romantic jealousy, influencing, in turn, the increase of control and monitoring behaviors between partners.

Keywords: Digital Abuse; General Model of Aggression; Aggressor; Victim

Resumen: El presente estudio tuvo como objetivo conocer los efectos directos e indirectos de la personalidad y la violencia tradicional entre las parejas íntimas en el abuso digital en las relaciones de amor, basado en el Modelo de Agresión General. Para ello, se incluyó una muestra de 356 participantes, con una edad media de 27,05 (DE = 6,99). Los principales resultados mostraron efectos directos del neuroticismo (+) y la violencia psicológica (+) en el control / monitoreo; Efectos directos de la violencia física (+) y la violencia psicológica (+) en la agresión directa. Por otro lado, se observaron efectos indirectos del neuroticismo (+), la violencia física (+) y la violencia psicológica (+) en el control / monitoreo mediado por los celos. Estos hallazgos indican que los rasgos neuróticos en interacción con la participación en la violencia perpetración entre las parejas íntimas (físicas y psicológicas) aumentan los celos románticos, influyendo, a su vez, en el aumento del control y el monitoreo de las conductas entre las parejas.

Palabras clave: Abuso digital; Modelo general de agresión; El agresor Víctima

Introdução

Com o avanço da tecnologia, uma nova forma de agressão entre parceiros íntimos tem emergido, o abuso digital nos relacionamentos amorosos (ADRA), ou seja, ações agressivas com intenção de ferir ou controlar o (ex)parceiro por meio eletrônico (Borrajo et al., 2015a; Flach & Deslanches, 2017; Van Ouytsel et al., 2016). Tal fenômeno vem despertando a atenção de pesquisadores em virtude do número crescente de envolvimento de jovens, bem como, das implicações negativas associadas a ele.

No que tange a prevalência, estimá-la não é uma tarefa simples uma vez que se encontra uma ampla variação de índices, que pode ser atribuída à falta de consenso no que concerne a definição desse construto. Não obstante, assume-se que o ADRA é um comportamento comum entre casais (Cavalcanti & Coutinho, 2019), sendo apontadas taxas significativas nos EUA (entre 34,6% a 53,8% -vitimização, entre 16,9% a 53,8% -perpetração; Reed, Tolman & Ward, 2017), no Canadá (35,6%-vitimização, 33% -perpetração, Smith et al., 2018); na Espanha (entre 14% a 75% - vitimização, entre 10,6% a 82%-perpetração, Borrajo et al., 2015); no México (entre 75% a 97% -perpetração, Sanchez et al., 2015); na Bélgica (17,8% - perpetração, Van Ouytsel et al., 2017a; 65%-vitimização, Van Ouytsel et al., 2017b); e no Brasil (entre 15% a 89% - vitimização, entre 10 a 82%-perpetração; Cavalcanti, Coutinho, Nascimento & Pinto, no *prelo*).

A experiência no ADRA tem sido associada a uma série de implicações negativas, incluindo: distúrbios no sono, sintomas depressivos e ansiosos, ideação suicida, envolvimento em comportamentos delinquentes, baixo rendimento escolar; piores índices de satisfação com relacionamentos; baixa auto estima e sofrimento emocional (Flach & Deslanches, 2017; Hancock et al., 2017; Smith et al., 2018).

Frente a esse contexto, pesquisas tem sido desenvolvidas a fim de conhecer variáveis que podem anteceder o ADRA e, por sua vez, contribuir para minimização desse fenômeno. Acerca disso, Cavalcanti e Coutinho (2019), em sua revisão, destacam que o ADRA emerge como um fenômeno psicossocial complexo, atravessado por fatores de diversas ordens (sociodemográficas; relativas ao relacionamento; familiares, psicológicas, relacionadas às percepções, normas e crenças).

Neste sentido, contar com uma base teórica pode ser fundamental para conhecer de que forma esses fatores podem explicar o ADRA, bem como, para fornecer caminhos para avaliação e intervenções eficazes. Embora alguns pesquisadores tenham explorado teorias e modelos que expliquem o ADRA, a exemplo da Teoria da Aprendizagem Social (Ouytsel et al., 2017d), a Teoria do Apego (Sanchez, Guevara-Martínez & Rojas-Solís 2015), e a Teoria das Atividades de Rotina do Estilo de Vida (Ouytsel, et al., 2016), ainda não se encontra uma teoria coesa, que integre distintos fatores, na explicação do abuso digital.

Dessa forma, o Modelo Geral da Agressão (MGA) se apresenta como uma teoria pertinente para explicar o ADRA, uma vez que integra teorias anteriores sobre o comportamento agressivo, bem como, oferece uma explicação para agressão tomando por base múltiplos aspectos. Além disso, ela tem sido amplamente utilizada internacionalmente, apresentado-se útil para explicação da agressão em distintos contextos: entre parceiros íntimos, intergrupar, mídia, competição sexual, na violência associada ao clima global (Allen & Anderson, 2017). Neste sentido, a presente investigação busca contribuir para as pesquisas da área, testando empiricamente o GAM no contexto do ADRA.

Modelo Geral da Agressão e Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos

O Modelo Geral da Agressão (MGA), proposto por Anderson e Bushman (2002), resultou de um esforço empreendido com vistas a integrar teorias existentes acerca da agressão, tais como: Teoria da Aprendizagem Social de Bandura (1977); Cognitivismo Neo-Associacionista de Berkowitz (1993) e Interacionismo Social de Tedeschi e Felson (1994), portanto se apresentando como uma teoria integradora.

O GAM adota uma abordagem dinâmica e episódica para explicar a agressão que se direciona para a "pessoa na situação" (episódio), de modo que tal episódio centra-se em três etapas. A primeira etapa (*inputs*) enfatiza aspectos referentes ao sujeito (fatores pessoais), e referentes à situação (fatores situacionais). A segunda etapa se concentra em como as variáveis de entrada (*inputs*) influenciam o estado interno atual do indivíduo (cognição, afeto e excitação). Finalmente a terceira etapa diz respeito a como esse estado interno presente influencia os processos de avaliação e decisão (Allen & Anderson, 2017; Anderson & Bushman, 2002). Essa ação então influencia novamente os fatores pessoais e situacionais repetindo o processo.

No que tange aos fatores pessoais, esses se referem a qualquer característica individual que uma pessoa traz para a situação, tais como traços de personalidade, crenças, valores, atitudes e predisposições genéticas. Neste sentido, é possível encontrar algumas evidências empíricas da influência de fatores pessoais no ADRA, que inclui: idade (Borrajó et al 2015a; Crane et al., 2018; Smith et al., 2018; Watkins et al., 2016), auto estima e empatia (Smith et al., 2018; Ramos et al, 2017); Mitos sobre o amor romântico (Borrajó et al., 2015b).

No que concerne a fatores situacionais, ou seja, características de uma situação, como presença de uma provocação ou uma sugestão agressiva, também são encontradas algumas variáveis na literatura como precursoras do ADRA. São elas: *uso de substâncias* (Van Ouytsel et al., 2016; Watkins et al., 2016), *Cyberbullying/ Bullying*

(Borrajo et al., 2015c; Machimbarrena et al., 2018; Peskin et al., 2017; Van Ouytsel et al., 2017b), violência tradicional entre parceiros íntimos (Borrajo et al., 2015a; Borrajo et al., 2015c; Cava & Buelga, 2018; Marganski & Melander, 2015; Morelli et al., 2017;), comportamentos de controle intrusivos pelo pai e exposição a um contexto familiar agressivo (Van Ouytsel et al., 2017d; Ramos et al., 2017).

Quanto as rotas de entrada, essas dizem respeito as variáveis que influenciam o estado interno e na tomada de decisão, que podem ser originadas na cognição, no afeto e na excitação. No contexto do ADRA algumas evidências acerca dessas rotas de entrada que podem influenciar a cometer o ADRA por exemplo: raiva (Deans & Bhogal, 2017; Watkins et al., 2016; Zweig et al. 2013b); ciúme (Deans & Bhogal, 2017; Watkins et al., 2016); sintomas depressivos e ansiosos (Machimbarrena et al., 2018; Wolford-Clevenger et al. 2016; Zweig et al., 2013b); hostilidade (Deans & Bhogal, 2017; Watkins et al., 2016; Zweig et al. 2013b)

O presente estudo

O presente estudo objetivou verificar os efeitos diretos e indiretos da personalidade e violência tradicional entre parceiros íntimos no abuso digital nos relacionamentos amorosos, tomando por base o Modelo Geral da Agressão. De forma específica, buscou-se delinear dois modelos baseados no MGA: (a) um para explicar a vitimização e; (b) outro para explicar a perpetração.

No que tange ao modelo de perpetração, buscou-se compreender os efeitos dos traços da personalidade (fatores pessoais - big 5 e tríade sombria) e da perpetração violência tradicional entre parceiros íntimos (variável situacional - violência física e psicológica) no comportamento de perpetrar o abuso digital nos relacionamentos amorosos (resultados), através do ciúme (rota afetiva), conforme Figura 1.

INSERIR FIGURA 1

Para esse modelo, delineou-se as seguintes hipóteses, a saber: serão verificados (1) efeitos diretos do neuroticismo, da psicopatia, do maquiavelismo, do narcisismo na perpetração do ADRA, e (2) no ciúme; (3) efeitos diretos da violência tradicional física e psicológica na perpetração do ADRA, e (4) no ciúme; e (5) efeitos da personalidade e violência entre parceiros íntimos no ADRA.

Quanto a vitimização do ADRA, buscou-se compreender os efeitos dos traços da personalidade (fatores pessoais - big 5) e da vitimização de violência tradicional entre parceiros íntimos (variável situacional - violência física e psicológica) no comportamento de vitimização do abuso digital nos relacionamentos amorosos (resultados), através afetos negativos (rota afetiva). Este modelo pode ser melhor visualizado na Figura 2

INSERIR FIGURA 2

Tomando por base esse modelo, hipotetiza-se que: serão verificados (1) efeitos diretos do neuroticismo e da abertura na vitimização do ADRA, e (2) nos afetos negativos; (3) efeitos diretos da violência tradicional física e psicológica na vitmização do ADRA; (4) afetos negativos; (5) e efeitos indiretos dos traços de personalidade e violência entre parceiros íntimos no ADRA.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 356 participantes, com uma idade média de 27,05 (DP= 6,99), sendo a maioria mulheres (84,6%); heterossexuais (83,3%), com escolaridade correspondente a pós-graduação (42,4%); e que estavam em um relacionamento atual (71,1%). Desses, 73,7% moravam na região Nordeste, 13,6% na

região Sudeste, 5,7% na região Sul, 5,3% na região Norte, e 1,8% na região Centro Oeste. Ademais, a maior parte da amostra assumiu gastar mais de 6 horas, por dia, na internet (36,8%), e no celular (26,1%).

Instrumentos

Para o desenvolvimento desse estudo foram utilizados os seguintes instrumentos:

O *Cyber Dating Abuse Questionnaire* - (CDAQ Borrajo et al., 2015a) visa conhecer com que frequência os participantes experimentaram comportamentos de abuso online por seus (ex)parceiros durante o último ano, através de uma escala de 5 pontos, que varia de 1 = " *nunca* " a 6 = " *geralmente* ". Foi elaborado na Espanha e consiste em duas escalas, uma de vitimização e outra de perpetração, ambas compostas por dois fatores, que juntos, contabilizam 20 itens. O primeiro fator, Agressão Direta (AD), é composto por 11 itens; e o segundo fator, Controle / Monitoramento (C), abrange 9 itens. A adaptação e validação para o contexto brasileiro foi realizada por Cavalcanti et al., (*no prelo*) resultando em uma versão de 14 itens, dos quais 6 corresponderam ao fator AD e 8, ao fator C

O Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos (QADRA) apresentou uma consistência interna satisfatória no seu estudo original para ambos fatores: AD (vitimização $\alpha = 0,84$; perpetração $\alpha = 0,73$); e C (vitimização $\alpha = 0,87$; perpetração $\alpha = 0,81$) (Borrajo et al., 2015a), bem como, em sua validação para o Brasil: AD (vitimização $\alpha = 0,78$; perpetração $\alpha = 0,80$); e C (vitimização $\alpha = 0,90$; perpetração $\alpha = 0,86$) (Cavalcanti et al., *in prelo*). No presente estudo os alfas foram os seguintes: AD (vitimização $\alpha = 0,76$; perpetração $\alpha = 0,57$); e C (vitimização $\alpha = 0,90$; perpetração $\alpha = 0,83$). Ademais, os escores dos itens foram somados e dicotomizados em 0 = aquelas que não experimentaram vitimização ou perpetração no último ano; e 1 = aqueles que foram vítimas ou agressores no último ano. No que tange a perpetração

foram encontrados índices de 87,4%; para o controle/monitoramento e 13,3% para agressão direta. Quanto a vitimização foram encontrados taxas de 74,8% para o controle/monitoramento e 13, 2% para agressão direta

A *Conflict Tactics Scales* ou Escala táticas de conflitos revisada (CTS-2) foi validada para o Brasil por Moraes, Hasselmann e Reichenheim (2002) e avalia diferentes táticas de resolução de conflitos adotadas por parceiros íntimos. No presente estudo foi utilizado apenas os fatores de violência física (12 itens) e psicológica (8 itens). Os índices de consistência interna da escala foram satisfatórios tanto para o estudo de validação (α entre 0,65 e 0,82), quanto para o presente estudo (α entre 0,72 e 0,90).

A *Escala de ciúme romântico* proposta por Carvalho et al. (2008) foi a que o presente estudo se baseou, não obstante considerando os itens revisados por Golino et al (2016). Foi considerado para a pesquisa o fator da medida, ciúme romântico (9 itens), o qual apresentou um bom índice de consistência interna no estudo original ($\alpha = 0.89$, Carvalho et al. 2008), e no presente estudo ($\alpha = 0.88$).

O *Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade – (Big Five Inventory - BFI)* foi elaborado, inicialmente, na língua inglesa por John, Donahue e Kentle (1991). Utilizou-se a versão validada para o Brasil por Andrade (2008), que integra 34 itens e abarcam cinco fatores, a saber: Abertura; Conscienciosidade; Extroversão; Amabilidade e Neuroticismo. Para responder o questionário, o participante deveria indicar quanto cada um dos atributos lhe caracterizava, numa escala Likert, com os seguintes extremos: 1=*Discordo totalmente* a 5=*Concordo totalmente*. Neste estudo de validação, o BFI apresentou os seguintes índices de precisão: Abertura ($\alpha = 0,65$), Neuroticismo ($\alpha = 0,75$), Extroversão ($\alpha = 0,75$), Conscienciosidade ($\alpha = 0,65$) e Amabilidade ($\alpha = 0,69$). No presente estudo, foram encontrados os seguintes índices de

precisão nos fatores do BFI: Amabilidade ($\alpha = 0,79$); Extroversão ($\alpha = 0,83$); Conscienciosidade ($\alpha = 0,60$); Abertura ($\alpha = 0,77$) e Neuroticismo ($\alpha = 0,82$).

A *Escala Tríade Sombria* foi elaborada por Jonason e Webster (2010), sendo formada por 12 itens igualmente distribuídos em três traços: maquiavelismo (e.g., item 3. Costumo bajular as pessoas para conseguir o que quero), narcisismo (e.g., item 11. Eu tendo a buscar prestígio ou status) e psicopatia (e.g., item 5. Eu tendo a ter falta de remorso). Essa medida foi adaptada e validada para o Brasil por Gouveia et al., (2016) apontando para bons índices de ajuste e uma consistência interna satisfatória (coeficiente alfa): maquiavelismo ($\alpha = 0,85$), narcisismo ($\alpha = 0,84$) e psicopatia ($\alpha = 0,72$). Tais índices de consistência interna foram similares no presente estudo: maquiavelismo ($\alpha = 0,76$), narcisismo ($\alpha = 0,82$) e psicopatia ($\alpha = 0,72$).

A *Escala de Afetos Negativos* (EA) foi elaborada por Zanon, Bastianello, Pacico e Hutz (2013) e é composta de 10 itens que representam sentimentos e emoções passadas e presentes dos sujeitos. Cada item é avaliado por uma escala Likert de cinco pontos, quanto mais próximo de cinco, o item melhor descreve o respondente, quanto mais próximo de um, menos o item descreve o participante. Na pesquisa original a consistência interna (coeficiente alfa) encontrada foi de 0,77, e no presente estudo foi de 0,85.

Questionário sociodemográfico. Para caracterização dos participantes quanto ao sexo, escolaridade, orientação sexual, se está em um relacionamento atual; uso diário do celular e computador; e em qual região do país que reside.

Procedimentos

Os participantes foram convidados a responderem a um questionário, via formulário eletrônico, pelo recurso do Google Docs. Utilizou-se o compartilhamento do mesmo nas redes sociais e comunidades acadêmicas. Antes de iniciar a pesquisa, o

respondente era esclarecido quanto ao objetivo do estudo e orientado sobre o caráter voluntário e confidencial. Caso concordasse em responder, o questionário era disponibilizado ao participante. O tempo de duração média para preenchimento foram de 20 minutos.

Convém destacar que todos os procedimentos empregados no estudo foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa de uma Instituição Federal (CAAE: 80433517.4.0000.5188), e seguidas as normas da resolução 466/2012 e 510/2016 do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

Análise de dados

Os dados foram analisados no programa estatístico IBM SPSS *Statistics* (versão 21), através das estatísticas descritivas e frequência das respostas e análise correlação de Pearson. Para realização da análise de mediação, optou-se pelo programa *Analysis of Moment Structures* (AMOS, versão 21) a fim de identificar os efeitos diretos e indiretos dos fatores pessoais mediados pelos afetos nos comportamentos praticados da violência.

Resultados

Correlações do ADRA e variáveis do estudo.

Inicialmente, buscou-se conhecer as correlações em torno das medidas de perpetração de abuso digital, concretamente: cinco fatores de personalidade (Big 5), tríade sombria, perpetração de violência física e psicológica entre parceiros íntimos, ciúme romântico e perpetração de abuso digital nos relacionamentos amorosos (agressão direta e controle). Essas correlações podem ser verificadas na Tabela 2, juntamente com as médias e os desvios padrões.

INSERIR TABELA 1

De acordo com os resultados apresentados na Tabela 1, a *Agressão Direta* se mostrou relacionada positivamente com o *Ciúme romântico* ($r = 0,21$; $p < 0,01$);

Abertura ($r = 0,09$; $p < 0,01$), *Neuroticismo* ($r = 0,13$; $p < 0,05$), *Psicopatia* ($r = 0,11$; $p < 0,05$), *Agressão Física* ($r = 0,36$; $p < 0,01$), *Agressão Psicológica* ($r = 0,34$; $p < 0,01$). Foram verificadas, também, correlações estatisticamente significativas do *Controle* com *Ciúme romântico* ($r = 0,52$; $p < 0,01$), *Neuroticismo* ($r = 0,19$; $p < 0,05$), *Maquiavelismo* ($r = 0,12$; $p < 0,05$), *Agressão Física* ($r = 0,24$; $p < 0,01$) e *Agressão Psicológica* ($r = 0,36$; $p < 0,01$).

Quanto as associações em torno da vitimização, procedeu-se com uma análise de correlação com as seguintes variáveis: os cinco fatores de personalidade (Big 5), a vitimização de violência física e psicológica entre parceiros íntimos, os afetos negativos e a vitimização de abuso digital nos relacionamentos amorosos (agressão direta e controle). Essas correlações podem ser verificadas na Tabela 1, juntamente com as médias e os desvios padrões.

Conforme se verifica nos resultados apresentados na Tabela 2, a *Agressão Direta* se mostrou relacionada positivamente com o *Afetos Negativos* ($r = 0,12$; $p < 0,01$), com os traços da personalidade: *Abertura* ($r = 0,12$; $p < 0,01$) e o *Neuroticismo* ($r = 0,10$; $p < 0,05$), com a *Violência Física* ($r = 0,23$; $p < 0,01$) e *Violência Psicológica* ($r = 0,32$; $p < 0,01$). No que tange ao fator *Controle*, esse apresentou correlações estatisticamente significativas com os *Afetos Negativos* ($r = 0,15$; $p < 0,01$), com a *Extroversão* ($r = 0,10$; $p < 0,05$), a *Violência Física* ($r = 0,36$; $p < 0,01$) e *Violência Psicológica* ($r = 0,51$; $p < 0,01$).

Modelo de mediação

Quanto ao modelo de mediação de perpetração de abuso digital, verificaram-se os efeitos diretos dos cinco grandes fatores de personalidade e da Tríade sombria no abuso digital nos relacionamentos amorosos, como recomendado na literatura

especializada (Preacher & Hayes, 2004). Para isso, realizou-se uma *path analysis* com Bootstrap por meio de 5.000 simulações do banco de dados com 356 sujeitos. Observaram-se efeitos diretos padronizados da variável pessoal: *Neuroticismo* (0,06, IC 90% = -0,02;0,14, $p < 0,001$) e variável situacional: *Violência Psicológica* (0,29, IC 90% = -0,20;0,40, $p < 0,001$) no fator *Controle*. Verificaram-se ainda efeitos diretos padronizados das variáveis situacionais: *Violência Física* (0,24, IC 90% = 0,14 0,34; $p < 0,001$) e *Violência Psicológica* (0,18, IC 90% = -0,08;0,28, $p < 0,001$) na *Agressão Direta*.

Posteriormente, foi executada uma nova análise com a variável mediadora, ciúme romântico. Não obstante, verificaram-se efeitos indiretos padronizados do *Neuroticismo* (0,13, IC 90% = 0,08;0,18, $p < 0,001$) apenas no *Controle* ($\chi^2/df = 1,04$; GFI=0.99; CFI=1.00; RMSEA= 0.01; IC 90% = 0.00;0.14). Neste sentido, decidiu-se fazer um novo modelo apenas com a variável *Controle*.

Os resultados apontaram para efeitos indiretos do *Neuroticismo* (0,13, IC 90% = 0,08;0,17, $p < 0,001$), da *Violência Física* (0,11, IC 90% = 0,02;0,11, $p < 0,05$) e *Violência Psicológica* (0,12, IC 90% = 0,03;0,12, $p < 0,05$) no *Controle/Monitoramento* ($\chi^2/df = 0,17$; GFI=1.00; CFI=1.00; RMSEA= 0.00; IC 90% = 0.00;0.10). Desse modo, esse modelo teve um melhor ajuste.

_____**INSERIR FUGURA 3**_____

No que tange ao modelo de mediação para vitimização, esse modelo foi rejeitado pelo presente estudo, uma vez que não foram encontrados efeitos indiretos. Portanto, o modelo de mediação baseado nesses dados não foi confirmado.

Discussão

Apesar de evidências expressas de que o ADRA é um fenômeno crescente com implicações negativas aos envolvidos, não se verifica no contexto brasileiro quaisquer pesquisa que buscasse explicar esse fenômeno. Quando considerado o contexto internacional, verificam-se em sua maioria, estudos sobre associações bivariadas com uma série de variáveis pessoais e situacionais, não levando em consideração a complexidade dos comportamentos, nem apontando uma coesão teórica (Ouytsel et al., 2017d; Sanchez, Guevara-Martínez & Rojas-Solís 2015; Ouytsel, et al., 2016).

Neste sentido, a presente pesquisa teve como objetivo avançar ainda mais o entendimento sobre os preditores do ADRA. Especificamente, buscou-se verificar os efeitos diretos e indiretos da personalidade e da violência tradicional entre parceiros íntimos no comportamento do abuso digital nos relacionamentos amorosos, com base no Modelo Geral da Agressão (MGA). Convém destacar que tal modelo, assim como na agressão presencial, tem sido comprovado em pesquisas sobre agressão via tecnologia (Kowalski et al., 2014; Savage & Tokuanaga, 2017).

Neste aspecto, a nossa investigação postulou dois modelos distintos: um para vítima e outro para o agressor. Centrou-se em: (a) como a personalidade e a violência entre parceiros íntimos estão relacionados ao ADRA; (b) como a personalidade e a violência entre parceiros íntimos aumentam o ciúme (para agressor) e afetos negativos (para vítima); e por sua vez, (c) como o ciúme e afetos negativos estão relacionado ao aumento do ADRA.

Os resultados de correlação apoiam a ideia de que indivíduos com traços neuróticos, de extroversão, e de abertura, bem como, aqueles que apresentam altos escores de afetos negativos tendem a serem vítimas de abuso digital (Alonso & Romero, 2017; Kwan, & Leung, 2016; Alhujailli & Karwowski, 2018). Do mesmo modo, os dados do atual estudo confirmam pesquisas que destacam que indivíduos com traços

neuróticos, de psicopatia, de maquiavelismo, com altos escores em ciúme, tendem a cometer abuso digital (Goodboy & Martin, 2015; Kokkinos, Karagianni, & Voulgaridou, 2017; Wright, 2017; Daspe, Vaillancourt-Morel, Lussier, & Sabourin, 2018). Finalmente nossos dados corroboram estudos prévios ao destacar que pessoas envolvidas no ADRA no papel de vítimas e agressores tendem também a se envolverem na violência psicológica e física (Borrajó *et al.*, 2015c; Crane *et al.*, 2018; Morelli *et al.*, 2017; Reed *et al.*, 2016; Temple *et al.*, 2015). Tais evidências podem reforçar a ideia de que o abuso tradicional nos relacionamentos amorosos ocorre em conjunto com o abuso *online*.

No que tange ao modelo de mediação de vitimização, esse não foi corroborado, indicando que as variáveis utilizadas no atual estudo foram úteis apenas para explicação da perpetração. Neste sentido, o modelo de perpetração apontou que ADRA, na forma de Controle/Monitoramento, foi explicado por fatores pessoais e situacionais. Em relação aos pessoais, foram encontrados efeitos diretos do neuroticismo, ou seja, indivíduos com traços neuróticos apresentaram-se mais propensos a controlar seus (ex)parceiros. Essa predição corrobora a hipótese do estudo, uma vez que parte do pressuposto de que o neuroticismo enquanto um fator ligado à ansiedade, depressão, hostilidade, impulsividade, autocrítica, vulnerabilidade, baixa tolerância a frustrações e a ideias não realistas podem predispor indivíduos a comportamentos desajustados. Esses resultados corroboram estudos prévios os quais aponta o neuroticismo como preditor do comportamento agressivo (Cavalcanti & Pimentel, 2016; Kokkinos, Karagianni, & Voulgaridou, 2017), e, especificamente, da violência contra parceiros íntimos (Dowgwillo, Ménard, Krueger, & Pincus, 2016; Paiva, 2018; Ulloa, Hammett, O'Neal, Lydston, & Aramburo, 2016).

Quanto aos fatores situacionais verificou-se ainda que a perpetração de violência psicológica explicou a perpetração do ADRA (fator controle/monitoramento). O que significa dizer que indivíduos agressores de violência psicológica tendem a controlar seus parceiros. Esta tendência tem sido observada em distintas pesquisas e corrobora a ideia de que o abuso digital refere-se a uma extensão dos comportamentos agressivos encontrados presencialmente. Ou seja, se o indivíduo já agride presencialmente tenderá também a se comportar do mesmo modo utilizando a tecnologia (Borrajó *et al.*, 2015c; Crane *et al.*, 2018; Morelli *et al.*, 2017; Reed *et al.*, 2016; Temple *et al.*, 2015; Watkins *et al.*, 2016; Yahner *et al.*, 2015).

Posteriormente, com a inclusão da variável mediadora, ciúme, verificou-se efeitos indiretos apenas no Controle, e por essa razão, o fator Agressão Direta foi retirado das análises subsequentes. Neste sentido, o modelo final indicou que traços neuróticos em conjunto com o envolvimento em perpetração em violência tradicional entre parceiros íntimos (física e psicológica) aumentam o ciúme romântico influenciando, por sua vez, no aumento de comportamentos de controle e monitoramento entre parceiros.

Convém destacar que a influência do ciúme no comportamento agressivo vem sendo ressaltado na literatura como um importante gatilho para atos violentos dentro dos relacionamentos amorosos; ou ainda, a sua manifestação pode vir acompanhada de ameaças, agressões físicas e verbais (Wright, 2017; Daspe, Vaillancourt-Morel, Lussier, & Sabourin, 2018; Kaufman-Parks, Longmore, Giordano & Manning, 2018). No contexto digital, assim como aponta o estudo de Ouytsel *et al.* (2019), alguns indivíduos, quando confrontados com sentimentos de ciúmes, recorrem a mecanismos de enfrentamento agressivo. Neste sentido, com o auxílio dos dispositivos tecnológicos, o ciúme pode ser piorado, de modo que assim como no cotidiano real, os parceiros

íntimos utilizam as TICS para expressar o ciúme através de ações abusivas como: compartilhamento de fotos íntimas sem consentimento; invasão de privacidade, comportamentos de investigação, posse, e perseguição. Tais achados corroboram pesquisas anteriores (Deans et al., 2017; Borrajo et al., 2015a).

Em suma, os resultados constatados no presente estudo inovam ao sugerir que o neuroticismo está relacionado ao ADRA, seja diretamente ou indiretamente através do ciúme. Nesse sentido, tomando por base o MGA, entende-se que em uma situação de agressão no relacionamento amoroso, indivíduos neuróticos tem mais probabilidade de perceber, atender e processar sugestões agressivas, aumentando a probabilidade de sentir ciúmes, reforçando assim uma série de esquemas e scripts agressivos, como o abuso digital no namoro.

Estes achados apresentam importantes implicações empíricas e teóricas para entender o ADRA, fenômeno ainda pouco explorado, oferecendo um modelo teórico integrador para explicação do ADRA. Além disso, os dados desse estudo oferecem caminhos úteis para intervenções. Um primeiro potencial para intervenção diz respeito ao controle do ciúme e regulação emocional entre jovens adultos. Desse modo, os jovens podem ser treinados a regular o ciúme e expressá-lo de maneira adequada não apenas no contexto real, como também virtual. Ademais, os achados da presente pesquisa podem ainda auxiliar os profissionais a entenderem os caminhos pelos quais o ciúme está associado ao abuso digital, informando o que o influencia, como por exemplo: contextos de violência presencial e traços de personalidade.

Embora importantes contribuições, o presente estudo não está ausente de limitações, inicialmente destaca-se o uso de uma única rota afetiva (ciúme), entre um conjunto de afetos que podem predispor ao ADRA, não sendo portanto suficiente para explicar o fenômeno sozinha. No entanto outros vieses podem estar interferindo como:

hostilidade, afetos negativos e raiva. Do mesmo modo, se aplica aos fatores pessoais e situacionais. Além disso, os dados foram oriundos apenas de medidas de auto-relato e a maioria da amostra era do sexo feminino. Finalmente, o modelo foi testado em uma amostra de jovens adultos, desse modo, nossas descobertas não podem ser generalizadas para outras amostras.

Nesta perspectiva, torna-se necessário estudos adicionais que possam testar outras variáveis, bem como relações mais complexas. Entende-se que quanto mais fatores de risco possam ser elucidados, melhores serão os esforços de intervenções a fim de reduzir tal comportamento. Além disso destaca-se a importância da realização de estudos longitudinais.

Referências

- Allen, J. J., & Anderson, C. A. (2017). General Aggression Model. In P. Roessler, C. A. Hoffner, & L. van Zoonen (Eds.) *International Encyclopedia of Media Effects*. WileyBlackwell. DOI: 10.1002/9781118783764.wbieme0078
- Alleyne-Green, B., Grinnell-Davis, C., Clark, T. T., Quinn, C. R., & Cryer-Coupet, Q. R. (2016). Father involvement, dating violence, and sexual risk behaviors among a national sample of adolescent females. *Journal of interpersonal violence*, 31(5), 810-830. doi: 10.1177/0886260514556762.
- Alhujailli, A., & Karwowski, W. (2018, July). Emotional and Stress Responses to Cyberbullying. In *International Conference on Applied Human Factors and Ergonomics* (pp. 33-43). Springer, Cham.
- Alonso, C., & Romero, E. (2017). Aggressors and victims in bullying and cyberbullying: A study of personality profiles using the five-factor model. *The Spanish journal of psychology*, 20.doi: 10.1017/sjp.2017.73
- Barreira, Alice Kelly, Lima, Maria Luiza Carvalho de, & Avanci, Joviana Quintes. (2013). Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do recife, Brasil: prevalência e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(1), 233-243. doi:10.1590/S1413-81232013000100024.
- Barlett, C. P., & Anderson, C. A. (2012). Direct and indirect relations between the big 5 personality traits and aggressive and violent behavior. *Personality and Individual Differences*, 52(8), 870-875. doi:10.1016/j.paid.2012.01.029.
- Batanova, M., & Loukas, A. (2014). Unique and interactive effects of empathy, family, and school factors on early adolescents' aggression. *Journal of youth and adolescence*, 43(11), 1890-1902. doi:10.1007/s10964-013-0051-1

- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2017). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Editora Vozes Limitada.
- Borrajó, E., Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2015a). Cyber dating abuse: Prevalence, context, and relationship with offline dating aggression. *Psychological reports*, 116(2), 565-585. doi: 10.2466/21.16.PR0.116k22w4
- Borrajó, E., Gámez Guadix, M., & Calvete, E. (2015b). Justification beliefs of violence, myths about love and cyber dating abuse. *Psicothema*, 27(4), 327-333. doi: 10.7334/psicothema2015.59.
- Borrajó, E., Gámez-Guadix, M., Pereda, N., & Calvete, E. (2015c). The development and validation of the cyber dating abuse questionnaire among young couples. *Computers in human behavior*, 48, 358-365. doi: 10.1016/j.chb.2015.01.063
- Cavalcanti, J. G., & Pimentel, C. E. (2016). Personality and aggression: A contribution of the General Aggression Model. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(3), 443-451. doi: 10.1590/1982-02752016000300008
- Crowne, D. P., & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology*, 24(4), 349-354. doi: 10.1037/h0047358.
- Dank, M., Lachman, P., Zweig, J. M., & Yahner, J. (2014). Dating violence experiences of lesbian, gay, bisexual, and transgender youth. *Journal of youth and adolescence*, 43(5), 846-857. doi: 10.1007/s10964-013-9975-8.
- Deans, H., & Bhogal, M. S. (2017). Perpetrating Cyber Dating Abuse: A Brief Report on the Role of Aggression, Romantic Jealousy and Gender. *Current Psychology*, 1-6. doi: 10.1007/s12144-017-9715-4.

- DeHue, F., Bolman, C., & Völlink, T. (2008). Cyberbullying: Youngsters' experiences and parental perception. *CyberPsychology & Behavior*, 11(2), 217-223. doi: 10.1089/cpb.2007.0008.
- Denegri-Knott, J., & Taylor, J. (2005). The labeling game: A conceptual exploration of deviance on the Internet. *Social Science Computer Review*, 23(1), 93-107. doi: 10.1177/0894439304271541.
- Dick, R. N., McCauley, H. L., Jones, K. A., Tancredi, D. J., Goldstein, S., Blackburn, S., ... & Miller, E. (2014). Cyber dating abuse among teens using school-based health centers. *Pediatrics*, 134(6), e1560-e1567. doi: [10.1542/peds.2014-0537](https://doi.org/10.1542/peds.2014-0537)
- Didden, R., Scholte, R. H. J., Korzilius, H., de Moor, J. M. H., Vermeulen, A., O'Reilly, M., . . . Lancioni, G. E. (2009). Cyberbullying among students with intellectual and developmental disability in special education settings. *Developmental Neuropsychology*, 12, 146–151. doi:10.1080/17518420902971356
- Dowgwillo, EA, Ménard, KS, Krueger, RF e Pincus, AL (2016). Traços de personalidade patológica do DSM-5 e violência por parceiro íntimo entre universitários do sexo masculino e feminino. *Violência e Vítimas*, 31.
- Durán, M., & Martínez-Pecino, R. (2015). Ciberacoso mediante teléfono móvil e Internet en las relaciones de noviazgo entre jóvenes. *Comunicar*, 22(44), 159-167. doi: 10.3916/C44-2015-17.
- East, P. L., & Hokoda, A. (2015). Risk and protective factors for sexual and dating violence victimization: A longitudinal, prospective study of Latino and African American adolescents. *Journal of youth and adolescence*, 44(6), 1288-1300. doi: 10.1007/s10964-015-0273-5.

- Flach, R. M. D., & Deslandes, S. F. (2017). Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. *Cadernos de Saúde Pública*, 33(7), e00138516. doi: 10.1590/0102-311X00138516.
- Foshee, V. A., Reyes, H. L. M., Vivolo-Kantor, A. M., Basile, K. C., Chang, L. Y., Faris, R., & Ennett, S. T. (2014). Bullying as a longitudinal predictor of adolescent dating violence. *Journal of Adolescent Health*, 55(3), 439-444. doi: 10.1016/j.jadohealth.2014.03.004
- Foshee, V. A., Benefield, T., Dixon, K. S., Chang, L. Y., Senkomago, V., Ennett, S. T., ... & Bowling, J. M. (2015). The effects of moms and teens for safe dates: A dating abuse prevention program for adolescents exposed to domestic violence. *Journal of youth and adolescence*, 44(5), 995-1010. doi: 10.1007/s10964-015-0272-6.
- Goodboy, A. K., & Martin, M. M. (2015). The personality profile of a cyberbully: Examining the Dark Triad. *Computers in Human Behavior*, 49, 1-4. doi: 10.1016/j.chb.2015.02.052
- Hamby, S. (2013). The Partner Cyber Abuse Questionnaire: Preliminary psychometrics of technology-based intimate partner violence. In *annual convention of the Southeastern Psychological Association, Atlanta, GA*.
- Hipwell, A. E., Stepp, S. D., Keenan, K., Allen, A., Hoffmann, A., Rottingen, L., & McAloon, R. (2013). Examining links between sexual risk behaviors and dating violence involvement as a function of sexual orientation. *Journal of pediatric and adolescent gynecology*, 26(4), 212-218. doi: 10.1016/j.jpag.2013.03.002.
- Kwan, W., & Leung, M. T. (2016, June). The relationship between personality traits, school climate, parental relationship, anxiety, depression, self-esteem, and cyber-victimization. In *Singapore Conference of Applied Psychology*(pp. 107-123). Springer, Singapore.

- Kokkinos, C. M., Karagianni, K., & Voulgaridou, I. (2017). Relational aggression, big five and hostile attribution bias in Adolescents. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 52, 101-113. doi: 10.1016/j.appdev.2017.07.007
- Lucero, J. L., Weisz, A. N., Smith-Darden, J., & Lucero, S. M. (2014). Exploring gender differences: Socially interactive technology use/abuse among dating teens. *Affilia*, 29(4), 478-491. doi: 10.1177/0886109914522627.
- Marganski, A., & Fauth, K. (2013). Socially interactive technology and contemporary dating a cross-cultural exploration of deviant behaviors among young adults in the modern, evolving technological world. *International Criminal Justice Review*, 23(4), 357-377. doi: 10.1177/1057567713513797.
- Marganski, A., & Melander, L. (2015). Intimate partner violence victimization in the cyber and real world: examining the extent of cyber aggression experiences and its association with in-person dating violence. *Journal of interpersonal violence*, 1-25. doi: 10.1177/0886260515614283.
- Melander, L. A. (2010). College students' perceptions of intimate partner cyber harassment. *Cyberpsychology, behavior, and social networking*, 13(3), 263-268. doi: 10.1089=cyber.2009.0221.
- Miller, E., Goldstein, S., McCauley, H. L., Jones, K. A., Dick, R. N., Jetton, J., ... & Tancredi, D. J. (2015). A school health center intervention for abusive adolescent relationships: a cluster RCT. *Pediatrics*, 135(1), 76-85.
- Nagamatsu, M., Hamada, Y., & Hara, K. (2016). Factors associated with recognition of the signs of dating violence by Japanese junior high school students. *Environmental health and preventive medicine*, 21(1), 9. doi: 10.1007/s12199-015-0491-1.
- Niolon, P. H., Vivolo-Kantor, A. M., Latzman, N. E., Valle, L. A., Kuoh, H., Burton, T., . . . Tharp, A. T. (2015). Prevalence of teen dating violence and co-occurring risk

- factors among middle school youth in high-risk urban communities. *Journal of Adolescent Health*, 56(2, Suppl 2), S5-S13. doi:10.1016/j.jadohealth.2014.07.019.
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G., Njaine, K., & Pires, T. O. (2016). Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(3), e32323. doi:10.1590/0102-3772e32323.
- Olweus, D. (2013). School bullying: Development and some important challenges. *Annual review of clinical psychology*, 9, 751-780. doi: 10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516.
- Pasquali, L. (2009). *Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas*. Artmed Editora.
- Peskin, M. F., Markham, C. M., Shegog, R., Temple, J. R., Baumler, E. R., Addy, R. C., ... & Emery, S. T. (2017). Prevalence and correlates of the perpetration of cyber dating abuse among early adolescents. *Journal of youth and adolescence*, 46(2), 358-375. doi: 10.1007/s10964-016-0568-1.
- Ramos, M. C., Miller, K. F., Moss, I. K., & Margolin, G. (2017). Perspective-Taking and Empathy Mitigate Family-of-Origin Risk for Electronic Aggression Perpetration Toward Dating Partners: A Brief Report. *Journal of interpersonal violence*, 0886260517747605. doi: 10.1177/0886260517747605
- Reed, L. A., Tolman, R. M., & Ward, L. M. (2016). Snooping and sexting: digital media as a context for dating aggression and abuse among college students. *Violence against women*, 22(13), 1556-1576. doi: 10.1177/1077801216630143.
- Reed, L. A., Tolman, R. M., & Ward, L. M. (2017). Gender matters: Experiences and consequences of digital dating abuse victimization in adolescent dating

- relationships. *Journal of adolescence*, 59, 79-89. doi: /10.1016/j.adolescence.2017.05.015.
- Reyes, H. L. M., Foshee, V. A., Tharp, A. T., Ennett, S. T., & Bauer, D. J. (2015). Substance use and physical dating violence: the role of contextual moderators. *American journal of preventive medicine*, 49(3), 467-475. doi: 10.1016/j.amepre.2015.05.018.
- Rueda, H. A., Lindsay, M., & Williams, L. R. (2015). "She Posted It on Facebook" mexican american adolescents' experiences with technology and romantic relationship conflict. *Journal of Adolescent Research*, 30(4), 419-445. doi: 10.1177/0743558414565236.
- Runions, K., Shapka, J. D., Dooley, J., & Modecki, K. (2013). Cyber-aggression and victimization and social information processing: Integrating the medium and the message. *Psychology of violence*, 3(1), 9-26. doi: 10.1037/a0030511.
- Sánchez, V., Muñoz-Fernández, N., & Ortega-Ruiz, R. (2015). "Cyberdating Q_A": An instrument to assess the quality of adolescent dating relationships in social networks. *Computers in human behavior*, 48, 78-86. doi: 10.1016/j.chb.2015.01.006.
- Slonje, R., & Smith, P. K. (2008). Cyberbullying: Another main type of bullying?. *Scandinavian journal of psychology*, 49(2), 147-154. doi: 10.1111/j.1467-9450.2007.00611.x.
- Smith-Darden, J. P., Kernsmith, P. D., Victor, B. G., & Lathrop, R. A. (2017). Electronic displays of aggression in teen dating relationships: Does the social ecology matter?. *Computers in Human Behavior*, 67, 33-40. doi: 10.1016/j.chb.2016.10.015.

- Stanger, N., Kavussanu, M., McIntyre, D., & Ring, C. (2016). Empathy inhibits aggression in competition: the role of provocation, emotion, and gender. *Journal of sport & exercise psychology*, 38, 4-14. doi:10.1123/jsep.2014-0332
- Stonard, K. E., Bowen, E., Lawrence, T. R., & Price, S. A. (2014). The relevance of technology to the nature, prevalence and impact of adolescent dating violence and abuse: A research synthesis. *Aggression and Violent Behavior*, 19(4), 390-417. doi: 10.1016/j.avb.2014.06.005.
- Temple, J. R., Choi, H. J., Brem, M., Wolford-Clevenger, C., Stuart, G. L., Peskin, M. F., & Elmquist, J. (2016). The temporal association between traditional and cyber dating abuse among adolescents. *Journal of youth and adolescence*, 45(2), 340-349. doi: 10.1016/j.jadohealth.2016.03.034.
- Twyman, K., Saylor, C., Taylor, L. A., & Comeaux, C. (2010). Comparing children and adolescents engaged in cyberbullying to matched peers. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 13, 195–199. doi:10.1089/cyber.2009.0137
- Ulloa, CE, Hammett, JF, O'Neal, DN, Lydston, EE, e Aramburo, LFL (2016). Os cinco principais traços de personalidade e a violência entre parceiros íntimos: resultados de uma grande amostra nacionalmente representativa. *Violência e vítimas* , 31 (6), 1100-1115.
- Van Ouytsel, J., Ponnet, K., & Walrave, M. (2016). Cyber dating abuse victimization among secondary school students from a lifestyle-routine activities theory perspective. *Journal of interpersonal violence*, 0886260516629390. doi: 10.1177/0886260516629390.
- Van Ouytsel, J., Torres, E., Choi, H. J., Ponnet, K., Walrave, M., & Temple, J. R. (2017b). The associations between substance use, sexual behaviors, bullying, deviant

- behaviors, health, and cyber dating abuse perpetration. *The Journal of School Nursing*, 33(2), 116-122. doi: 10.1177/1059840516683229.
- Van Ouytsel, J., Ponnet, K., Walrave, M., & Temple, J. R. (2017c). Adolescent cyber dating abuse victimization and its associations with substance use, and sexual behaviors. *public health*, 135, 147-151. doi: 10.1016/j.puhe.2016.02.011.
- Van Ouytsel, J., Ponnet, K., & Walrave, M. (2017d). Cyber dating abuse: investigating digital monitoring behaviors among adolescents from a social learning perspective. *Journal of interpersonal violence*, 0886260517719538. doi: 10.1177/0886260517719538
- Van Ouytsel, J. , Walrave, M. , Ponnet, K. , Willems, A. & Van Dam, M. (2019). Percepções dos adolescentes sobre o potencial da mídia digital em provocar ciúmes, conflitos e monitoramento de comportamentos dentro de relacionamentos amorosos. *Ciberpsicologia: Revista de Pesquisa Psicossocial no Ciberespaço*, 13 (3), artigo 3. <http://dx.doi.org/10.5817/CP2019-3-3>
- Watkins, L. E., Maldonado, R. C., & DiLillo, D. (2016). The Cyber Aggression in Relationships Scale: a new multidimensional measure of technology-based intimate partner aggression. *Assessment*, 1073191116665696. 1-19. doi: 10.1177/1073191116665696
- Wolford-Clevenger, C., Zapor, H., Brasfield, H., Febres, J., Elmquist, J., Brem, M., ... & Stuart, G. L. (2016). An examination of the Partner Cyber Abuse Questionnaire in a college student sample. *Psychology of violence*, 6(1): 156–162. doi:10.1037/a0039442.
- Wright, M. F. (2015). Cyber aggression within adolescents' romantic relationships: Linkages to parental and partner attachment. *Journal of youth and adolescence*, 44(1), 37-47. doi: 10.1007/s10964-014-0147-2.

- Yahner, J., Dank, M., Zweig, J. M., & Lachman, P. (2015). The co-occurrence of physical and cyber dating violence and bullying among teens. *Journal of interpersonal violence*, 30(7), 1079-1089. doi: 10.1177/0886260514540324.
- Zweig, J. M., Dank, M., Yahner, J., & Lachman, P. (2013a). The rate of cyber dating abuse among teens and how it relates to other forms of teen dating violence. *Journal of youth and adolescence*, 42(7), 1063-1077. doi: 10.1007/s10964-013-9922-8.
- Zweig, J. M., Lachman, P., Yahner, J., & Dank, M. (2013b). Correlates of cyber dating abuse among teens. *Journal of Youth and Adolescence*, 43(8), 1306-1321. doi: 10.1007/s10964-013-0047-x

Tabela 1

Correlação entre os Cinco Grandes Fatores da Personalidade, ciúme e os fatores de Violência entre parceiro íntimos (perpetração)

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1. AD													
2. C	0,32**												
3. CI	0,21**	0,52**											
4. Ag	-0,03	0,00	-0,07										
5. Ex	-0,03	0,02	-0,05	0,29**									
6. Co	-0,01	-0,00	-0,03	0,24**	0,21**								
7. Ab	0,09*	0,00	-0,18**	0,23**	0,31**	0,16**							
8. Ne	0,13*	0,19**	0,34**	-0,18**	-0,14**	-0,12**	-0,04						
9. Nar	0,08	0,07	0,21**	-0,09	0,08	-0,11*	-0,03	0,16*					
10.Ma	0,02	0,12*	0,17**	-0,21**	0,01	-0,15**	-0,04	0,19*	0,45**				
11.Psi	0,11*	0,02	0,14**	-0,29**	-0,06	-0,11*	-0,06	0,10	0,27**	0,39**			
12. AF	0,36**	0,24**	0,27**	-0,05	0,00	0,04	-0,04	0,10	0,04	0,06	0,06		
13. AP	0,34**	0,36**	0,32**	-0,04	0,13*	0,03	0,05	0,23**	0,10*	0,13**	0,09	0,58**	
M	1,10	2,92	2,46	4,45	3,03	3,35	3,72	3,20	2,47	1,53	1,61	1,11	1,67
DP	0,26	1,26	0,99	0,59	0,81	0,56	0,63	0,91	0,95	0,64	0,70	0,31	0,72

Notas: * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$ (teste Uni-caudal). Identificação das variáveis: **1** = Agressão direta **2** = Controle, **3** = Ciúme romântico **4** = Agradabilidade, **5** = Extroversão, **6** = Conscienciosidade, **7** = Abertura, **8** = Neuroticismo., **9** = Narcisismo, **10** = Maquiavelismo, **11**= Psicopatia, **12** =Agressão Física; **13** = Agressão Psicológica.

Tabela 1

Correlação entre os Cinco Grandes Fatores da Personalidade, Afetos Negativos e os fatores de Violência entre parceiros íntimos (vitimização)

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. AD										
2. C	0,49**									
3. AN	0,12**	0,15**								
4. Ag	-0,04	0,01	-0,19**							
5. Ex	-0,02	0,10*	-0,19**	0,29**						
6. Co	0,06	0,03	-0,16**	0,24**	0,21**					
7. Ab	0,12*,	0,08	-0,04	0,23**	0,31**	0,16**				
8. Ne	0,10*	0,07	0,67**	-0,18**	-0,14**	-0,12**	-0,04			
9. AF	0,23**	0,36**	0,06	0,01	0,03	0,07	-0,03	0,04		
10. AP	0,32**	0,51**	0,23**	0,06	0,12*	0,08	0,02	0,14**	0,56**	
M	1,14	2,65	2,98	4,45	3,03	3,35	3,72	3,20	1,12	1,69
DP	0,40	1,42	0,85	0,59	0,81	0,56	0,63	0,91	0,40	0,84

Notas: * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$ (teste Uni-caudal). Identificação das variáveis: **1** = Agressão direta **2** = Controle, **3** = Afetos Negativos **4** = Agradabilidade, **5** = Extroversão, **6** = Conscienciosidade, **7** = Abertura, **8** = Neuroticismo., **9** = Violência Física; **10** = Violência Psicológica.

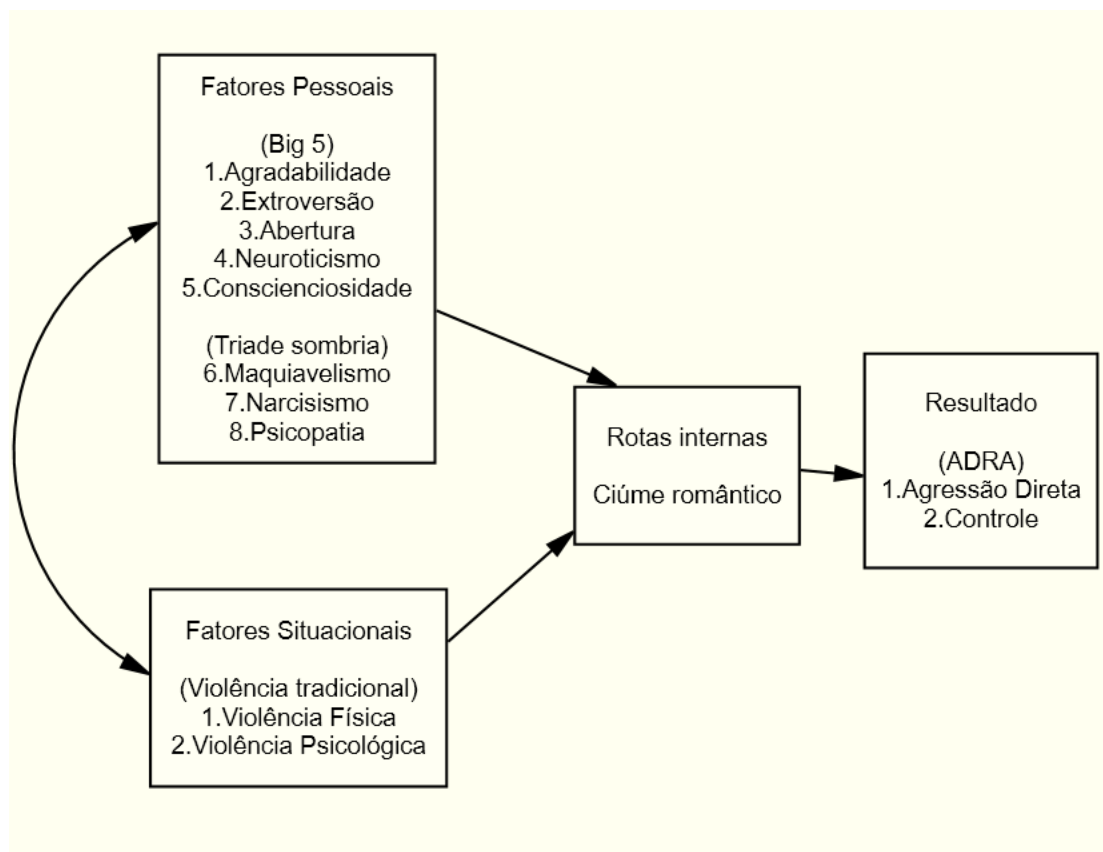


Figura 1. Modelo para perpetração baseado no MGA

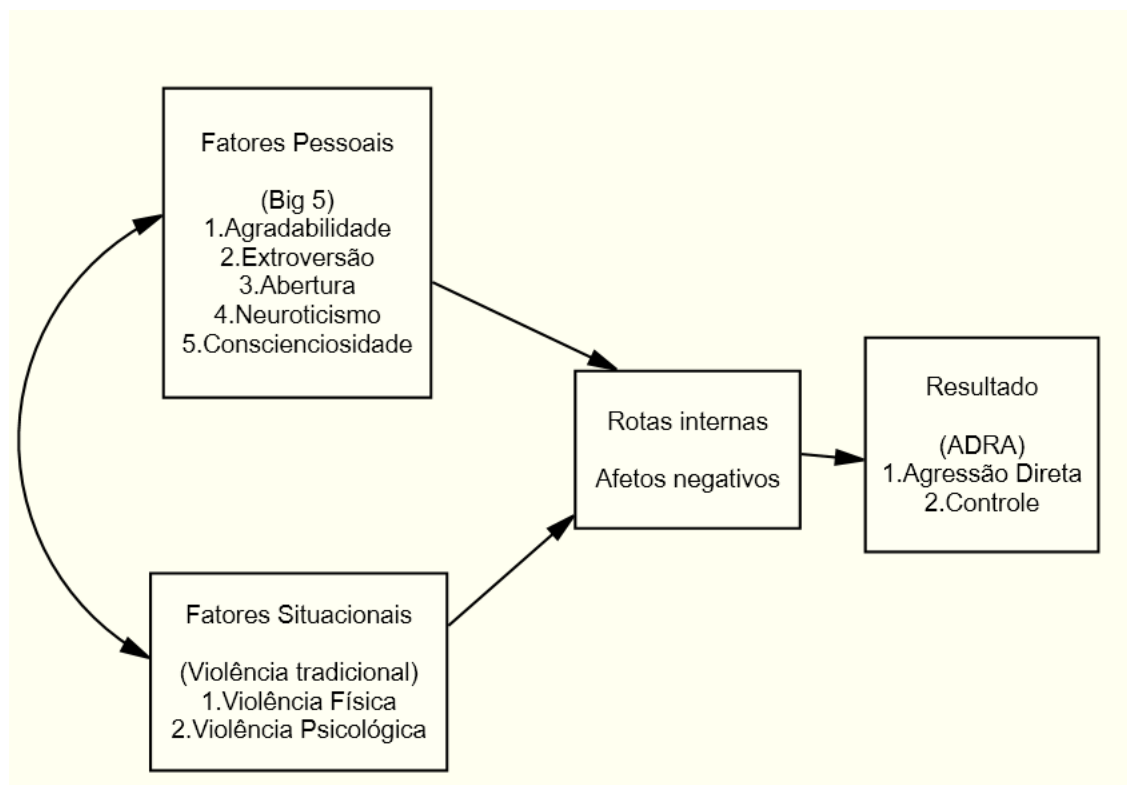


Figura 2. Modelo para vitimização baseado no MGA

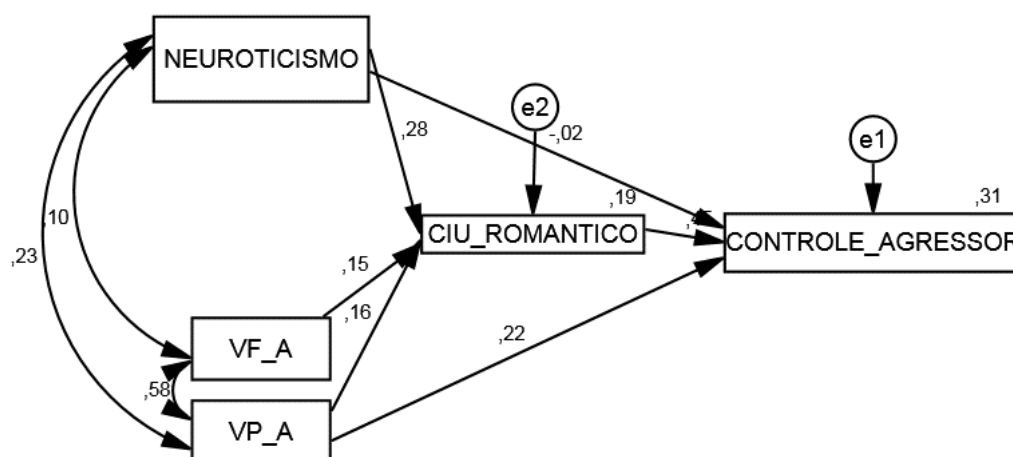


Figura 2. Modelo de mediação testado dos traços de personalidade, perpetração de violência nos relacionamentos amorosos e ADRA.

CAPITULO VIII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o crescente uso de tecnologias de comunicação e sua inserção nas relações íntimas, verificou-se uma ampliação nas formas de agredir, humilhar e controlar o outro, emergindo em novos fenômenos sociais como o Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos (ADRA). As pesquisas em torno dessa temática o apontam como sendo um objeto de estudo próprio, com altas taxas de envolvimento e implicações severas, no entanto, ainda pouco explorado. Neste aspecto, conhecer que variáveis predisõem indivíduos a se engajarem no ADRA, bem como, contar como uma base teórica que o explique é de suma importância para elaboração de programas de intervenção.

Neste direcionamento, a presente tese como objetivo geral conhecer os fatores de risco associados ao ADRA, tomando por base a Teoria das Representações Sociais e do Modelo Geral da Agressão. Confia-se que tal finalidade foi alcançada, a partir do desenvolvimento de cinco estudos distribuídos em quatro artigos, bem como, por meio de uma abordagem multimétodo, e a aplicação de distintos instrumentos (escalas de auto relato, técnica de associação livre de palavras) e revisão bibliográfica.

Os dados advindos do Estudo 1, que consistiu em um levantamento de pesquisas empíricas relacionadas ao abuso digital nos relacionamentos amorosos dos últimos 10 anos (2008-2018), apontou o ADRA como um fenômeno relativamente recente, carente de investigação, inclusive dentro de enquadramentos teórico-conceituais, sem quaisquer dados empíricos no Brasil. Também indicou ser um comportamento prevalente entre casais obtendo taxas de até 91.9%, para vitimização; e até 97.7%, para perpetração.

No que tange aos instrumentos de avaliação, verificou-se que o mesmo tem sido avaliado por distintas estratégias, tais como: entrevistas, questionários, grupo focal e medidas de auto relato. Em relação as últimas, percebeu-se que a maior parte não examinou parâmetros psicométricos, nem apresentou consensos em relação ao conceito do ADRA e sua forma de ser operacionalizado. De modo que, das medidas encontradas, apenas 5 reportaram

evidências psicométricas, sendo o QADRA o instrumento selecionado para ser traduzido e validado pela presente tese

Ainda na revisão, são apontados diversos fatores de risco associados ao ADRA, tais como: sociodemográficas; relativos ao relacionamento; familiares, psicológicos, relacionados às percepções, normas e crenças. Não obstante, o fenômeno ainda se apresenta como campo fértil para futuras pesquisas. Neste sentido, são sugeridas diversas possibilidades de estudos, por exemplo, no que tange aos fatores ligados a variáveis sociodemográficas, são recomendados: o nível escolar e socioeconômico, o grau de religiosidade, a renda familiar e a quantidade de amigos das vítimas e/ ou perpetradores do ADRA.

Por sua vez, em relação as variáveis ligadas ao relacionamentos, considera-se importante estudos que contemplem fatores como: a quantidade de relacionamentos no último ano, a diferença de idade entre o casal, o tempo de relacionamento e a infidelidade no relacionamento. Quanto aos fatores relacionados ao comportamento sexual é sugerida a idade da iniciação da vida sexual. No que diz respeito aos fatores relacionados ao comportamento antissocial e agressivo, são destacadas lacunas, como: o desengajamento moral, o desajustamento escolar ou acadêmico, a violência urbana e comunitária e a exposição à criminalidade.

Em relação aos fatores psicológicos, podem ser explorados ainda: fatores da personalidade, impulsividade, inteligência emocional, psicopatia, hiperatividade, estabilidade emocional, e habilidades sociais. Ademais, no que tange aos fatores relacionados à crenças, percepções e normas pessoais, foram sugeridas variáveis como: atitudes frente ao abuso digital nos relacionamentos amorosos, representações sociais, valores sociais e aceitação de violência nos relacionamentos amorosos.

Tomando por base esses achados, a presente tese contemplou dois fatores de risco, já estudados na literatura em torno do ADRA, o ciúme e a violência presencial, bem como,

acatou três sugestões indicadas na revisão, ainda não explorados em estudos anteriores: os cinco grandes fatores da personalidade, a Tríade Sombria; e os afetos negativos. Tais variáveis foram exploradas no Estudo 5.

Em relação ao Estudo 2, cujo o intuito foi conhecer as representações sociais (RS) de universitários brasileiros acerca do ADRA, verificou-se que tal fenômeno foi representado sob distintas formas pelos atores sociais, envolvendo condições históricas, sociológicas e ideológicas; e de contextos imediatos de abuso. De forma específica, foi ancorado na incerteza relacional contemporânea, na concepção de dominância dentro dos relacionamentos íntimos e na violação dos direitos à privacidade, remetendo as redes sociais como os principais espaços de ocorrência para ações de vigilância, perseguição, invasão e publicação de fotos íntimas sem consentimento. Também foi compreendido como um tipo de agressão que perpassa causas e implicações psicoafetivas e sociais.

Em geral, verificou-se que o saber dos atores sociais sobre o ADRA apresentou semelhanças com o que literatura científica aponta sobre ações típicas de agressões virtuais, através de atos como inspecionar, *stalkear*, invadir a privacidade, publicar fotos íntimas sem consentimento, os quais são possibilitados pelo acesso à internet e o uso de redes sociais (face, whats). Por outro, as representações emergidas pelos atores sociais apontaram elementos comuns à violência presencial entre parceiros íntimos, uma vez que o ADRA foi associado ao medo e ciúme; à raiva, traição, insegurança, e posse. 5. Esses aspectos reafirmam a ideia de que o ADRA emerge no contexto do uso crescente das tecnologias e subsequente surgimento das agressões virtuais, bem como, no âmbito da violência entre parceiros íntimos.

Ademais o conhecimento das representações sociais apresentou uma contribuição importante ao apontar o ciúme como principal elemento mobilizador de ações de ADRA. Achado esse que corroborou a revisão anteriormente realizada no Estudo 1, bem como

ofereceu subsídio para o desenvolvimento do Estudo 5, que inclui tal construto como importante variável preditora do ADRA, bem como sua mediadora.

O Estudo 3 e 4, cuja finalidade foi conhecer evidências de validade fatorial e consistência interna do Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos (QADRA), apontou para uma medida válida e fidedigna, útil para investigação do ADRA na população brasileira. Tais estudos sinalizaram ainda para evidências de validade convergente do QADRA, através da sua associação positiva com o abuso presencial nos relacionamentos amorosos e negativa com a satisfação global nos relacionamentos.

No que tange a sua relação com a violência presencial, verificou-se que, vítimas e agressores do abuso digital tendem a serem alvos e perpetradores da violência tradicional na forma psicológica, física, sexual, injúria; sugerindo portanto uma sobreposição entre abuso digital e presencial. Quanto à relação do ADRA com a satisfação global nos relacionamentos, verificou-se que perpetradores e vítimas de abuso digital tendem a apresentar uma menor satisfação nos relacionamentos, assim como também se verifica no contexto presencial.

Finalmente quanto ao último estudo da tese (Estudo 5), esse buscou conhecer os efeitos diretos e indiretos da personalidade e violência tradicional entre parceiros íntimos no abuso digital nos relacionamentos amorosos, tomando por base o Modelo Geral da Agressão. Os resultados indicaram que as variáveis escolhidas foram úteis apenas para explicar a perpetração e não, a vitimização. Desse modo, o modelo de mediação de perpetração indicou que indivíduos neuróticos apresentam-se mais propensos a perceber, atender e processar sugestões agressivas, aumentando a probabilidade de sentir ciúmes, e por sua vez, reforçando uma série de esquemas e scripts agressivos, como o abuso digital no namoro.

Tomando por base o conjunto dos resultados apreendidos, convém destacar, que são verificados índices expressivos de ADRA na presente tese, tanto para vitimização: variando de 15,5% a 89,3% (Estudo 2); de 24,6% a 80,2% (Estudo 3); de 25,1% a 87,6% (Estudo 4); de

25,2% a 86,8% (Estudo 5); quanto para perpetração: variando de 24,6% a 81,9%, (Estudo 2), de 18,5% a 83,5% (Estudo 3); de 25,1% a 92,6% (Estudo 4); de 12,6% a 86,8%(Estudo 5). Tais achados concorrem com os da revisão da literatura (Estudo 1) ao destacar o ADRA como um comportamento comum entre casais, sobretudo no diz respeito ao Controle/Monitoramento.

Ainda articulando os dados dos estudos da teses, verificam-se que os mesmos convergem para a compreensão do ADRA como um fenômeno psicossocial, causado por múltiplos fatores, assim como aponta a revisão da literatura; ligado a condições históricas, sociológicas e ideológicas, como identifica o estudo de representações sociais; recebendo influências pessoais e situacionais, conforme atesta o estudo com o MGA. Outrossim, os dados são comuns no ao considerar a influência exercida no ADRA da violência presencial, aspecto verificado no Estudo 1, 2, 4 e 5; bem como, do ciúme, nos Estudos 1, 2 e 5.

Em última análise, os achados dessa tese aponta para a complexa relação em torno dos fatores de risco que envolvem o ADRA, de modo que nenhum fator único ora descrito é suficiente para eliciar os comportamentos agressivos entre parceiros íntimos por meio da tecnologia. Neste sentido, entende-se que um desafio interposto ao psicólogo social diz respeito ao fato de que um maior numero de fatores de risco considerado ao passo que proporciona maior capacidade para compreender o fenômeno, dificulta a determinação de como os mesmos interagem entre si impactando na agressão.

Tendo em vista tais considerações, acredita-se que o atual trabalho, apresenta importantes contribuições teóricas e empíricas, podendo apontar caminhos potenciais para intervenções. No que tange ao aspecto teórico, a presente tese contribui ao oferecer um modelo teórico integrador para explicação do ADRA. Além disso, contribui informando de que forma se organizam as RS desse fenômeno e como essas representações podem incidir nas tomadas de decisão.

No que concerne às colaborações empíricas, cita-se a oferta de quatro pesquisas de campo, as quais podem ampliar a visibilidade do fenômeno, ainda pouco explorado na literatura internacional. No âmbito nacional, avança-se empiricamente, ao fornecer dados de incidência bem como, ao oferecer uma medida válida e fidedigna de avaliação do ADRA no presente contexto, possibilitando com isso a realização de estudos em torno da temática.

Confia-se ainda que a partir dos dados emergidos nesta tese podem ser vislumbrados caminhos úteis para intervenções, a exemplo de iniciativas relacionadas ao controle do ciúme, regulação e manejo emocional de jovens adultos, ou ainda, desenvolvimento de competências emocionais. Por exemplo, os jovens podem ser treinados a regular o ciúme e expressá-lo de maneira adequada não apenas no contexto real, como também no virtual. Ademais, entende-se que conhecer se existem determinados traços que predis põem alguns indivíduos, mais que outros, a recorrer ao ADRA é uma forma eficiente de prevenção e de minimização do comportamento agressivo.

Embora condiserar pontos fortes da atual tese os quais incluem o cumprimento dos objetivos propostos da mesma e o surgimento de resultados que contribuem para o avanço teórico, científico e prático, a mesma não está isenta de limitações. A primeira é a de que as amostras foram do tipo não-probabilísticas, não podendo ser consideradas como representativas da população brasileira, nem mesmo da paraibana, pois foram constituídas exclusivamente por estudantes participantes de grupos acadêmicos, devendo-se portanto ponderar as generalizações dos resultados. Além disso, a amostra foi eminentemente feminina, aspecto que também precisa ser considerado.

Outra limitação ressaltada diz respeito ao fato de que, por se tratar de um construto relacionado a violência, o comportamento estudado pela tese pode ter sido recriminado pela sociedade, ou seja, pode ter havido a desejabilidade social, que influencia os participantes a responderem de forma tendenciosa. Tal aspecto pode ter interferido por exemplo nas respostas

em torno da Agressão Direta, dimensão que apresentou menor incidência de envolvimento em detrimento do Controle/Monitoramento. Desse modo, recomenda-se novos estudos que possam controlar essa variável por meio de uma medida de desejabilidade social. Finalmente, destaca-se ainda o uso de uma única rota afetiva (ciúme), entre um conjunto de afetos que podem predispor ao ADRA, não sendo portanto suficiente para explicar o fenômeno sozinha. No entanto outros vies podem estar interferindo como: hostilidade, afetos negativos, raiva. Do mesmo modo, se aplica aos fatores pessoais e situacionais.

Nesta perspectiva, torna-se necessário estudos adicionais que possam superar essas limitações, bem como possam testar outras variáveis e/ou relações mais complexas. Entende-se que quanto mais fatores de risco puderem ser elucidados, melhores serão os esforços de intervenção a fim de reduzir tal comportamento. Além disso destaca-se a importância da realização de estudos longitudinais, experimentais, transculturais, e pesquisas que levem a cabo planos de intervenções eficazes para minimização do ADRA. Sugerem-se ainda estudos que permitam explorar melhor a relação entre representação social e comportamento, demonstrando se representações, crenças e atitudes podem predispor comportamentos de abuso online entre parceiros, ou ainda, de violência presencial

Posto isso, conclui-se que o ADRA é um fenômeno complexo, multicausal, e que uma visão pluridimensional e um embasamento teórico torna-se imprescindível para qualquer intervenção junto a esse problema. Nesse sentido, espera-se que a presente tese possa contribuir apontando caminhos para futuras investigações; bem como, na construção de programas de prevenção do ADRA, pautadas no fortalecimento dos recursos subjetivos (habilidades emocionais e sociais, que inclui assertividade, empatia); na educação dos jovens quanto ao uso adequado das tecnologias, e no uso de estratégias de mudança das atitudes positivas frente ao ADRA, a exemplo do ciúme como prova de amor.

REFERÊNCIAS

- Abric, J. C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. *Estudos interdisciplinares de representação social*, 2(1998), 27-38.
- Alleyne-Green, B., Grinnell-Davis, C., Clark, T. T., Quinn, C. R., & Cryer-Coupet, Q. R. (2016). Father involvement, dating violence, and sexual risk behaviors among a national sample of adolescent females. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(5), 810-830. doi: 10.1177/0886260514556762.
- Allen, J. J., & Anderson, C. A. (2017). General aggression model. *The International Encyclopedia of Media Effects*, 1-15.
- Almeida, T., & Lourenço, M. L. (2011). Ciúme romântico: Um breve histórico, perspectivas, concepções correlatadas e seus desdobramentos para os relacionamentos amorosos. *Revista de Psicologia*, 2(2).
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual review of psychology*, 53.
- Baroncelli, L. (2011). Amor e ciúme na contemporaneidade: reflexões psicossociológicas. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 163-170.
- Barlett, C. P., & Anderson, C. A. (2012). Direct and indirect relations between the big 5 personality traits and aggressive and violent behavior. *Personality and Individual Differences*, 52(8), 870-875. doi:10.1016/j.paid.2012.01.029.
- Barreira, A. K., Lima, M. L. C. & Avanci, J. Q. (2013). Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do recife, Brasil: prevalência e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(1), 233-243. doi:10.1590/S1413-81232013000100024.
- Barros, É. N. D., Silva, M. A., Falbo Neto, G. H., Lucena, S. G., Ponzo, L., & Pimentel, A. P. (2016). Prevalence and factors associated with intimate partner violence among women in Recife/Pernambuco, Brazil. *Ciencia & Saude Coletiva*, 21(2), 591-598.

- Batanova, M., & Loukas, A. (2014). Unique and interactive effects of empathy, family, and school factors on early adolescents' aggression. *Journal of Youth and Adolescence*, 43(11), 1890-1902. doi:10.1007/s10964-013-0051-1
- Bates, S. (2017). Revenge porn and mental health: A qualitative analysis of the mental health effects of revenge porn on female survivors. *Feminist Criminology*, 12(1), 22-42.
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2017). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Editora Vozes Limitada.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Zahar.
- Behnken, M. P., Duan, Y., Temple, J. R., & Wu, Z. H. (2018). Injury and psychiatric disorder in low-income women experiencing bidirectional intimate partner violence. *Violence and Victims*, 33(2), 259-274. doi: 10.1891/0886-6708.VV-D-15-00066.
- Beserra, M. A., Leitão, M. N. D. C., Fernandes, M. I. D., Scatena, L., Vidinha, T. S. D. S., Silva, L. M. P. D., & Ferriane, M. D. G. D. C. (2015). Prevalência de Violência no Namoro entre Adolescentes de Escolas Públicas de Recife/Pe: Brasil. *Revista de Enfermagem Referência*, (7), 91-99. doi: 10.12707/RIV15006
- Borrajo, E., Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2015a). Cyber dating abuse: prevalence, context, and relationship with offline dating aggression. *Psychological Reports*, 116(2), 565-585. doi: 10.2466/21.16.PR0.116k22w4
- Borrajo, E., Gámez Guadix, M., & Calvete, E. (2015b). Justification beliefs of violence, myths about love and cyber dating abuse. *Psicothema*, 27(4), 327-333. doi: 10.7334/psicothema2015.59.
- Borrajo, E., Gámez-Guadix, M., Pereda, N., & Calvete, E. (2015c). The development and validation of the cyber dating abuse questionnaire among young couples. *Computers in Human Behavior*, 48, 358-365. doi: 10.1016/j.chb.2015.01.063.

- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York: Guilford Press.
- Brownridge, D. A., Taillieu, T., Chan, K. L., & Piotrowski, C. (2018). Understanding the Elevated Prevalence of Intimate Partner Violence in Interracial Relationships. *Journal of interpersonal violence*, 0886260518781803. doi: [10.1177/0886260518781803](https://doi.org/10.1177/0886260518781803)
- Burke, S. C., Wallen, M., Vail-Smith, K., & Knox, D. (2011). Using technology to control intimate partners: An exploratory study of college undergraduates. *Computers in Human Behavior*, 27, 1162-1167. doi: [10.1016/j.chb.2010.12.010](https://doi.org/10.1016/j.chb.2010.12.010)
- Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modeling with Amos: Basic concepts, applications, and programming*. New York: Routledge.
- Caridade, S. M., & Braga, T. (2019). Versão portuguesa do Cyber Dating Abuse Questionnaire (CDAQ)-Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN): Adaptação e propriedades psicométricas. *Análise Psicológica*, 37(1), 93-105. doi: [10.14417/ap.1543](https://doi.org/10.14417/ap.1543).
- Cava, M. J., & Buelga, S. (2018). Propiedades psicométricas de la Escala de Ciber-Violencia en Parejas Adolescentes (Cib-VPA). *Suma Psicológica*, 25(1), 51-61. doi: [10.14349/sumapsi.2018.v25.n1](https://doi.org/10.14349/sumapsi.2018.v25.n1).
- Cavalcanti, J. G., & Pimentel, C. E. (2016). Personality and aggression: A contribution of the General Aggression Model. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(3), 443-451. doi: [10.1590/1982-02752016000300008](https://doi.org/10.1590/1982-02752016000300008)
- Cavalcanti, J. G. Coutinho, M. P. L; Nascimento, A.M. & Pinto, A. V. L.(*no prelo*). Propriedades Psicométricas do Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos. *PSICO-USF*.
- Christofides, E., Muise, A., & Desmarais, S. (2009). More information than you ever wanted: Does facebook bring out the green-eyed monster of jealousy? *Cyber Psychology & Behavior*, 12(4), 441-444.

- Citron, D. K., & Franks, M. A. (2014). Criminalizing revenge porn. *Wake Forest L. Rev.*, 49, 345.
- Conceição, T. B., Bolsoni, C. C., Lindner, S. R., & Coelho, E. B. S. (2018). Assimetria e simetria de gênero na violência por parceiro íntimo em pesquisas realizadas no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23, 3597-3607.
- Crane, C. A., Umehira, N., Berbary, C., & Easton, C. J. (2018). Problematic alcohol use as a risk factor for cyber aggression within romantic relationships. *The American Journal on Addictions*, 27(5), 400-406. doi: 10.1111/ajad.12736.
- Crowne, D. P., & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology*, 24(4), 349-354. doi: 10.1037/h0047358.
- Cutbush, S., Williams, J., Miller, S., Gibbs, D., & Clinton-Sherrod, M. (2012). Electronic dating aggression among middle school students: Demographic correlates and associations with other types of violence. In *Poster presented at the American Public Health Association, annual meeting*(pp. 27-31).
- Daspe, M. È., Vaillancourt-Morel, MP, Lussier, Y. & Sabourin, S. (2018). Uso do Facebook, inveja do Facebook e perpetração de violência por parceiro íntimo. *Ciberpsicologia, comportamento e redes sociais* , 21 (9), 549-555.
- Dank, M., Lachman, P., Zweig, J. M., & Yahner, J. (2014). Dating violence experiences of lesbian, gay, bisexual, and transgender youth. *Journal of Youth and Adolescence*, 43(5), 846-857. doi: 10.1007/s10964-013-9975-8.
- Deans, H., & Bhogal, M. S. (2017). Perpetrating cyber dating abuse: a brief report on the role of aggression, romantic jealousy and gender. *Current Psychology*, 1-6. doi: 10.1007/s12144-017-9715-4.

- DeHue, F., Bolman, C., & Völlink, T. (2008). Cyberbullying: Youngsters' experiences and parental perception. *CyberPsychology & Behavior*, 11(2), 217-223. doi: 10.1089/cpb.2007.0008.
- Denegri-Knott, J., & Taylor, J. (2005). The labeling game: A conceptual exploration of deviance on the Internet. *Social Science Computer Review*, 23(1), 93-107. doi: 10.1177/0894439304271541.
- Dick, R. N., McCauley, H. L., Jones, K. A., Tancredi, D. J., Goldstein, S., Blackburn, S., ... & Miller, E. (2014). Cyber dating abuse among teens using school-based health centers. *Pediatrics*, 134(6), e1560-e1567. doi: [10.1542/peds.2014-0537](https://doi.org/10.1542/peds.2014-0537)
- Didden, R., Scholte, R. H. J., Korzilius, H., de Moor, J. M. H., Vermeulen, A., O'Reilly, M., . . . Lancioni, G. E. (2009). Cyberbullying among students with intellectual and developmental disability in special education settings. *Developmental Neurorehabilitation*, 12, 146–151. doi:10.1080/17518420902971356.
- Doucette, H., Collibee, C., Hood, E., Gittins Stone, D. I., DeJesus, B., & Rizzo, C. J. (2018). Perpetration of electronic intrusiveness among adolescent females: associations with in-person dating violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 0886260518815725. doi: 10.1177/0886260518815725
- Durán, M., & Martínez-Pecino, R. (2015). Ciberacoso mediante teléfono móvil e Internet en las relaciones de noviazgo entre jóvenes. *Comunicar*, 22(44), 159-167. doi: 10.3916/C44-2015-17.
- East, P. L., & Hokoda, A. (2015). Risk and protective factors for sexual and dating violence victimization: A longitudinal, prospective study of Latino and African American adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 44(6), 1288-1300. doi: 10.1007/s10964-015-0273-5.

- Elísio, R., Neves, S., & Paulos, R. (2018). A violência no namoro em casais do mesmo sexo: discursos de homens gays. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (117), 47-72. doi: 10.4000/rccs.8149.
- Fernandes, A. R. (2010). O poder nas relações conjugais: uma investigação fenomenológica sobre as relações de poder no casamento. *São Paulo: Annablume*.
- Flach, R. M. D., & Deslandes, S. F. (2017). Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. *Cadernos de Saúde Pública*, 33(7), e00138516. doi: 10.1590/0102-311X00138516.
- Foshee, V. A., Reyes, H. L. M., Vivolo-Kantor, A. M., Basile, K. C., Chang, L. Y., Faris, R., & Ennett, S. T. (2014). Bullying as a longitudinal predictor of adolescent dating violence. *Journal of Adolescent Health*, 55(3), 439-444. doi: 10.1016/j.jadohealth.2014.03.004
- Foshee, V. A., Benefield, T., Dixon, K. S., Chang, L. Y., Senkomago, V., Ennett, S. T., ... & Bowling, J. M. (2015). The effects of moms and teens for safe dates: A dating abuse prevention program for adolescents exposed to domestic violence. *Journal of Youth and Adolescence*, 44(5), 995-1010. doi: 10.1007/s10964-015-0272-6.
- Gouveia, V. V. & Soares, A. K. S. (2015). Calculadora de validade de construto CVC, João Pessoa, PB: BNCS/ Universidade Federal da Paraíba. Retrieved from <http://akssoares.com/psicometria/calculadora-vme-e-cc>
- Hamby, S. (2013). The Partner Cyber Abuse Questionnaire: Preliminary psychometrics of technology-based intimate partner violence. In *Annual Convention of the Southeastern Psychological Association, Atlanta, GA*.
- Hancock, K., Keast, H., & Ellis, W. (2017). The impact of cyber dating abuse on self-esteem: The mediating role of emotional distress. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 11(2).doi: 10.5817/CP2017-2-2

- Harrell, F. E., & Dupont, C. (2018). *Hmisc: harrell miscellaneous* (Version 4.1.1) [Computer software]. Retrieved from <https://cran.r-project.org/web/packages/Hmisc/Hmisc.pdf>
- Hipwell, A. E., Stepp, S. D., Keenan, K., Allen, A., Hoffmann, A., Rottingen, L., & McAloon, R. (2013). Examining links between sexual risk behaviors and dating violence involvement as a function of sexual orientation. *Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology*, 26(4), 212-218. doi: 10.1016/j.jpag.2013.03.002.
- Hu, L-T., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, 6, 1–55. doi: [10.1080/10705519909540118](https://doi.org/10.1080/10705519909540118)
- Hutz, C. S., Bandeira, D. R., & Trentini, C. M. (2015). *Psicometria*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Jodelet, D., & Moscovici, S. (1989). *Folies et représentations sociales*. Presses universitaires de France.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. *As representações sociais*, 17-44
- Kaufman-Parks, AM, Longmore, MA, Giordano, PC, Manning, WD (2018). Indução de ciúme e violência por parceiro íntimo entre jovens adultos. *Jornal de Relações Sociais e Pessoais* , 0265407518802451.
- Kimerling, R., Iverson, K. M., Dichter, M. E., Rodriguez, A. L., Wong, A., & Pavao, J. (2016). Prevalence of intimate partner violence among women veterans who utilize Veterans Health Administration primary care. *Journal of General Internal Medicine*, 31(8), 888-894.
- Kline, P. (2013). *Handbook of Psychological Testing*. London: Routledge.

- Kokkinos, C. M., Karagianni, K., & Voulgaridou, I. (2017). Relational aggression, big five and hostile attribution bias in Adolescents. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 52, 101-113. doi: 10.1016/j.appdev.2017.07.007
- Kowalski, R. M., Giumetti, G. W., Schroeder, A. N., & Lattanner, M. R. (2014). Bullying in the digital age: A critical review and meta-analysis of cyberbullying research among youth. *Psychological Bulletin*, 140(4), 1073.
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2006). FACTOR: A computer program to fit the exploratory factor analysis model. *Behavior Research Methods*, 38, 88-91. doi: 10.3758/BF03192753
- Lu, Y., Van Ouytsel, J., Walrave, M., Ponnet, K., & Temple, J. R. (2018). Cross-sectional and temporal associations between cyber dating abuse victimization and mental health and substance use outcomes. *Journal of Adolescence*, 65, 1-5. doi: 10.1016/j.adolescence.2018.02.009
- Lucero, J. L., Weisz, A. N., Smith-Darden, J., & Lucero, S. M. (2014). Exploring gender differences: Socially interactive technology use/abuse among dating teens. *Affilia*, 29(4), 478-491. doi: 10.1177/0886109914522627.
- Machimbarrena, J., Calvete, E., Fernández-González, L., Álvarez-Bardón, A., Álvarez-Fernández, L., & González-Cabrera, J. (2018). Internet risks: An overview of victimization in cyberbullying, cyber dating abuse, sexting, online grooming and problematic internet use. *International Journal of Eenvironmental Research and Public Health*, 15(11), 2471. doi: 10.3390/ijerph15112471
- Marchand, P., & Ratinaud, P. (2012). L'analyse de similitude appliquée aux corpus textuels: les primaires socialistes pour l'élection présidentielle française (septembre-octobre 2011). *Actes des 11eme Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles*. JADT, 2012, 687-699.

- Marganski, A., & Fauth, K. (2013). Socially interactive technology and contemporary dating a cross-cultural exploration of deviant behaviors among young adults in the modern, evolving technological world. *International Criminal Justice Review*, 23(4), 357-377. doi: 10.1177/1057567713513797.
- Marganski, A., & Melander, L. (2015). Intimate partner violence victimization in the cyber and real world: examining the extent of cyber aggression experiences and its association with in-person dating violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-25. doi: 10.1177/0886260515614283.
- McGlynn, C., Rackley, E., & Houghton, R. (2017). Beyond 'Revenge Porn': The continuum of image-based sexual abuse. *Feminist Legal Studies*, 25(1), 25-46.
- Melander, L. A. (2010). College students' perceptions of intimate partner cyber harassment. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 13(3), 263-268. doi: 10.1089=cyber.2009.0221.
- Miller, E., Goldstein, S., McCauley, H. L., Jones, K. A., Dick, R. N., Jetton, J., ... & Tancredi, D. J. (2015). A school health center intervention for abusive adolescent relationships: A cluster RCT. *Pediatrics*, 135(1), 76-85. <http://www.ncjrs.gov/App/publications/abstract.aspx?ID=270767>
- Moraes, C. L. D., Oliveira, A. G., Reichenheim, M. E., Gama, S. G. N. D., & Leal, M. D. C. (2017). Prevalência de violência física entre parceiros íntimos nos primeiros seis meses após o parto no Município do Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saude Publica*, 33, e00141116. doi: 10.1590/0102-311X00141116 .
- Moraes, C. L., Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento "Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)" utilizado para identificar violência entre casais. *Cadernos de Saúde Pública*, 18(1), 163-76. doi: 10.1590/S0102-311X2002000100017

- Morelli, M., Bianchi, D., Chirumbolo, A., & Baiocco, R. (2018). The cyber dating violence inventory. Validation of a new scale for online perpetration and victimization among dating partners. *European Journal of Developmental Psychology*, 15(4), 464-471. doi: 10.1080/17405629.2017.1305885.
- Moscovici, S. (1981). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: Press Universitaires de France.
- Moscovici, S. (2012). *A Psicanálise, sua Imagem e seu Público*. Petrópolis: Vozes
- Muñoz-Rivas, M. J., Gámez-Guadix, M., Graña, J. L., & Fernández, L. (2010). Violencia en el noviazgo y consumo de alcohol y drogas ilegales entre jóvenes españoles [Relationship between dating violence and use of alcohol and illegal drugs in Spanish adolescents and young adults]. *Adicciones*, 22, 125-134.
- Muthén, L. K., & Muthén, B. O. (2010). *Mplus: The comprehensive modeling program for applied research* (6th ed.). Los Angeles, CA: Muthén&Muthén.
- Nagamatsu, M., Hamada, Y., & Hara, K. (2016). Factors associated with recognition of the signs of dating violence by Japanese junior high school students. *Environmental Health and Preventive Medicine*, 21(1), 9. doi: 10.1007/s12199-015-0491-1.
- Neves, S. (2008), *Amor, poder e violências na intimidade*. Coimbra: Quarteto.
- Neves, A., & Duarte, C. (2015). Sintomas depressivos, resolução de conflitos e satisfação conjugal em indivíduos num relacionamento. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 16(3), 331-344. doi: 10.15309/15psd160305.
- Niolon, P. H., Vivolo-Kantor, A. M., Latzman, N. E., Valle, L. A., Kuoh, H., Burton, T., . . . Tharp, A. T. (2015). Prevalence of teen dating violence and co-occurring risk factors among middle school youth in high-risk urban communities. *Journal of Adolescent Health*, 56(2, Suppl 2), S5-S13. doi:10.1016/j.jadohealth.2014.07.019.

- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G., Njaine, K., & Pires, T. O. (2016). Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(3), e32323. doi:10.1590/0102-3772e32323.
- Olweus, D. (2013). School bullying: Development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology*, 9, 751-780. doi: 10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516.
- Paiva, T. T., Pimentel, C. E., & Moura, G. B. D. (2017). Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 10(2), 215-227. Retrieved from https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=violencia+satisfa%C3%A7%C3%A3o+auto+estima+conjugal&btnG=
- Pacico, J.C. & Hutz, C.S. (2015). Validade. In C.S.Hutz, D.R.Bandeira & C.M.Trentini (Orgs.), *Psicometria* (pp. 71-84). Porto Alegre: ArtMed.
- Paiva, T. T. (2018). Violência entre parceiros íntimos e suas relações com os gatilhos de agressão. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba. <http://creativecommons.org/licenses/by-nd/3.0/br/>
- Pasquali, L. (2009). *Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas*. Artmed Editora.
- Peskin, M. F., Markham, C. M., Shegog, R., Temple, J. R., Baumler, E. R., Addy, R. C., ... & Emery, S. T. (2017). Prevalence and correlates of the perpetration of cyber dating abuse among early adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 46(2), 358-375. doi: 10.1007/s10964-016-0568-1.
- Pimentel, C. E., Moura, G. B. D., & Cavalcanti, J. G. (2017). Acceptance of Dating Violence Scale: Checking its psychometric properties. *Psico-USF*, 22(1), 147-159. doi: 10.1590/1413-82712017220113

- Ramos, M. C., Miller, K. F., Moss, I. K., & Margolin, G. (2017). Perspective-taking and empathy mitigate family-of-origin risk for electronic aggression perpetration toward dating partners: a brief report. *Journal of Interpersonal Violence*, 0886260517747605. doi: 10.1177/0886260517747605
- R Development Core Team. (2011). *R: A language and environment for statistical computing*. Vienna, Austria: R Foundation for Statistical Computing.
- Reed, L. A., Tolman, R. M., & Ward, L. M. (2016). Snooping and sexting: digital media as a context for dating aggression and abuse among college students. *Violence Against Women*, 22(13), 1556-1576. doi: 10.1177/1077801216630143.
- Reed, L. A., Tolman, R. M., & Ward, L. M. (2017). Gender matters: Experiences and consequences of digital dating abuse victimization in adolescent dating relationships. *Journal of Adolescence*, 59, 79-89. doi: /10.1016/j.adolescence.2017.05.015.
- Revelle, W. R. (2018). *Psych: Procedures for personality and psychological research* (Version 1.8.4) [Computer software]. Retrieved from <https://cran.r-project.org/web/packages/psych/psych.pdf>.
- Reyes, H. L. M., Foshee, V. A., Tharp, A. T., Ennett, S. T., & Bauer, D. J. (2015). Substance use and physical dating violence: the role of contextual moderators. *American Journal of Preventive Medicine*, 49(3), 467-475. doi: 10.1016/j.amepre.2015.05.018.
- Rueda, H. A., Lindsay, M., & Williams, L. R. (2015). "She Posted It on Facebook" mexican american adolescents' experiences with technology and romantic relationship conflict. *Journal of Adolescent Research*, 30(4), 419-445. doi: 10.1177/0743558414565236.
- Runions, K., Shapka, J. D., Dooley, J., & Modecki, K. (2013). Cyber-aggression and victimization and social information processing: Integrating the medium and the message. *Psychology of Violence*, 3(1), 9-26. doi: 10.1037/a0030511.

- Rusbult, C. E. (1983). A longitudinal test of the investment model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvements. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45(1), 101-117. doi: 10.1037/0022-3514.45.1.101
- Sánchez, V., Muñoz-Fernández, N., & Ortega-Ruíz, R. (2015). “Cyberdating Q_A”: An instrument to assess the quality of adolescent dating relationships in social networks. *Computers in Human Behavior*, 48, 78-86. doi: 10.1016/j.chb.2015.01.006.
- Santos, A. M. R., & Caridade, S. M. M. (2017). Violência nas relações íntimas entre parceiros do mesmo sexo: estudo de prevalência. *Trends in Psychology*, 25(3), 1341-1356. doi: 10.9788/tp2017.3-19pt.
- Schnurr, M. P., Mahatmya, D., & Basche, R. A. III. (2013). The role of dominance, cyber aggression perpetration, and gender on emerging adults' perpetration of intimate partner violence. *Psychology of Violence*, 3(1), 70-83. doi:10.1037/a0030601
- Scorsolini-Comin, F., & dos Santos, M. A. (2010). Satisfação com a vida e satisfação diádica: correlações entre construtos de bem-estar. *Psico-USF*, 15(2), 249-256. <https://www.redalyc.org/pdf/4010/401036080012.pdf>
- Shapiro, A., & Ten Berge, J. M. (2002). Statistical inference of minimum rank factor analysis. *Psychometrika*, 67, 79-94. doi: 10.1007/BF02294710
- Slonje, R., & Smith, P. K. (2008). Cyberbullying: Another main type of bullying?. *Scandinavian Journal of Psychology*, 49(2), 147-154. doi: 10.1111/j.1467-9450.2007.00611.x.
- Smith-Darden, J. P., Kernsmith, P. D., Victor, B. G., & Lathrop, R. A. (2017). Electronic displays of aggression in teen dating relationships: Does the social ecology matter?. *Computers in Human Behavior*, 67, 33-40. doi: 10.1016/j.chb.2016.10.015.

- Smith, K., Cénat, J. M., Lapierre, A., Dion, J., Hébert, M., & Côté, K. (2018). Cyber dating violence: Prevalence and correlates among high school students from small urban areas in Quebec. *Journal of Affective Disorders*, 234, 220-223. doi: 10.1016/j.jad.2018.02.043.
- Stanger, N., Kavussanu, M., McIntyre, D., & Ring, C. (2016). Empathy inhibits aggression in competition: the role of provocation, emotion, and gender. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 38, 4-14. doi:10.1123/jsep.2014-0332
- Stöber, J. (2001). The Social Desirability Scale-17 (SDS-17): Convergent validity, discriminant validity, and relationship with age. *European Journal of Psychological Assessment*, 17(3), 222-232. doi: 10.1027//1015-5759.17.3.222
- Stonard, K. E., Bowen, E., Lawrence, T. R., & Price, S. A. (2014). The relevance of technology to the nature, prevalence and impact of adolescent dating violence and abuse: A research synthesis. *Aggression and Violent Behavior*, 19(4), 390-417. doi: 10.1016/j.avb.2014.06.005.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using multivariate statistics* (6th ed.). Boston, MA: Allyn and Bacon.
- Temple, J. R., Choi, H. J., Brem, M., Wolford-Clevenger, C., Stuart, G. L., Peskin, M. F., & Elmquist, J. (2016). The temporal association between traditional and cyber dating abuse among adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 45(2), 340-349. doi: 10.1016/j.jadohealth.2016.03.034.
- Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality assessment of ordered polytomous items with parallel analysis. *Psychological Methods*, 16(2), 209-220. doi: 10.1037/a0023353
- Tomaél, M. I., Alcará, A. R., & Di Chiara, I. G. (2005). Das redes sociais à inovação. *Ciência da informação*, 34(2). 93-104. <http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28559.pdf/>

- Troxel, W. M., Braithwaite, S. R., Sandberg, J. G., & Holt-Lunstad, J. (2017). Does improving marital quality improve sleep? Results from a marital therapy trial. *Behavioral Sleep Medicine*, 15(4), 330-343. doi: 10.1080/15402002.2015.1133420
- Turell, S. C., Brown, M., & Herrmann, M. (2018). Disproportionately high: an exploration of intimate partner violence prevalence rates for bisexual people. *Sexual and Relationship Therapy*, 33(1-2), 113-131. doi: 10.1080/14681994.2017.1347614
- Twyman, K., Saylor, C., Taylor, L. A., & Comeaux, C. (2010). Comparing children and adolescents engaged in cyberbullying to matched peers. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 13, 195–199. doi:10.1089/cyber.2009.0137
- Vala, J. (2013). *Psicologia Social*. 9ª Ed. Lisboa:Fundação Calouste Gulbenkian.
- Van Ouytsel, J., Ponnet, K., & Walrave, M. (2016). Cyber dating abuse victimization among secondary school students from a lifestyle-routine activities theory perspective. *Journal of Interpersonal Violence*, 0886260516629390. doi: 10.1177/0886260516629390.
- Van Ouytsel, J., Torres, E., Choi, H. J., Ponnet, K., Walrave, M., & Temple, J. R. (2017a). The associations between substance use, sexual behaviors, bullying, deviant behaviors, health, and cyber dating abuse perpetration. *The Journal of School Nursing*, 33(2), 116-122. doi: 10.1177/1059840516683229.
- Van Ouytsel, J., Ponnet, K., Walrave, M., & Temple, J. R. (2017b). Adolescent cyber dating abuse victimization and its associations with substance use, and sexual behaviors. *Public Health*, 135, 147-151. doi: 10.1016/j.puhe.2016.02.011.
- Van Ouytsel, J., Ponnet, K., & Walrave, M. (2017c). Cyber dating abuse: investigating digital monitoring behaviors among adolescents from a social learning perspective. *Journal of Interpersonal Violence*, 0886260517719538. doi: 10.1177/0886260517719538
- Wachelke, J. R., De Andrade, A. L., Souza, A. M., & Cruz, R. M. (2007). Estudo complementar da validade fatorial da Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamento e

- predição de satisfação global com a relação. *Psico-USF*, 12 (2), 221-225. doi: 10.1590/S1413-82712007000200010.
- Watkins, L. E., Maldonado, R. C., & DiLillo, D. (2016). The Cyber Aggression in Relationships Scale: a new multidimensional measure of technology-based intimate partner aggression. *Assessment*, 1073191116665696. 1-19. doi: 10.1177/1073191116665696
- Wolford-Clevenger, C., Zapor, H., Brasfield, H., Febres, J., Elmquist, J., Brem, M., ... & Stuart, G. L. (2016). An examination of the Partner Cyber Abuse Questionnaire in a college student sample. *Psychology of Violence*, 6(1): 156–162. doi:10.1037/a0039442.
- Wright, M. F. (2015). Cyber aggression within adolescents' romantic relationships: Linkages to parental and partner attachment. *Journal of Youth and Adolescence*, 44(1), 37-47. doi: 10.1007/s10964-014-0147-2.
- Wu, E., El-Bassel, N., McVinney, L. D., Hess, L., Fopeano, M. V., Hwang, H. G., ... & Mansergh, G. (2015). The association between substance use and intimate partner violence within Black male same-sex relationships. *Journal of interpersonal violence*, 30(5), 762-781.
- Yahner, J., Dank, M., Zweig, J. M., & Lachman, P. (2015). The co-occurrence of physical and cyber dating violence and bullying among teens. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(7), 1079-1089. doi: 10.1177/0886260514540324.
- Zerubavel, N., Messman-Moore, T. L., DiLillo, D. e Gratz, K. L. (2018). O abuso sexual na infância e o medo do abandono moderam a relação entre a violência praticada pelo parceiro íntimo e a gravidade da dissociação. *Journal of Trauma & Dissociation*, 19 (1), 9-24.
- Zweig, J. M., Dank, M., Yahner, J., & Lachman, P. (2013a). The rate of cyber dating abuse among teens and how it relates to other forms of teen dating violence. *Journal of Youth and Adolescence*, 42(7), 1063-1077. doi: 10.1007/s10964-013-9922-8.

Zweig, J. M., Lachman, P., Yahner, J., & Dank, M. (2013b). Correlates of cyber dating abuse among teens. *Journal of Youth and Adolescence*, 43(8), 1306-1321. doi: 10.1007/s10964-013-0047-x

.

APENDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa tem por título "**ABUSO DIGITAL NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS: UMA NOVA MODALIDADE DE VIOLÊNCIA**" e está sendo desenvolvida pela pesquisadora Jaqueline Gomes Cavalcanti, aluna do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Professora Dra. Maria da Penha de Lima Coutinho.

Resolvemos estudar a seguinte temática, pois o abuso digital tem se constituído um comportamento recorrente entre jovens casais, apresentando alta prevalência e consequências biológicas, sociais e psicológicas aos envolvidos, **justificando**-se assim a importância do estudo dessa tema.

Os **objetivos** do estudo são: a) identificar a prevalência do abuso digital nos relacionamentos dos jovens que participarão da pesquisa; b) analisar a relação entre depressão e bullying no contexto da adolescência; compreender as representações sociais dos jovens acerca do abuso digital nos relacionamentos; d) Adaptar e validar uma escala de *aferição de abuso nos relacionamentos amorosos*; e) *verificar a relação do abuso digital nos relacionamentos com a violência no relacionamento e satisfação no relacionamento*.

A finalidade deste trabalho é contribuir para um maior fortalecimento teórico conceitual acerca dos construtos, com dados empíricos gerados no contexto brasileiro, que revertam efetivamente em prevenção e promoção de políticas públicas sociais e da saúde para os envolvidos, bem como na intervenção eficaz.

Para participar dessa pesquisa será necessário que você esteja em algum relacionamento amoroso atualmente ou tenha estados em algum momento. Nessa pesquisa não será realizada nenhuma intervenção ou modificação intencional nas variáveis fisiológicas ou psicológicas e sociais dos indivíduos, bem como, não será realizado nenhum procedimentos invasivo à sua intimidade. Portanto, os **riscos** desse estudo serão mínimos, como por exemplo: fadiga, desconforto, constrangimento. Caso sejam identificados e comprovados danos mais severos provenientes desta pesquisa, lhe será assegurado o direito à indenização. Além disso será oferecido todas as condições de acompanhamento, tratamento, assistência incondicional, e orientação, conforme o caso, enquanto necessário

Como **benefícios** essa pesquisa tem a finalidade de contribuir para a construção do conhecimento sobre a temática referida, ampliando a literatura científica e viabilizando, para além do contexto acadêmico, a expansão do debate na sociedade. Espera-se ainda: publicar artigos e apresentações científicas acerca do tema; e auxiliar na formação de intervenções eficazes que reduza esse tipo de agressão.

Solicitamos a sua colaboração respondendo a um questionário e uma entrevista referente ao tema citado, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, o seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que a participação no estudo é voluntária e, portanto, o senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela

Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa por meio do e-mail: gomes.jaqueline@gmail.com
Ao selecionar a opção concordo, estou concordando em participar da pesquisa

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) Jaqueline Gomes Cavalcanti e Maria da Penha de Lima Coutinho (Setor de Trabalho): Universidade Federal da Paraíba Campus I – Cidade universitária – CCHLA, Ambiente 11.

Telefone: 3216-7675 – E-mail: gomes.jaqueline@gmail.com; mplcoutinho@gmail.com

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando salvaguardar a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar do participante da pesquisa.

APENDICE B -
TÉCNICA DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS (TALP)

1. Digite rapidamente as palavras que vêm à mente quando você pensa em :

Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____

ANEXO A -

QUESTIONÁRIO DE ABUSO DIGITAL NO NAMORO

INSTRUÇÕES: Esta é uma lista de comportamentos que você e seu parceiro ou ex-parceiro podem ter participado por meio de novas tecnologias (Internet, redes sociais, e-mail ... e aplicativos de celular, como Whatsapp, SMS, chamadas). Por favor, marque quantas vezes você e seu parceiro ou ex-parceiro fizeram algumas dessas coisas no último ano.

1= Nunca. Isso nunca aconteceu em nosso relacionamento

2= Não no ano passado, mas aconteceu antes

3= Raramente. Aconteceu 1 ou 2 vezes.

4= Às vezes. Ocorreu entre 3 e 10 vezes

5 = Frequentemente. Aconteceu entre 11 e 20 vezes.

6 = Geralmente. Aconteceu mais de 20 vezes.

1A. Meu parceiro ou ex parceiro controlou minhas atualizações de <i>status</i> da minha rede social	1	2	3	4	5	6
1B. Controlei as atualizações de status da rede social do meu parceiro ou do ex-parceiro	1	2	3	4	5	6
(2) 4A. Meu parceiro ou ex-parceiro escreveu um comentário em um mural de uma rede social para me insultar ou me humilhar	1	2	3	4	5	6
(2) 4B. Eu escrevi um comentário no mural de uma rede social para insultar ou humilhar meu parceiro ou ex-parceiro	1	2	3	4	5	6
(3)5A. Meu parceiro ou ex parceiro usou minhas senhas (telefone, redes sociais, e-mail) para pesquisar minhas mensagens e / ou contatos sem permissão	1	2	3	4	5	6
5B. Eu utilizei senhas (telefone, rede social, e-mail) do meu parceiro ou ex parceiro para pesquisar suas mensagens e / ou contatos sem a permissão dele.	1	2	3	4	5	6
6A. Meu parceiro ou ex-parceiro espalhou segredos e / ou informações comprometedoras sobre mim usando novas tecnologias.	1	2	3	4	5	6
6B. Eu espalhei segredos e / ou informações comprometedoras sobre meu parceiro ou ex-parceiro usando novas tecnologias	1	2	3	4	5	6
7A. Meu parceiro ou ex-parceiro verificou a hora da minha última conexão com aplicativos móveis.	1	2	3	4	5	6
7B. Eu verifiquei a hora da última conexão do meu parceiro ou do ex-parceiro para aplicativos móveis.	1	2	3	4	5	6
9A. Meu parceiro ou ex-parceiro usou novas tecnologias para fingir ser eu e causar problemas.	1	2	3	4	5	6
9B. Eu usei novas tecnologias para fingir ser meu parceiro ou ex-parceiro e causar problemas.	1	2	3	4	5	6
11A. Meu parceiro ou ex-parceiro inspecionou minhas redes sociais, Whatsapp ou e-mail sem minha permissão.	1	2	3	4	5	6
11B. Eu inspecionei as redes sociais, o Whatsapp ou o email do meu parceiro sem a permissão dele/dela.	1	2	3	4	5	6
13A. Meu parceiro ou ex-parceiro usou novas tecnologias para controlar onde eu estive e com quem.	1	2	3	4	5	6
13B. Eu utilizei novas tecnologias para controlar onde meu parceiro ou ex-parceiro foi e com quem.	1	2	3	4	5	6
15A. Meu parceiro ou ex-parceiro fingiu ser outra pessoa para me testar usando novas tecnologias.	1	2	3	4	5	6
15B. Eu fingi ser outra pessoa usando novas tecnologias para testar meu parceiro ou ex-parceiro.	1	2	3	4	5	6
16A. Meu parceiro ou ex-parceiro publicou música, poemas, frases ... em referência a mim em atualizações de status em sua rede social com a intenção de me insultar ou me humilhar.	1	2	3	4	5	6
16B. Eu publiquei música, poemas, frases ... em referência ao meu parceiro ou ex-	1	2	3	4	5	6

parceiro em atualizações de status na minha rede social com a intenção de insultá-lo ou humilhá-lo.						
17A. Meu parceiro ou ex-parceiro verificou meu telefone sem minha permissão.	1	2	3	4	5	6
17B. Eu inspecionei o celular do meu parceiro ou ex-parceiro sem a permissão dele.	1	2	3	4	5	6
18A. Meu parceiro ou ex-parceiro espalhou rumores, fofocas e / ou piadas sobre mim usando novas tecnologias com a intenção de me ridicularizar.	1	2	3	4	5	6
18B. Eu espalhei rumores, fofocas e / ou piadas sobre meu parceiro ou ex-parceiro usando novas tecnologias com a intenção de ridicularizá-lo.	1	2	3	4	5	6
19A. Meu parceiro ou ex-parceiro me ligou excessivamente para controlar onde eu estava e com quem.	1	2	3	4	5	6
19B. Eu liguei para meu parceiro ou ex-parceiro excessivamente para controlar onde ele / ela estava e com quem.	1	2	3	4	5	6
20A. Meu parceiro ou ex-parceiro controlou as amizades que tenho nas redes sociais.	1	2	3	4	5	6
20B. Eu controlei as amizades do meu parceiro ou ex-parceiro nas redes sociais.	1	2	3	4	5	6

ANEXO B - ESCALA TÁTICAS DE CONFLITO REVISADA

INSTRUÇÕES: “Mesmo que um casal se relacione bem, tem vezes em que um discorda do outro, se chateia com o outro, quer coisas diferentes ou discutem e se agredem apenas porque estão de mau humor, cansados ou por outra razão qualquer. Os casais também têm maneiras diferentes de tentar resolver seus problemas. Esta é uma lista de coisas que podem acontecer quando existem diferenças ou desavenças entre um casal. Por favor, eu gostaria de saber se você e seu (ex)companheiro fizeram cada uma dessas coisas durante a sua gravidez. Para cada uma das coisas que eu vou dizer a seguir, eu gostaria que você me dissesse se já aconteceu desde que você soube que estava grávida”.

Quantas vezes isto aconteceu?

1 = Isso nunca aconteceu

2 = Não de há um ano para cá, mas isso já aconteceu antes

3 = Uma vez, de há um ano para cá

4 = 2 vezes, de há um ano para cá

5 = 3-5 vezes, de há um ano para cá

6 = 6-10 vezes, de há um ano para cá

7 = 11-20 vezes, de há um ano para cá

8 = Mais de 20 vezes, de há um ano para cá

3a. Você insultou ou xingou o seu companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	8
3b. Seu companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
4a. Você jogou alguma coisa no seu companheiro(a) que poderia machucá-lo?	1	2	3	4	5	6	7	8
4b. Seu companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
5a. Você torceu o braço do seu companheiro(a) ou puxou o cabelo dele?	1	2	3	4	5	6	7	8
5b. Seu companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
9a. Você deu um empurrão no seu companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	8
9b. Seu companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
11a. Você usou uma faca ou arma contra o seu companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	8
11b. Seu companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
13a. Você chamou o seu companheiro(a) de gordo/a, feio/a ou alguma coisa parecida?	1	2	3	4	5	6	7	8
13b. Seu companheiro(a) chamou você de gorda/o, feia/o ou alguma coisa parecida?	1	2	3	4	5	6	7	8
14a. Você deu um murro ou acertou o seu companheiro(a) com alguma coisa que pudesse machucar?	1	2	3	4	5	6	7	8
14b. Seu companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
15a. Você destruiu alguma coisa que pertencia ao seu companheiro(a) de propósito?	1	2	3	4	5	6	7	8
15b. Seu companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
17a. Você sufocou ou estrangulou seu companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	8
17b. Seu companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
18a. Você gritou ou berrou com o seu companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	8
18b. Seu companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
19a. Você jogou o seu companheiro(a) contra a parede com força?	1	2	3	4	5	6	7	8

19b. Seu companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
22a. Você deu uma surra no seu companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	8
22b. Seu companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
23a. Você segurou o seu companheiro(a) com força?	1	2	3	4	5	6	7	8
23b. Seu companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
25a. Você virou as costas e foi embora no meio de uma discussão?	1	2	3	4	5	6	7	8
25b. Seu companheiro(a) fez isso?	1	2	3	4	5	6	7	8
27a. Você deu um tabefe ou bofetada no seu companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	8
27b. Seu companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
31a. Você queimou ou derramou líquido quente em seu companheiro(a) de propósito?	1	2	3	4	5	6	7	8
31b. Seu companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
33a. Você acusou o seu companheiro(a) de ser “ruim de cama”?	1	2	3	4	5	6	7	8
33b. Seu companheiro(a) acusou-o(a) disso?	1	2	3	4	5	6	7	8
34a. Você fez alguma coisa para ofender o seu companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	8
34b. Seu companheiro(a) fez isso?	1	2	3	4	5	6	7	8
35a. Você ameaçou acertar ou jogar alguma coisa no seu companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	8
35b. Seu companheiro(a) fez isso?	1	2	3	4	5	6	7	8
37a. Você chutou o seu companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	8
37b. Seu companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8

ANEXO C
ESCALA DE CIUME ROMANTICO

INSTRUÇÕES. Por favor, avalie sua concordância ou discordância com cada item usando as seguintes diretrizes:

	1 Discordo totalmente	2 Discordo em parte	3 Nem concordo nem discordo	4 Concordo em parte	5 Concordo totalmente
1. Quando meu(minha) parceiro(a) olha para alguém, me sinto insegura(o).					
2. Quando alguém liga para meu parceiro(a) e fica conversando horas, fico desconfiada(o).					
3. Fico desconfiada(o) quando meu(minha) parceiro(a) elogia alguém.					
4. Quando meu(minha) parceiro(a) abraça alguém sinto raiva					
5. Sinto desconfiança quando meu(minha) parceiro(a) viaja sozinho(a).					
6. Quando posso, arrumo uma forma de ver as ligações recebidas/ feitas e/ou as mensagens no celular do meu(minha) parceiro(a).					

ANEXO D
ESCALA TRIADE SOMBRIA

INSTRUÇÕES. Por favor, avalie sua concordância ou discordância com cada item usando as seguintes diretrizes:

1. ____ Costumo manipular os outros para conseguir o que quero
2. ____ Costumo usar enganações ou mentiras para conseguir o que quero
3. ____ Costumo bajular as pessoas para conseguir o que quero.
4. ____ Costumo explorar outras pessoas para meu próprio benefício.
5. ____ Eu tendo a ter falta de remorso.
6. ____ Costumo não me preocupar com a moralidade de minhas ações.
7. ____ Eu tendo a ser insensível ou indiferente.
8. ____ Eu costumo ser cínico.
9. ____ Eu tendo a querer que os outros me admirem.
10. ____ Eu tendo a querer que os outros prestem atenção em mim.
11. ____ Eu tendo a buscar prestígio ou status.
12. ____ Costumo esperar favores especiais dos outros.

ANEXO E - ESCALA DOS CINCO GRANDES FATORES DE PERSONALIDADE

INSTRUÇÕES. A seguir encontram-se algumas características que podem ou não lhe dizer respeito. Por favor, escolha um dos números na escala abaixo que melhor expresse sua opinião em relação a você mesmo e anote no espaço ao lado de cada afirmação. Vale ressaltar que não existem respostas certas ou erradas. Utilize a seguinte escala de resposta:

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo em parte	Nem concordo nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente

Eu me vejo como alguém que ...

- ___ 01. É conversador, comunicativo.
- ___ 02. É minucioso, detalhista no trabalho.
- ___ 03. É assertivo, não teme expressar o que sente.
- ___ 04. Insiste até concluir a tarefa ou o trabalho.
- ___ 05. Gosta de cooperar com os outros.
- ___ 06. É original, tem sempre novas idéias.
- ___ 07. É temperamental, muda de humor facilmente.
- ___ 08. É inventivo, criativo.
- ___ 09. É reservado.
- ___ 10. Valoriza o artístico, o estético.
- ___ 11. É emocionalmente estável, não se altera facilmente.
- ___ 12. É prestativo e ajuda os outros.
- ___ 13. É, às vezes, tímido, inibido.
- ___ 14. Pode ser um tanto descuidado.
- ___ 15. É amável, tem consideração pelos outros.
- ___ 16. Tende a ser preguiçoso.
- ___ 17. Faz as coisas com eficiência.
- ___ 18. É relaxado, controla bem o estresse.
- ___ 19. É facilmente distraído.
- ___ 20. Mantém-se calmo nas situações tensas.
- ___ 21. É curioso sobre muitas coisas diferentes.
- ___ 22. É sociável, extrovertido.
- ___ 23. É cheio de energia.
- ___ 24. Faz planos e os segue a risca.
- ___ 25. Tem uma imaginação fértil.
- ___ 26. Fica tenso com frequência.
- ___ 27. É engenhoso, alguém que gosta de analisar profundamente as coisas.
- ___ 28. Fica nervoso facilmente.
- ___ 29. Gera muito entusiasmo.
- ___ 30. Tende a ser desorganizado.
- ___ 31. Gosta de refletir, brincar com as idéias.
- ___ 32. Tende a ser quieto, calado.
- ___ 33. Tem poucos interesses artísticos.
- ___ 34. É sofisticado em artes, música ou literatura

ANEXO F

ESCALA DE AFETOS NEGATIVOS

Instruções. Por favor, responda o quão mais descrevem seus sentimentos e emoções passadas e presentes. Use a escala de respostas abaixo e marque com um X.

1	2	3	4	5
Não me descreve	Me descreve parcialmente	As vezes me descreve	Me descreve frequentemente	Me descreve muito
01-Muitas vezes, eu fico nervoso.			1 2 3 4 5	
02 – Tenho me sentido cansado nos últimos meses.			1 2 3 4 5	
03 – Ando muito preocupado nos últimos tempos.			1 2 3 4 5	
04 – Me sinto culpado por coisas que eu fiz no passado.			1 2 3 4 5	
05 – Fico zangado quando sou contrariado.			1 2 3 4 5	
06 – As pessoas dizem que sou mal-humorado.			1 2 3 4 5	
07 – Ultimamente ocorreram situações em que senti muita raiva de algumas pessoas.			1 2 3 4 5	
08 – Eu me irrita facilmente.			1 2 3 4 5	
09 – Nos últimos tempos ocorreram situações em que me senti humilhado.			1 2 3 4 5	
10-Tenho me sentido triste ultimamente			1 2 3 4 5	

ANEXO G
QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO:

FINALMENTE, gostaríamos de saber algumas informações sobre você:

1. Idade: _____anos
2. Sexo:
 - ☐ Masculino
 - ☐ Feminino
3. Estado civil:
 - ☐ Solteiro(a)
 - ☐ Casado(a)/União estável
 - ☐ Divorciado(a)/Separado(a)
 - ☐ Viúvo(a)
4. Escolaridade
 - ☐ Ensino superior incompleto
 - ☐ Ensino superior completo
 - ☐ Pós-graduação
5. Qual seu grau de religiosidade? *Circule a resposta.*
Nada religioso (a) 1 2 3 4 5 Totalmente religioso (a)
6. Em comparação com as pessoas da sua cidade, você diria que sua família é da classe socioeconômica (*circule*):
Classe baixa 1 2 3 4 5 Classe alta
7. Quantas horas passa por dia você passa acessando a internet?
 - ☐ Menos de 1 hora
 - ☐ De 1 a 2 horas
 - ☐ De 3 a 4 horas
 - ☐ De 4 a 6 horas
 - ☐ Mais de 6 horas
8. Quantas horas passa por dia você passa no celular?
 - ☐ Menos de 1 hora
 - ☐ De 1 a 2 horas
 - ☐ De 3 a 4 horas
 - ☐ De 4 a 6 horas
 - ☐ Mais de 6 horas

ANEXO H MANUSCRITO PUBLICADO (ARTIGO 1)

Abuso digital nos relacionamentos amorosos: uma revisão sobre prevalência, instrumentos de avaliação e fatores de risco

Abuso digital en las relaciones amorosas: una revisión sobre prevalencia,
instrumentos de evaluación y factores de riesgo

Cyber Dating Abuse: A Review of Prevalence, Evaluation Instruments
and Risk Factors

Jaqueline Gomes Cavalcanti*
Maria da Penha de Lima Coutinho**

Doi: <http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.6888>

Resumo

Com o avanço da tecnologia, uma nova forma de agressão entre casais tem emergido, o abuso digital nos relacionamentos amorosos. Embora seja um fenômeno recente, tem despertado interesse de estudos devido as suas implicações negativas. Nesse sentido, o objetivo dessa revisão foi fazer um levantamento de pesquisas empíricas relacionadas ao abuso digital nos relacionamentos amorosos, conhecendo suas prevalências, instrumentos de avaliação e fatores de risco associados. Foram encontrados e analisados 39 artigos referentes aos últimos 10 anos (2008-2018). Os resultados apontaram para uma ampla variação na prevalência desse fenômeno; além de distintas formas de operacionalizá-lo. Em termos de medidas de avaliação, verifica-se um maior uso de instrumentos de autorrelato, não obstante, a

maioria desses não relataram parâmetros psicométricos. Também verificou-se que esse fenômeno emerge como um fenômeno psicossocial, podendo ser ocasionado por fatores de risco de diversas ordens, tais como: sociodemográficos; relativos ao relacionamento; familiares, psicológicos, relacionados às percepções, normas e crenças. Ademais, ao longo deste artigo foram feitas diversas sugestões de pesquisas futuras.

Palavras-chave: violência por parceiro íntimo, abuso digital nos relacionamentos amorosos, agressão virtual, tecnologia.

Resumen

Con el avance de la tecnología, una nueva forma de agresión entre parejas ha emergido: el abuso digital en las relaciones amorosas. A pesar de ser un fenómeno

* Professora do Instituto de Educação Superior da Paraíba. Correio eletrônico: gomes.jaqueline@gmail.com

** Coordenadora do curso de Psicologia do Instituto de Educação Superior da Paraíba.

Para citar este artigo: Cavalcanti, J. G., & Coutinho, M. P. L. (2019). Abuso digital nos relacionamentos amorosos: uma revisão sobre prevalência, instrumentos de avaliação e fatores de risco. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 37(2), 235-254. Doi: <http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.6888>

ANEXO I

CARTA DE ACEITE DA REVISTA PSICO USF (ARTIGO 2)



jaqueline gomes <gomes.jaqueline@gmail.com>

Decisão editorial: 114-18 - aceite para publicação

1 mensagem

Revista PsicoUSF <revistapsico@usf.edu.br>

13 de maio de 2019 10:42

Para: jaqueline gomes <gomes.jaqueline@gmail.com>, Maria da Penha Coutinho <mplc Coutinho@gmail.com>, andernascimento@gmail.com, adri.vlp8@gmail.com

Prezados Autores,
Jaqueline Gomes Cavalcanti;
Maria da Penha de Lima Coutinho;
Anderson Mesquita do Nascimento;
Adrielle Vieira de Lima Pinto

Agradecemos o interesse em publicar na Revista PsicoUSF o artigo intitulado "Propriedades Psicométricas do Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos", registrado sob o número 114-18. Informamos que o referido artigo será publicado no volume 25, número 2 de 2020.

Reafirmando nosso compromisso de servir como um fórum de discussão e compartilhamento da produção científica da Psicologia brasileira e seguindo a tendência mundial de divulgação aberta do conhecimento, gostaríamos de convidá-lo a publicar seu artigo em idioma estrangeiro, seja Inglês ou espanhol. Ressaltamos que cabe ao autor pesar aspectos quanto à visibilidade de sua produção pelo público-alvo e, então, decidir em qual língua publicar. Na qualidade de convite, a Revista Psico-USF coloca-se à disposição para indicar tradutores, guardando a liberdade de escolha do autor. No caso dos autores optarem por um tradutor que não tenha sido indicado pela revista, é necessário que, no envio do artigo em língua estrangeira à revista, seja enviada também uma declaração do serviço prestado, atestando a expertise do tradutor. O envio da versão traduzida deve ocorrer em até 60 dias.

Colocamo-nos à disposição.

Att,
Gustavo H. Martins
Assistente Editorial

PsicoUSF

Comissão Editorial
revistapsico@usf.edu.br

Prof. Dr. Rodolfo A. M. Ambiel - Editor